

Expediente

REVISTA ADVIR

Publicação da Associação
de Docentes da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro - Asduerj.
Registro ISSN 1518-3769
Rua São Francisco Xavier, 524,
1º andar, Bloco D, Sala 1026, Maracanã
Rio de Janeiro/RJ - CEP 20550-013.
(21) 2264-931421 / 2334-0060 / 2334-0511
www.asduerj.org.br • asduerj@asduerj.org.br

DIRETORIA BIÊNIO 2011/2013

Presidente: Guilherme Mota
I Vice-Presidente: Maria de Fátima Almeida
II Vice-Presidente: Décio Rocha
I Tesoureiro: Luiz Claudio de Santa Maria
II Tesoureiro: Antonio Rodrigues
I Secretário: Bruno Deusará
II Secretário: Juliana Fiúza

FICHA TÉCNICA

Jornalista: Sérgio Franklin
Revisão de textos e fotografia: José Luis Souza
Produção Editorial e Edição Visual: Leila Braile
Impressão: RA Mandula Gráfica e Editora
Tiragem: 2000 exemplares

SECRETARIA DA ASDUERJ

Secretária
Arlete Cândido
Agente Administrativo
Erick Cândido
Apoio
Zita Alves

DISTRIBUIÇÃO (GRATUITA)

Aos filiados da Asduerj; Associações
e Seções Sindicais filiadas ao Andes-SN;
Institutos de Pesquisa e Ensino Superior;
Bibliotecas Públicas.

CONSELHO EDITORIAL

Décio Rocha
Deise Mancebo
João Araújo Ribeiro
João Pedro Vieira
Luiz Claudio de Santa Maria

CONSELHO CONSULTIVO

Adriana Facina (História/UFF)
Antonio Celso Pereira (Direito/UERJ)
Bruno Corrêa Meurer (Biologia/USU)
Carlos Alberto Mandarin (Biologia/UERJ)
Cláudia Mônica dos Santos (Serviço Social/UFJF)
Décio Rocha (Linguística/UERJ)
Eurico Zimbres (Geologia/UERJ)
Franceline Reynaud (Farmácia/UFRJ)
Francisco Portugal (Psicologia Social/UFRJ)
Gustavo Krause (Literatura/UERJ)
Heliana Conde (História da Psicologia/UERJ)
Jader Benuzzi Martins (Física/UERJ)
José Augusto Quadra (Nefrologia/UERJ)
José Carlos Pinto (Engenharia Química/UFRJ)
Josefina Lanzi de Zeitune (Linguística/UNT/Argentina)
Jussara Cruz de Brito (Saúde do Trabalhador/ENSP)
Lená Medeiros (História/UERJ)
Lilian Nabuco (Comunicação/UERJ)
Luciana Maria Almeida de Freitas (Educação/UFF)
Luiz Sebastião Costa (Engenharia/UERJ)
Luiz Satoru Ochi (Computação/UFF)
Maria Beatriz David (Economia/UERJ)
Miguel Angel de Barrenechea (Educação/UNIRIO)
Rose Mary Serra (Serviço Social/UERJ)
Rubens Luiz Rodrigues (Educação/UFJF)
Solange Cadore (Química/UNICAMP)
Wang Shu Hui (Materiais/USP)
Yves Schwartz (Ergologia/UP/França)

EDITORES RESPONSÁVEIS

Décio Rocha
Luiz Claudio de Santa Maria

ORGANIZADORA DO CONTEÚDO SOBRE NELSON WERNECK SODRÉ

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Política editorial e normas para submissão de textos

Política editorial

A Revista ADVIR é uma publicação semestral editada pela Associação de Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ASDUERJ), cujo objetivo é divulgar produções científicas nacionais e estrangeiras.

Os textos enviados para ADVIR devem ser inéditos. A critério do Conselho Editorial, excepcionalmente poderão ser aceitos textos para republicação.

Todo material recebido será submetido a, pelo menos, dois pareceristas do Conselho Consultivo, que decidirão, em caráter definitivo e com base em critérios científicos, sobre sua publicação ou não, ficando a critério do Conselho Editorial definir em que edição e seção da revista isto ocorrerá, tendo em vista apenas critérios de adequação editorial.

O Conselho Consultivo poderá sugerir ao autor modificações de estrutura ou de conteúdo, bem como rejeitar os trabalhos. É do(s) autor(es) a inteira responsabilidade pelo conteúdo do material enviado, inclusive a revisão gramatical e adequação às normas de publicação. Os autores serão contatados para envio do resultado do parecer.

Os trabalhos deverão ser redigidos em português ou espanhol.

Os trabalhos deverão ser enviados unicamente por *e-mail* para o endereço: <asduerj@asduerj.org.br>.

A submissão de textos deverá ser realizada, impreterivelmente, até o prazo estipulado e previamente divulgado nos editais de chamada de artigos da Revista Advir.

Os seguintes arquivos deverão ser enviados, separadamente, no mesmo *e-mail*: 1) nomeado como DADOS AUTOR, o arquivo deve conter os dados de identificação do autor (nome, titulação, função e/ou cargo, unidade e departamento, endereço eletrônico, residencial e comercial, telefones para contato; 2) nomeado como TRABALHO 01, o trabalho sem identificação do autor, inclusive nas autorreferências ao longo do texto, que deverão ser substituídas por “XXX”; 3) nomeado como TRABALHO 02, o trabalho com identificação do autor.

Normas para submissão de textos (Reprodução parcial da ABNT NBR 14724:2011)

Formato

Os textos devem ser digitados em folha A4, cor preta, podendo utilizar outras cores somente para as ilustrações.

As margens devem ser: para o anverso, esquerda e superior de 3 cm e direita e inferior de 2 cm; para o verso, direita e superior de 3 cm e esquerda e inferior de 2 cm.

Deve-se utilizar a fonte Times New Roman, tamanho 12, para todo o trabalho, inclusive capa, excetuando-se citações com mais de três linhas, notas de rodapé, paginação, dados internacionais de catalogação na publicação, legendas e fontes das ilustrações e das tabelas, que devem ser em tamanho menor e uniforme.

Espaçamento

Todo texto deve ser digitado com espaçamento 1,5 entre as linhas, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, que devem ser digitados em espaço simples. As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por um espaço simples em branco.

Notas de rodapé

As notas devem ser digitadas dentro das margens, ficando separadas do texto por um espaço simples de entre as linhas e por filete de 5 cm, a partir da margem esquerda. Devem ser alinhadas, a partir da segunda linha da mesma nota, abaixo da primeira letra da primeira palavra, de forma a destacar o expoente, sem espaço entre elas e com fonte menor.

Citações

Apresentadas conforme a ABNT NBR 10520.

Siglas

A sigla, quando mencionada pela primeira vez no texto, deve ser indicada entre parênteses, precedida do nome completo.

Equações e fórmulas

Para facilitar a leitura, devem ser destacadas no texto e, se necessário, numeradas com algarismos arábicos entre parênteses, alinhados à direita. Na sequência normal do texto, é permitido o uso de uma entrelinha maior que comporte seus elementos (expoentes, índices, entre outros).

Ilustrações

Qualquer que seja o tipo de ilustração, sua identificação aparece na parte superior, precedida da palavra designativa (desenho, esquema, fluxograma, fotografia, gráfico, mapa, organograma, planta, quadro, retrato, fígura, imagem, entre outros), seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, travessão e do respectivo título. Após a ilustração, na parte inferior, indicar a fonte consultada (elemento obrigatório, mesmo que seja produção do próprio autor), legenda, notas e outras informações necessárias à sua compreensão (se houver). A ilustração deve ser citada no texto e inserida o mais próximo possível do trecho a que se refere.

Tabelas

Devem ser citadas no texto, inseridas o mais próximo possível do trecho a que se referem e padronizadas conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Referências bibliográficas

Apresentadas conforme

Seções de Advir:

PONTO DE VISTA

Serão avaliados para publicação nesta seção exclusivamente artigos sobre tema definido em Edital de chamada de artigos.

ACADEMIA

Serão avaliados para publicação nesta seção artigos referidos ao trabalho de pesquisa acadêmica desenvolvido por docentes em qualquer área de conhecimento.

ARTE E CULTURA

Publicará textos, sob as formas de resenha, crítica ou artigo, sobre temas relacionados aos campos da arte e da cultura.

ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Serão avaliados para publicação nesta seção artigos referidos ao desenvolvimento de projetos nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

**Para outras informações,
entrar em contato com a
Assessoria de Comunicação da
Associação de Docentes da Uerj.
Telefones: 2264-9314 / 2334-0060
E-mail: asduerj@asduerj.org.br**

Jornalista: Sérgio Franklin
Produção e edição visual: Leila Braile
Assistente de produção: José Luis Souza

índice

Editorial 5

Entrevista 6

Uma voz singular

Entrevista com a antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Depoimentos 15

- Valter Duarte 15
Roberto Leher 15
Tania Carvalho 16
Renato Dantas 17
Selmo Nascimento da Silva 18
João Pedro Dias Vieira 18
Geralda Rabello de Castro 18
Lucia Maria Paschoal Guimarães 19
Luiz Carlos Lima 20
Euler David de Siqueira 21
Ofélia Pereira Ferraz 22/23
Tatiana Bukowitz 24
Alcino Alves Costa 25
Icléia Thiesen 25
Marcelo Costa da Silva 26
Adelia Miglievich-Ribeiro 27
Karla Abreu Barroso e Denise dos Santos Poncio 28/29
Maria de Fátima Morais Pinho 30
Antonio Carlos do Nascimento Silva 31

Artigos 32

- Apresentação** (Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros) 32
Nelson Werneck Sodré: 1911-2011 (Leandro Konder) 35
A Geração ISEB (Neusa Fernandes) 40
Nelson Werneck Sodré e o tenentismo (Marly de Almeida Gomes Vianna) 45
O jornalista Nelson Werneck Sodré (José Marques de Melo) 50
**Incompreendido ou indesejável: Nelson Werneck Sodré,
um homem inconfessável** (Angélica Ferrarez de Almeida) 54
O Centenário de um “General do povo” e “Pai da Nação” (Olga Sodré) 59
Sodré: Uma vida de lutas (Amanda Bueno e Jordan Rodrigues dos Santos) 66
Nelson Werneck Sodré: um historiador da comunicação no Brasil (Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros) 72

Sentido de liberdade

No editorial do último número desta revista - Advir nº 26, de junho de 2011 -, lia-se na primeiríssima linha a inscrição “Há que se reinventar a democracia”. Sem qualquer receio de sermos acusados de falta de originalidade, queremos neste momento reafirmar o refrão que deu o tom do último debate e, ainda sob o signo da democracia universitária, trabalhar para a reinvenção de dispositivos que garantirão dias melhores para todos.

Neste sentido, Advir nº 27 não deixa a desejar quando tematiza a vida e a obra de Nelson Werneck Sodré, acima de tudo um dos grandes artesãos do pensamento social brasileiro e de um sentido de democracia pelo qual sempre lutaremos. Com efeito, em comemoração ao ano do centenário de Werneck Sodré, reservamos este espaço para prestar a homenagem que lhe é devida, tendo em vista sua polêmica atuação como professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME) – espaços nos quais sedimentou uma prática política à qual temos acesso por intermédio da leitura de seus 56 livros e dos quase três mil artigos que publicou em jornais e revistas.

Além de revolucionar o estudo da história e de atuar de forma sempre instigante junto à grande imprensa, como bem o comprova sua presença em veículos como *Correio da Manhã*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, dentre outros, foi um pensador que ousou perseguir um sentido de liberdade para os tempos que vivia – ousadia que nem as duras represálias que sofreu por ocasião do golpe de 1964 conseguiram arrefecer.

Na realidade, por mais que antecipemos algumas das grandes conquistas que devemos a esse brasileiro que soube inspirar gerações, quem lhe fará efetivamente justiça são os articulistas que empreenderam o gesto de render-lhe a maior das homenagens ao trazerem sua reflexão sobre momentos decisivos de sua obra – uma homenagem a Werneck Sodré e, é claro, um presente muito especial ao leitor de Advir. Dentre esses articulistas, um nome que nos é muito caro: a doutora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros – antropóloga, professora de cursos de graduação e de pós-graduação da Uerj.

Com doutorado em Ciências Sociais e tendo realizado estágios pós-doutorais em Antropologia e em Literatura, Luitgarde é o encontro da competência acadêmica, como bem o demonstram seus trabalhos no campo da antropologia brasileira, com a militância política, traço distintivo que sempre marcou sua presença na Universidade. Uma postura sempre apaixonada diante do que acreditava ser sua missão e seu compromisso ético.

Como se ainda não bastassem os motivos apresentados, Advir vem ainda oferecer ao leitor um perfil que se refaz nesta edição: artigos precedidos de resumo e de palavras-chave (em português e em inglês), normas de publicação reformuladas e um conselho consultivo que se recompõe, acolhendo a presença de pesquisadores de diversos centros de excelência do país e do exterior.

Uma boa leitura é o mínimo que podemos desejar a todos.

Luitgarde é o encontro da competência acadêmica com a militância política. Uma postura sempre apaixonada diante do que acreditava ser sua missão e seu compromisso ético.

LUITGARDE OLIVEIRA CAVALCANTI BARROS UMA VOZ SINGULAR

Edição: Sérgio Franklin Fotos: José Luis Souza



Esta edição da Advir sobre Nelson Werneck Sodré é também uma homenagem a uma das figuras mais marcantes da história recente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros. Principal responsável por este número especial da revista, a antropóloga se aposenta da Uerj em 2011, após 27 anos de uma atuação singular e independente no cotidiano acadêmico e político da universidade. A aposentadoria, porém, não se apresenta como uma saída de cena da pesquisadora alagoana. Ao contrário, o ano de 2011 tem atestado o vigor e a continuidade do seu trabalho. Ao mesmo tempo em que lança pela Edufal/Eduerj, o resultado da sua pesquisa de pós-doutorado *Nelson Werneck Sodré, um perfil intelectual*, seu legado de 30 anos como docente e pesquisadora é analisado na coletânea organizada por José Marques de Melo e Sônia Jaconi, *Luitgarde, uma voz dos silenciados* (São Paulo, Intercom, 2011). Nesta entrevista, Advir percorre a sua trajetória desde o exílio de sua terra natal, fugindo do extermínio político que preparou o golpe militar em Alagoas, seu início de carreira enfrentando os fuzis da ditadura no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, até a militância no movimento docente da Uerj nas décadas de 80 e 90. Leia o resumo da conversa a seguir.

Advir - Como se deu a sua chegada ao Rio de Janeiro?

Luitgarde: Vim para o Rio de Janeiro para fazer o vestibular. Neste momento, em Alagoas, a UDN estava preparando o golpe de 64. Em um ano, matou 64 lideranças de oposição. Três membros da minha família foram assassinados, porque eram de uma posição política contrária ao governo estadual udenista. A repressão matou os três e depois ainda colocou no jornal do pai do Collor o retrato dos outros que restaram. Acusaram todo mundo de comunista. Isso em 1961/1962.

Advir - Então tudo isto ocorreu em Maceió antes da ditadura?

Luitgarde: Em Alagoas, no sertão e em Maceió, em pleno governo João Goulart. Como dizia Otávio Brandão¹: “No Brasil só se conhece ditadura: ditadura explícita oficialmente ou ditadura disfarçada”. No governo do Jango foi onde a UDN matou mais gente. Por isso Jango caiu sem reação. No interior do país, todo mundo que era do lado dele a UDN foi matando. A gente comunicava os assassinatos ao Ministro da Justiça, que era o Abelardo Jurema, mas Brasília não fazia nada. A classe dominante é muito interessante. O Brizola criou a história da Frente Parlamentar Nacionalista. E aí os assassinos da UDN iam se intitulando: UDN Bossa Nova. Sarney, o governo de Alagoas, Teotônio Vilela, essa turma toda era UDN

Bossa Nova. Durante o governo Jango, a UDN fez o que quis e ninguém foi punido porque eles eram da Frente Parlamentar Nacionalista com Brizola. Se hoje o grupo de apoio recebe dinheiro e cargos, naquele tempo recebia proteção.

Advir - Tinham carta branca para eliminar seus opositores?

Luitgarde: E os opositores eram as bases do Jango, que foram eliminados, assim, gratuitamente. Você imagina um estado do tamanho de Alagoas, em um ano, com 64 líderes políticos mortos? Imagine os outros estados todos!

Esta é uma página da história do Brasil que precisa ser reescrita. Como as chamadas “forças progressistas” se aliaram ao que há de pior, e permitiram que as bases fossem eliminadas. Por isso, eu e meus outros irmãos viemos para o Rio de Janeiro. Já era exilada desde 63 e tenho dois irmãos exilados desde 62.

Advir - Qual era o envolvimento dos seus tios e do seu irmão, que foram assassinados com a política em Alagoas? Eram militantes políticos, membros de partidos?

Luitgarde: Não. Meu segundo irmão, que é ator de cinema, Emmanoel Cavalcanti, era militante do Partido Comunista, liderança do sindicato bancário. Foi ele quem propôs a luta pela unicidade do salário mínimo – até essa data havia salários mínimos diferencia-

¹Otávio Brandão Rego nasceu em Viçosa (AL), em 1896. Foi um dos pioneiros na defesa da existência de petróleo no subsolo brasileiro, na década de 1910. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB), ainda em 1922. Em 1930 e, em 1931, passou a viver na União Soviética. Voltou ao Brasil, em 1946, elegendo-se, no ano seguinte, vereador no Rio de Janeiro pelo PCB. Em 1948, porém, foi cassado juntamente com todos os parlamentares do PCB, após o cancelamento do registro do partido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em maio do ano anterior. Em seguida, passou a viver na clandestinidade, assim permanecendo até 1958. Voltou mais uma vez à clandestinidade em 1964, com a implantação do regime militar, só vindo a reaparecer publicamente em 1979. Morreu no Rio de Janeiro, em 1980. (Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/otavio_brandao)



**O EXÉRCITO E A POLÍCIA DO
LACERDA CORTARAM AS
COMUNICAÇÕES E ELES NÃO
SABIAM DE NADA. ESTAVAM LÁ
TENTANDO ORGANIZAR A
RESISTÊNCIA.**

dos de região para região. Ele levantou essa bandeira em Maceió no início dos anos 60. Tanto que, quando chegou 64, que veio o golpe, tive que sair a pé no 31 de março, de Copacabana até a Presidente Vargas para avisar a ele que tudo já tinha caído, porque ele estava no sindicato dos bancários. O exército e a polícia do Lacerda cortaram as comunicações e eles não sabiam de nada. Estavam lá tentando organizar a resistência.

Advir - Você veio com seu irmão?

Luitgarde: Não. Eu já tinha três irmãos aqui quando minha mãe me mandou pra cuidar deles. O que era cuidar deles? Três rapazes na cidade grande, quem vai cozinhar, lavar, passar? Então... manda a irmã. Além disso, minha mãe estava muito preocupada porque fiquei muito no interior com o irmão dela, tio Enéas, que foi morto depois que eu sai. Aí ela ficou com medo porque começaram a me ameaçar também. E seria demais para a família: uma mulher visada, porque até então só visavam os homens. Quando começaram a dizer que estava 'levando tocaia', minha mãe me mandou pra cá.

Advir - Você tinha quantos anos nessa época?

Luitgarde: 20 anos. Vim embora com o científico. Viemos para o Rio arranjar uma maneira de trazer o restante da família. Ficamos aqui na luta e só conseguimos trazê-los em 67.

Advir - Você já estava na universidade quando aconteceu o golpe?

Luitgarde: Estava na Escola de Fisioterapia e era do diretório acadêmico, diretora cultural, quando veio o golpe. Meses depois, todas as escolas refizeram seus estatutos, enquadrando os diretórios acadêmicos. Aí, o presidente do diretório acadêmico, o vice, e toda a cúpula se mandaram. Foi um vazio na Escola, que pertencia à Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR),

com o catedrático de Anatomia, Batista Neto, se blasonando de ser “Um revolucionário”, provocando “Os covardes comunistas” a se mostrarem.

Cheguei à Escola da ABBR e o diretor me chamou: “Venha cá, você aí. Do Diretório só tem você. Venha assinar o estatuto.” Aí disse: “Por que tenho que assinar? Não fui convocada, nenhum estudante foi! Não vou assinar. Ninguém me delegou o direito de assinar. Uma simples diretora cultural vai assinar o novo estatuto ditatorial para o mundo acadêmico? Eu não vou assinar isso!”

A turma da Fisioterapia não estava muito envolvida em luta política, mas na luta pelo reconhecimento da profissão, que os médicos haviam criado com a intenção de trabalho auxiliar de nível técnico.

Advir - E como você optou pelas Ciências Sociais?

Luitgarde: Em fins de 64, fui fazer o vestibular na Nacional de Filosofia. Li os editais de História e de Ciências Sociais. Ao invés de me inscrever para História, me inscrevi para Ciências Sociais, que não conhecia.

Advir - No momento da inscrição?

Luitgarde: Sim, vi os dois currículos, achei que História estava muito no passado e as Ciências Sociais estavam mais voltadas para o que havia no presente. Aí entrei. Esse curso sim. Esse curso me levava em frente. Toda a reação à ditadura. Tudo se reunia lá.

Quando eu entrei lá em março de 65 tinham várias revoluções acontecendo: tinha maconha, tinha liberdade sexual, tinham todas as lutas pontuais pela liberdade, e mais a luta política.

Advir - Como foi participar deste momento?

Luitgarde: Meu irmão Emmanoel começou a fazer cinema em 64. A partir desse tempo, na nossa casa se juntavam Geraldo Vandré, Nelson Pereira dos Santos, Guerra-Pei-

UMA SIMPLES DIRETORA CULTURAL VAI ASSINAR O NOVO ESTATUTO DITATORIAL PARA O MUNDO ACADÊMICO? EU NÃO VOU ASSINAR ISSO!





**MEU IRMÃO EMMANOEL
COMEÇOU A FAZER CINEMA EM
64. A PARTIR DESSE TEMPO, NA
NOSSA CASA SE JUNTAVAM
GERALDO VANDRÉ, NELSON
PEREIRA DOS SANTOS, GUERRA-
PEIXE, ARTISTAS PLÁSTICOS.**

xe, artistas plásticos (O irmão mais novo dos três – Nireu, era pintor, escultor e posteriormente estudante de Arquitetura). Eu conhecia esse pessoal todo por conta dos meus irmãos e da então esposa do Guerra, minha colega da Reabilitação. Através do Emmanoel, convivi com o pessoal de teatro, cinema, fotografia, movimento sindical e de partido.

Advir - O curso já era no Largo de São Francisco?

Luitgarde: Não. Era onde hoje é o Consulado Italiano, ali na Presidente Antonio Carlos, esquina com a Beira Mar. No fim de 66, a Nacional de Filosofia foi dissolvida e dela foram criados oito institutos. Fomos para a Marquês de Olinda, 64, onde já funcionava o Instituto de Ciências Sociais, um órgão de pesquisa que era separado do ensino. A Instituição de pesquisa naquele momento era dirigida pelo professor Evaristo de Moraes Filho. Foi nesse prédio da Marquês de Olinda que foi aplicado o (Decreto-Lei) 477² a alunos e professores, quando a polícia invadiu e alunos foram presos.

Eu estava na parte da pesquisa, no segundo andar do prédio, quando a polícia invadiu, à tarde. Estávamos só três pesquisadores: o professor Mauricio Vinhas de Queiroz, a professora Stela Amorim e eu, quando ouvimos uns gritos horríveis.

Quando chegamos à janela para ver o que estava acontecendo lá embaixo, a polícia já estava na nossa sala, de metralhadoras apontadas para nós, ordenando, com palavras, que descêssemos. No pátio fomos encostados na parede do prédio, sob a mira da metralhadora, enquanto eles iam prendendo os estudantes. Era uma gritaria, uma guerra tre-

²Usando as atribuições que lhe conferiu o parágrafo 1º do Art. 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, o presidente da República, Artur da Costa e Silva, publicou o DECRETO-LEI Nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, que definia infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino.

**DEU ORDEM PARA QUE NÓS
TRÊS FÔSSEMOS SOLTOS, O QUE
FOI FEITO COM GRITOS E
AMEAÇAS DE TIRO CASO
OLHÁSSEMOS PARA TRÁS.**



menda. O vice-diretor, Eremildo Viana, vestido de terno azul marinho, uma camisa branca engomada e gravata vermelha, comandava as prisões. Depois que vários estudantes estavam algemados dentro dos camburões, deu ordem para que nós três fôssemos soltos, o que foi feito com gritos e ameaças de tiro caso olhássemos para trás.

Advir - Ele dizia quem tinha de ser preso?

Luitgarde: Sim. “Esse, aquele”, e a polícia prendia. Ele olhava pra gente com a metralhadora na cara e não dizia nada. Depois de colocar quem ele queria no camburão, se virou e disse: “Pode soltar esses três.” O professor Mauricio Vinhas de Queiroz, depois daquilo teve um choque emocional, pediu demissão e foi internado. Quando saiu, foi transferido para a Universidade de Brasília, e lá morreu tempos depois. Isso era 69. Quando o AI 5 estava sendo aplicado e os estudantes não aceitaram, o Exército entrou e fechou o IFCS, ficando assim todo o resto de 69 até março de 70, quando foi reaberto já no Largo de São Francisco, com a polícia lá dentro prendendo gente, por muito tempo.

Advir - É neste momento que começa a sua carreira docente?

Luitgarde: Desde 67, era pesquisadora, mas só comecei a dar aula em 70.

Em 70 dei aula de graça um ano, só com a bolsa de pesquisadora-estudante, porque os professores principais foram todos cassados. A polícia morava lá (no IFCS), procurando gente considerada suspeita, só saía à noite quando a gente saía. O resultado é que ninguém queria dar aula lá e o curso ia fechar. Aí o diretor do Instituto, Eduardo Prado de Mendonça, convidou o Célio Borja, que era seu compadre, para dar aula de Ciência Política no IFCS para não fechar a cadeia. Célio Borja era homem da Arena, intelectual da ditadura.



SÓ FUI CONTRATADA NO FINAL DE OUTUBRO PORQUE ELE CONSEGUIU UMA VERBA E O GOVERNO SE CONVENCEU DE QUE O CURSO NÃO IA COLOCAR BOMBA NO MUNDO.

Os professores da UFF, do Museu Nacional e da PUC, ninguém queria ir lá enfrentar a polícia. Por isso o professor Prado entrou na sala dos pesquisadores e falou: “Olha, o curso de Ciências Sociais vai fechar porque não tem professor. Nem tem dinheiro para contratar, além de todos os professores recusarem.” Afonso Arinos aceitou, mas a turma tinha tal oposição, que não deixou ele dar aula. Célio Borja era “light”, maneiro, ficou dando aula de Política. Eu era formada e fui assumir turma, para trabalhar de graça; o diretor assinava os diários. Ele até publicou um artigo muito bonito em um jornal dizendo que não podia fechar o curso de Ciências Sociais, que era um absurdo, que Filosofia e História precisavam de Ciências Sociais e que não era possível Ciências Sociais sem a discussão do marxismo, que isso era empobrecer a universidade brasileira e que ele não fecharia o curso.

O diretor garantiu isso. A polícia ficava lá e ele dando atestado ideológico aos professores. Só fui contratada no final de outubro porque ele conseguiu uma verba e o governo se convenceu de que o curso não ia colocar bomba no mundo. Fiquei como auxiliar de ensino até 77, quando o Ministro da Educação, Coronel ou General Ludwig, criou o primeiro plano de carreira de docência, estabelecendo concurso obrigatório para quem estava dando aula na universidade sair ou ingressar na carreira. As pessoas que tinham sido postas na universidade fizeram o concurso obrigatório. Quem não fosse aprovado ia para rua. Foi um concurso público, extra, embora alguns protegidos, mesmo sem mestrado, tenham sido promovidos a Professor Assistente. Você estava convocado a fazer as provas para ver se você continuava ou não. E eu fiz, passei em primeiro lugar e fiquei como professora assistente, embora fosse apenas estudante do Mestrado de Ciências Sociais da USP, ainda não reconhecido pelos órgãos federais ligados ao MEC. O conjunto das disciplinas feitas valia como Especialização. A partir do concurso fui efetivada. Só no final da década de 80, início de

90, o Collor transformou todos os funcionários em estatutários.

Advir - Quando foi a sua entrada na Uerj?

Luitgarde: Fiz concurso em 1983. Quando entrei, em 1984, a Uerj era um escolão. O (professor José Eustachio) Bruno era presidente da Asduerj, mas ficava sozinho.

Advir - Você começou imediatamente a militar na Asduerj?

Luitgarde: Já tinha muita militância em Associação Docente porque havia assinado a criação do Andes e assinei a criação da Adufrj, com o Pinguelli, logo no começo da criação das associações docentes.

Quando cheguei à Uerj, para meu espanto, a Asduerj era filiada ao Sinpro, fazia parte do sindicato municipal. Não tinha conexão estadual nem federal. Então fiquei colocando na cabeça do Bruno a filiação ao Andes. Ficamos cercando o Bruno - o Roberto Abreu, o João Pedro (Dias Vieira) e eu. Nós três éramos as pessoas que o Bruno chamava, porque não tinha quase ninguém. Era muito pouca a presença por um motivo muito simples: o pessoal que tinha fundado a associação estava nos partidos: uns estavam no PMDB ou no PDT, outros no PT, outros estavam no PC do B, outros estavam trocando umas coisas com as outras e depois os partidos começaram a dar ordem. Foi quando entrei. Para mim a Asduerj tinha toda a importância do mundo porque a Uerj era um escolão. Todas as pessoas que trabalhavam na Uerj estavam lá por convite de alguém. Ninguém era concursado. Só a Asduerj não estava comprometida com alguém.

Advir – A sua militância no movimento docente já existia antes disto?

Luitgarde: Eu estava vindo do IFCS, onde cada geração viveu uma peneira de polícia prendendo, e a Uerj estava lá, começando com o Bruno um amplo combate a essa pasmaceira, com a pergunta: “Vamos nos filiar ao Andes?”. Aí fomos todos para São Paulo, depois de uma assembleia, para pedir registro naquele Congresso do Andes, cuja presidência estava com a Maria José.

**PARA MIM A ASDUERJ TINHA
TODA A IMPORTÂNCIA
DO MUNDO PORQUE A UERJ
ERA UM ESCOLÃO.**



Lembro que o Bruno filiou a Asduerj ao Andes, lá em São Paulo.

Advir – Quais eram as principais bandeiras da Asduerj nesta época?

Luitgarde: Antes da saída do Reitor Fayal, fizemos uma campanha para acabar com o contrato de 10 horas, que não permitia tempo de pesquisa. Tínhamos o contrato de 10 horas em sala de aula. Quando você pedia mais 10 horas, recebia mais turmas num contrato de 20 horas, ganhando o salário de 15 horas. Depois passou-se a ter 30 horas e só os apaniguados chegavam às 40 horas. E a Asduerj levantou a luta para o professorado ter 20 e 40 horas, mantendo 20 horas para quem só queria dar aula, como a maioria médica, da engenharia, odonto e 40 horas para quem queria criar pesquisa para os seus departamentos. A Asduerj custou a convencer a categoria à adesão.

Eu era chefe de departamento e fomos responder o desafio que o Reitor Fayal fez à Asduerj: A Uerj tem que provar que quer fazer pesquisa. Então os departamentos fizeram projetos guarda-chuva de pesquisa para alocar os projetos individuais. O reitor trouxe o professor Gerson Cota da UFRJ para dirigir a Sub-Reitoria de Pós-Graduação. Fayal, Gerson Cota, Toninho, (professor Antonio Estevam de Lima Sobrinho) – Sub-Reitor de Graduação e o Sub-Reitor de Cultura - Ivair Itagiba - fecharam com a Asduerj e fomos para o Conselho Universitário para mudar a Uerj, criando o regime de trabalho de 20 e 40 horas. Quem tivesse 40 horas, não daria mais 40 horas de aula. Teria 20 horas para pesquisa e 20 para docência. Considero que este foi o maior avanço para a Uerj, porque abriu caminho para tudo que veio depois, inclusive o Prociência, isto em 1987.

Em 88, a Asduerj participou bravamente da Constituinte em Brasília. Passou a mandar representante para todo Congresso do Andes, integrando-se ao movimento nacional docente. Em 89, a Asduerj lutou demais junto com a APSERJ (Associação de Profissionais de Sociologia do

Estado do Rio de Janeiro) para colocar Sociologia e Espanhol no Ensino Médio, na Constituição do Estado. A gente fazia reuniões memoráveis ali no Teatrão, uma luta muito bonita! Neste ano o Andes queria virar sindicato e a Uerj cedeu o espaço, com a Asduerj sediando o grande evento. Aquele lugar onde hoje tem o teatro Noel Rosa, o Prédio dos Estudantes (atual Centro Cultural da Uerj), praticamente não existia, era um espaço abandonado, que tinha sido construído originalmente para alojamento e restaurante universitário. A Asduerj, na gestão do Reitor Ivo Barbieri, foi a ele e se comprometeu a fazer pintura e limpeza dos prédios, para sediar ali o grande Congresso Nacional do Andes que discutiria a proposta de sua transformação em Sindicato. A Asduerj reabriu aquele prédio para sediar o Congresso do Andes.

Advir - Você era da diretoria da Asduerj nesse momento?

Luitgarde: Sim e também era tesoureira do evento porque a Asduerj o sediava. Nesse momento já era a gestão do Roberto Abreu como Presidente, tendo terminado o tempo do Bruno. A Deise Mancebo era secretária, eu, tesoureira, e não me lembro quem era o vice-presidente. Pela primeira vez a Uerj sediava um Congresso Nacional de luta política, que foi a votação para a Associação Nacional de Docentes de Ensino Superior virar sindicato. Foi na Uerj que se formou o Andes/Sind. Então, a Asduerj é histórica.

Neste período a luta já era também partidária, porque o PMDB, PCB, PDT e PC do B. já se engalfinhavam, enquanto o PT começava a aparecer nas lutas interpartidárias para aparelhamento das Instituições e Movimentos Populares surgidos na luta contra a Ditadura.

Então a gente enfrentou muita briga, invasão da polícia e perseguições internas. Até tentativa de se criar uma outra associação docente na Uerj, como represália à desfiliação da Asduerj do Sinpro, quando se filiou ao Andes.



Certas coisas não podem ser feitas senão com muita coragem. Assim tem sido a vida da Luitgarde, em especial a vida profissional, de professora, de antropóloga brasileira, sim, porque não é por estudar o Brasil e o seu povo que se pode dizer que se faz uma antropologia brasileira. Luitgarde faz, enfrentando, encarando quem quer desdenhar disso. Daí a minha vontade de rir quando falo o nome dela e vejo o horror nas caras dos acadêmicos entreguistas da nossa cultura, que nessa hora deixam de ser caras-de-pau. Luitgarde abala. Não tem meio-termo quando ela fala. Quem ouve ou foge apavorado ou cai na luta. E quem já está na luta se inflama, quer mais. Diz a letra do velho samba-enredo: “negros, brancos, índios, eis a miscigenação”. Pois é, quem diria que um dia o Brasil teria uma loura de olhos azuis mestiça? É a Luitgarde, esse Brasil antropológico, ilógico, fazendo da diversidade fator de integração, contrariando os esquemas fechados com que pretendem mentir a respeito das obras abertas dos grandes pensadores. Os alunos sabem disso, sentem isso; saber e sentir não se separam nessa professora antropóloga de saber e sentimentos brasileiros. Sim, se saber é sabor, saborear, e é, esse saber é com pimenta nordestina.

Valter Duarte

(Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Uerj)



Embora minha formação de origem não tenha se dado no IFCS/UFRJ, tive a ventura de conhecer Luitgarde em distintos espaços e tempos de lutas pela universidade pública comprometida com os problemas nacionais. Radical, no melhor sentido da palavra, soube, com suas pesquisas e cursos, dar voz aos nordestinos mais explorados e expropriados. Seus trabalhos falam por si de suas preocupações sociais e culturais. Títulos como “Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus”; “A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão”; “Arthur Ramos e As Dinâmicas Sociais de Seu Tempo” atestam sua contribuição para o pensamento crítico brasileiro. Toda essa bagagem teórica e o seu agir ético, ecoaram em sua militância em favor da universidade pública brasileira. Brilhante oradora, suas intervenções sempre são escutadas de modo profundo pelas plenárias. É uma companheira que nos inspira e orgulha!

Roberto Leher

(Professor da Faculdade de Educação da UFRJ)



Falar sobre a professora Luitgarde, para mim, é muito prazeroso, posso dizer que nossa história foi de aproximações. Minha memória volta-se no tempo, quando a conheci na Uerj, atuando no movimento docente. Trata-se de uma “cangaceira” na academia, com tudo o que isto possa representar: aguerrida, despuorada, corajosa, instigante. Nem sempre estivemos do “mesmo lado” ou comungamos das mesmas opiniões, mas sempre estivemos lutando pela Uerj e em prol de uma universidade pública, socialmente referenciada e de qualidade. Continuamos lutando por todas as questões referentes à causa docente e discente e, nisso, nossas vozes sempre estiveram uníssonas. O tempo foi passando... nossa convivência aumentando... nossa aproximação, também. Pude, então, desfrutar do seu habitual coleguismo e companheirismo, mas, e também, de sua preciosa amizade!

Descobri - para além da militante ferrenha que já conhecia - a mãe atenta e generosa, a mulher, a companheira do Jorge, a professora, tão querida por seus alunos, a “festeira” (como boa nordestina que é) e sua arte de receber amigos, em sua casa em Laranjeiras. Fico feliz com suas “visitas”, onde quer que eu esteja na universidade, sempre para “trocar figurinhas” sobre os rumos de nossa Uerj, sobre o movimento docente e suas reivindicações, sobre os alunos e o movimento estudantil, enfim, sobre a vida, sobre congressos, suas publicações e pesquisas, colocando em dia, assim, nossa amizade e nossa participação política. Luit sempre foi muito atenciosa comigo, companheira e amiga, especialmente em um determinado momento em que estive adoentada e fui agradecida com sua visita, em Niterói.

Recebo seus e-mails como parte das conversas que trava comigo, pontuados de questões candentes para o nosso país, sobre músicas e alguns lugares por onde ela/nós tenhamos passado.

A minha amiga Luit é, acima de tudo, uma mulher que respeito, admiro e por quem tenho imenso carinho.

Tania Carvalho Netto

(Professora da Faculdade de Educação da Uerj)

Um livro, o caminho aberto.

E o livro refez a história e se fez história por contar uma história até então mal contada: o Padre Cícero, o Juazeiro e os seus beatos e beatas.

Aí, através dele, eu me vi vivendo junto ao Padre, José Marrocos, Maria de Araújo e tantos outros que, pairando por nossas cabeças, tinham medo de junto chegarem, visto que a Igreja os pusera fora da própria Igreja que eles construíram.

O orgulho que me deu do meu povo, nosso povo, Luitgarde, quando você sobre ele escreveu, permitiu a mim e a todos que fazemos a Nação Romeira nos apossar da riqueza palpável que faz a nossa identidade ser ímpar. São as pequenas coisas: nosso modo de espiar o mundo, nossa relação com o sagrado, a nossa construção do mítico, o nosso revelar o mundo, enfim o ser nordestino, o viver o nordeste.

Lembro de sua forma incisiva de eu ir atrás do teatro de José Marrocos. De alto e bom tom dizia do mundo que ele revelava em seu pensar, em seus escritos. Muitas vezes me peguei pensando nos dramas da Paixão que ele encenava no Caminho do Horto, diante das estações da Via Sacra, revivendo Cristo, o que era, na realidade, a saga romeira. Mais ainda, as suas apresentações no povoado de Juazeiro, como extensão de seu “Pedagógico”, quando, em Francês, os alunos falavam de um novo tempo. Era um homem além do seu tempo e sintonizado de alma e corpo, com a contemporaneidade, lendo o Juazeiro e sua mística como poucos o fizeram.

Os beatos, as beatas que juntos construíram a utopia de ser diferente ante a igualdade dos pensares eurocêntricos, se fizeram artesões de um mundo melhor que o de então e, ainda hoje, encoberto no Sítio encantado da Serra do Horto, à espera de seu desvendamento pelos homens de boa vontade.

É o dito e muito mais outras coisas que “A Terra da Mãe de Deus” me revela e mostra, ainda, a sua luta em busca dos escritos guardados e escondidos em estantes e baús, cujos guardiões não queriam seu desvelo por revelarem o mundo beato, o mundo sagrado feito por mulheres e homens sertanejos, que difere e vai de encontro ao usual, forjado aos brados de barações e pregões concatenados para encantar o que você desencantou.

A sua saga, cara amiga, foi a retirada do limbo de figuras que marcaram a trajetória de Juazeiro do Norte, a terra do Padre Cícero e da Mãe de Deus.

Muito me honra, Luit, estar aqui festejando os seus setenta!

Renato Dantas

(Professor, Ator e Teatrólogo de Juazeiro)

Conheci a professora Luitgarde em 1998, nas aulas de Teoria Antropológica do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Me impressionei com a dedicação da professora, com a sua capacidade de ensinar Franz Boas, Marcel Mauss, Durkheim, Malinowski, Radcliffe-Brown, Lévi-Strauss, e tantos outros contextualizando e atualizando suas teorias; sendo capazes de encontrar no cotidiano e na própria biografia exemplos para explicar as diversas teorias das escolas antropológicas.

Minha história com a professora Luitgarde estava só começando. Depois eu tive a felicidade de trabalhar na sua pesquisa sobre o Arthur Ramos e ela aceitou ser minha orientadora na Graduação e no Mestrado.

Mas a professora Luitgarde me ensinou muito mais do que teoria antropológica e metodologia de pesquisa, me ensinou o lugar e o papel do cientista social, quer dizer, me ensinou que não basta conhecer e explicar as dinâmicas do sistema social, mas que é necessário se inserir nas lutas sociais; que não basta teorizar sobre as desigualdades sociais, mas que é necessário denunciá-las; que não basta entender as relações assimétricas de poder, mas que é necessário se insurgir contra elas.

A contribuição da professora Luitgarde para as ciências sociais no Brasil é inestimável, não só pelas suas obras, mas, principalmente, pela sua dedicação à educação e às causas sociais. Por isso, é com muita alegria que eu escrevo sobre uma amiga tão querida que eu tenho a felicidade de chamar de professora.

Parabéns Luitgarde pelos seus 70 anos.

Selmo Nascimento da Silva

(Professor de Sociologia do Colégio Pedro II)

Luitgarde é uma pessoa de um envolvimento com questões sociais de primeira grandeza, provavelmente alojadas em seu DNA alagoano, onde a injustiça social está a tona há muitos anos.

Pesquisadora incansável, não deixa de ir todos os anos à Canudos, onde Antônio Conselheiro brigou por seus princípios - não coloco em discussão onde está a verdade - e deixou uma história de resistência.

Nos tempo áureos da criação e fortalecimento da Asduerj, ou quando brigávamos pelo estabelecimento de regras democráticas na universidade, estava sempre junto, defendendo seus conceitos e suas crenças, com convicções baseadas na importância de respeito à maioria; de preferência maioria não alienada.

Mas ela também é uma pessoa de bom coração, uma boa anfitriã. Me lembro que estive em sua casa para saborear um prato nordestino. Confesso que não me lembro exatamente qual, mas tinha jerimum.

João Pedro Dias Vieira

(Professor da Faculdade de Comunicação Social da Uerj)

Na minha longa caminhada de quase 93 anos pelo planeta Terra, lá pela década dos 1970, tive a felicidade de encontrar Luitgarde, como minha professora de Antropologia, quando resolvi retornar aos estudos universitários... Tornamo-nos amigas. É um grande desafio conviver com essa grande brasileira, que é a excepcional intelectual, simples e poderosa, que muito admiro.

Agradeço a Deus por esse encontro e por essa amizade.

Geralda Rabello de Castro

(Doutora em Psicologia)

Conheci Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, em 1969, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, quando eu frequentava o segundo ano do curso de graduação em História. Ela acabara de ingressar no corpo docente do Departamento de Ciências Sociais. Não fui sua aluna, mas chegamos a conversar algumas vezes, no café do seu Tolentino, onde a jovem professora costumava marcar presença, sempre cercada de numerosos discípulos. Naquela época, o Instituto ocupava um centenário casarão da rua Marquês de Olinda e as salas de aula situavam-se em um galpão anexo, no fundo do terreno. Tempos difíceis aqueles. Embora não fossemos atletas, possuíamos um preparo físico invejável e corríamos bastante, pois volta e meia, a polícia nos fazia uma visita, nada cordial.



Passadas quase duas décadas, nossos caminhos voltariam a se cruzar, doravante, nos corredores na Uerj, como professoras do IFCH. A partir daí acompanhei de perto a carreira bem sucedida da antropóloga e estudiosa do pensamento social brasileiro. Em 2005, a convergência de interesses de pesquisa levou-nos a um novo envolvimento acadêmico, desta feita no Projeto Memória do Saber, do CNPq. Luitgarde voltada para a atuação de Arthur Ramos e eu para a de Francisco Adolfo de Varnhagen. Por sinal, estamos aguardando, ansiosamente, o lançamento dos respectivos livros.

Apesar de lecionarmos na mesma instituição e de morarmos em bairros vizinhos, nossa convivência estreitou-se ao longo de diversos congressos e eventos internacionais, a que comparecemos. O último, aliás, ocorreu em setembro passado, na Espanha. Mas, na minha lembrança, permanecem mais vivas as experiências que compartilhei com Luitgarde no leste europeu, nos anos que se seguiram ao colapso do sistema soviético. Recordo-me bem de uma excursão a São Petersburgo, patrocinada pela Academia de Ciências, em 1994, ao final do congresso de americanistas de Estocolmo. Foi uma viagem interessantíssima, cheia de peripécias e que nos deu a oportunidade de descortinar um mundo misterioso que só conhecíamos através de livros.

Espírito inquieto e combativo, depois de se ter consagrado à vida universitária, Luitgarde, por certo, irá se dedicar a novos projetos. E, quem sabe, à moda de Geertz, a antropóloga perspicaz e observadora venha a nos oferecer uma descrição densa daquelas aventuras?

Lucia Maria Paschoal Guimarães

(Professora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Uerj)

Luitgarde Cavalcanti - a Santana do Ipanema

*“A alma é semelhante a aranha;
o corpo seria a sua teia”*

Heráclito

Luitgarde Cavalcanti foi minha professora de Antropologia no IFCS da UFRJ nos anos 70. Não era nada fácil ser professora nesta época em plena ditadura, assim como também não era nada fácil ser estudante. Nós, estudantes, não tínhamos acesso aos nossos mestres, mesmo quando os achávamos interessantes. Havia um fosso entre os segmentos e não era apenas uma questão geracional. Este fosso ou esta fossa: era o Medo. Algumas professoras do IFCS, ainda cultivavam uma certa aproximação com os alunos e estas eram as melhores aulas: Filomena (América Latina); Luitgarde (Introdução a Antropologia); Nara (Sociologia) e Vanúzia (Antropologia). Dos professores, apenas dois mantinham o nosso interesse: José Américo Pessanha (Filosofia) e Gerd Bornheim (Filosofia). No mais eram apenas os labirintos do IFCS e as trevas da ditadura.

O único lugar onde ainda havia uma certa possibilidade de diálogo eram os bares, e estes se transformaram no nosso recesso filo-anarco-político, principalmente os “pés sujos”.

Nos arredores do Largo de São Francisco havia uma verdadeira topofilia desses pés sujos, e saíamos correndo das aulas para nos abrigar e paquerar e principalmente conspirar, contra certos professores e mesmos alguns alunos que considerávamos estranhos. Destas mesas conspiratórias, participavam, se não falha a amnésia do tempo: Adamastor Câmara Ribeiro, João Pacheco, Cacau, Luiz Caldas, Carlos Eduardo Wagner “O Campista”, entre outros.

A professora Luitgarde, além de manter-nos dentro do terreno da antropologia de Lévi-strauss a Godelier, nos levava para o território das suas pesquisas sobre a cultura brasileira e principalmente nordestina. Nesta conjuntura do tempo, ainda conseguimos editar uma Antologia de Poesia e uma Revista do IFCS, financiadas pelo Centro Acadêmico Edson Luiz (CAEL), onde a professora Luitgarde Cavalcanti colaborou com um artigo.

Depois de alguns anos reencontrei a professora Luitgarde como colega uerjiana: eu dando aulas no Instituto de Letras e ela, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Várias vezes participamos de colóquios e simpósios, ora na literatura, ora na sociologia. Era sempre a mesma, exibindo a “teima” nordestina aos seus princípios de rigor e honestidade pedagógica, como uma Santana do Ipanema.

Luiz Carlos Lima

(Professor do Instituto de Letras da Uerj)

Conheci Luitgarde como militante na Asduerj no ano de 1988 e mais tarde como minha professora no curso de ciências sociais. Como integrante da diretoria da Asduerj, Luitgarde me ensinou como jamais abandonar ou colocar em segundo plano os compromissos docentes no lugar da ação política.

Lembro-me de Luitgarde como uma professora generosa. Em minha monografia de conclusão de curso ela me dizia que eu fazia também poesia, como não se impressionar com isso?! Como ela, eu e muitos outros de seus ex-alunos tornamo-nos professores. Luitgarde sempre nos dizia que a militância política não poderia prescindir do estudo e do conhecimento teórico.

Lembro-me de Luitgarde chamando-me à frente da sala para falar de Marcel Mauss, um autor de quem gosto até hoje. Sem que eu soubesse ao certo, ela me preparava à docência e lhe serei eternamente grato por isso. Exemplo de dedicação e competência, afinal, qual professor que atua em uma associação de docentes pode ao mesmo tempo ensinar com afinco, pesquisar e publicar fartamente e militar com ética e vontade?!, Luitgarde tem seu merecido lugar no rol dos grandes mestres do ensino universitário brasileiro.

Euler David de Siqueira

(Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Social da UFJF)



A história de Luitgarde se confunde com a Luta em defesa da Sociologia no Ensino Médio

Luit, como seus alunos a conhecem, foi uma das professoras mais atuantes e amiga dos alunos, que eu pude ter. Luitgarde convida os seus alunos para reuniões em sua própria casa. Nos liga para saber como estamos, para felicitar quando de nossas vitórias ou para desejar um Feliz Natal. A história de Luit se confunde com a história do Curso de Ciências Sociais da UERJ e com a luta em defesa da Sociologia no Rio de Janeiro. É uma defensora da pesquisa social brasileira, uma referência quando se trata de estudos como Os Sertões de Euclides da Cunha, A Guerra de Canudos, Padre Cícero, Josué de Castro, o Cangaço, entre outros. Estou relacionando apenas os estudos que fizeram parte de minha formação acadêmica.

Tive o prazer de ter sido aluna da professora Luitgarde na Uerj, mas, anteriormente, conheci sua forte atuação na luta pelo ensino da Sociologia no Ensino Médio.

Em 1989 o Brasil estava na efervescência da reabertura política. Era o momento de luta para a implantação da Sociologia no Ensino Médio. O governo ditatorial havia proibido o ensino de Sociologia e Filosofia nas escolas secundaristas, salvo algumas federais como os colégios Pedro II, mas sob forte vigilância. Nós sabíamos como era importante a introdução da Sociologia, pois fomos alijados desse direito enquanto alunos secundaristas.

O mercado de trabalho mais abrangente para os formandos em Ciências Sociais era o magistério, mas não havia obrigatoriedade do ensino da Sociologia nas escolas secundaristas. Então, estávamos nos formando para dar aula de História, Geografia, OSPB e Ed. Moral e Cívica, jamais Sociologia.

A obrigatoriedade da Sociologia no Ensino

Os ventos sopravam a favor, então recorremos à Emenda Popular na luta para introduzir a obrigatoriedade da Sociologia na Lei Orgânica do Estado. Esta vitória já havia ocorrido no Rio Grande do Sul, "[...] e não há qualquer impedimento legal, quer na Constituição Federal, quer na Lei de Diretrizes e Bases", salientou a professora Moema Toscano, do Instituto Beneti (Botafogo), em seu discurso na Alerj. O Rio de Janeiro não poderia ficar de fora desse avanço político.

Em novembro de 1989, foi publicado no Boletim da Apserj, Papo de Sociólogo, a nossa vitória. O primeiro passo foi dado e a luta não terminou.

Em 1993, a Secretaria Estadual de Educação abriu o segundo concurso público para admissão de professores de Sociologia. As vagas eram mínimas, pois a Sociologia não tinha representatividade na Grade (atual Matriz Curricular), dois tempos na Terceira Série. A educação no Brasil tinha uma tendência de afunilamento, com poucas turmas de Terceira Série.

O Concurso de 1993 foi para atendimento dos Ginásios Públicos, e a carga horária era de 40 horas. Os professores eram contratados para cumprimento de uma jornada em sala de aula de 22 horas. Mas a Carga horária da Sociologia não atendia esta demanda, então éramos obrigados a dar aula também de Geografia e História para complementação da carga horária:

A Luta - Estruturação da Ação: Mudanças de Governo X Mudanças Educacionais

- 1993 - Implantação dos Ginásios Públicos: A Grade Curricular (atual matriz), 1 tempo equivale às 1h30min (Primeiro Ano). A Rede Regular mantém a Grade com 2 tempos na Terceira Série. 1 tempo equivale 50min. Governo PDT/Leonel de Moura Brizola.
- 1996 - Fim do Projeto dos Ginásios Públicos e Diminuição do Tempo da Sociologia de 2 tempos para 1 tempo - (Mantém a Disciplina na Terceira Série).
Governo PSDB/Marcelo Alencar.

A luta prosseguiu firme, pois em 1996 era ano de aprovação dos Dispositivos Educacionais (Saboia X Darcy Ribeiro), que decidiriam pela implantação da Nova LDB. Enviamos várias cartas abertas às entidades de participação popular (OAB, CNBB...) para pressionar os Deputados na Defesa pela Implantação da Sociologia no Ensino Médio em todo o território nacional. Tivemos uma vitória, mas apenas com os conteúdos, não a obrigatoriedade das Disciplinas: Sociologia e Filosofia.

A Luta Estabelecendo Força - Seminário em Defesa do Ensino de Sociologia no Segundo Grau - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. O Seminário foi um sucesso.

Cerca de vinte dias após o evento se formou uma Comissão com dois professores da Academia: Luitgarde Cavalcanti e Dílson Motta (Uerj), Ofélia Ferraz (GP 175, José Lins do Rego, São João de Meriti, RJ) e Olga Assis (João Daltro, Bangu), que foi recebida pelo Secretário de Educação Álvaro Crispim (Governo de Marcelo Alencar/PSDB), que se disse consciente do problema, mas não podia fazer nada, pois como rezava a Letra da Lei 9394/96 a Nova LDB, os conhecimentos já estavam diluídos nas Ciências Humanas, proposta do mundo contemporâneo.

Perdemos a Batalha, mas não a Guerra!

A luta existia, mas não tinha representatividade, salientou a professora Luitgarde. "Um grupo de professores de Ensino Médio que luta o Salão Nobre da Assembleia Legislativa, e que participou ativamente das lutas vitoriosas pela implantação da Sociologia no ensino Médio em 1989 e 1990. A partir de 1995, estiveram numa permanente vigília cidadã pelo cumprimento do artigo 314 da Constituição Estadual do Rio de Janeiro, organizando seminários, abaixo assinados, negociações com autoridades visando garantir as conquistas da Apserj. Este grupo está preparado para reativar a Apserj".

Foi nesse clima que colegas apontaram o enfraquecimento de nossa luta, e que deveríamos retomar os encontros e a lucidez de Luitgarde, Decana da luta pela Implantação da Sociologia no Ensino Médio, que convocou uma Assembleia Extraordinária com alunos e professores. No dia 16 de dezembro de 1998 foi reativada a Apserj (Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro).

Lembro que a luta foi travada por companheiros: professores secundaristas, professores ou intelectuais orgânicos, como Santo Conterato (UFF) e Luitgarde Cavalcanti (Uerj) e colegas graduandos, principalmente da Uerj e da UFF.

Ofélia Pereira Ferraz

(Professora de Sociologia da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro)

Os Clássicos

Aos dezenove, nascida em Petrópolis provinciana de universidades tradicionais, deixei o sossego da Serra, o conforto da casa dos pais. Era 1996. Ingressei no curso de Ciências Sociais da Uerj deixando para trás o *status quo* para acatar o que minha intuição apontava: o estático não faz parte das sociedades humanas: nelas residem mais as transformações, a crítica, a curiosidade, a crise, a contestação e a criatividade. Contudo, como estudante deste curso, constatei que todo ambiente acadêmico-científico apresentado como vanguarda retém o sossego da tradição e o peso do conservadorismo. Uma tradução desses elementos do passado cristalizou-se na imagem lenta que veio pelos longos corredores universitários. Estatura baixa, tez alva como os cabelos, armação de óculos antiga, vestimenta de linho cru de rendado nordestino. Bolsas cheias, livros e pastas nos braços. Em passadas solitárias, tão silenciosas quanto leves, a senhora frágil adentra a sala de aula dos alunos recém-chegados. O estereótipo frente a nossos olhos fez-nos crer estarmos diante da serenidade, quietude e estagnação. Vagarosamente, apóia na mesa o que carrega, senta-se, observamos. Éramos mais de trinta. Subitamente, coloca-se de pé. Transfigura-se aquela forma caricata que esboçamos minutos anteriores. Vinham, em cada palavra dita, a esperança da chuva que salva a seca do sertão, o questionamento revolucionário, o desconforto de verdades censuradas, exigência de dedicação no estudo e pesquisa, reivindicação do compromisso de cada um com o destino que nos daríamos. As frases vinham do mesmo modo, a cada encontro: impregnadas dos calejados pés, fissurados, caminhantes de estradas tortuosas, pedregosas, enlameadas. Era experiência vivida, suor com lágrima de espinho fincado, de rosa recebida. A leitura antropológica que realizamos era plena de significado: chegávamos a ela pelas mãos de um Clássico. Sim, no melhor de todos os sentidos, tivemos a honra de estudar presencialmente com um Clássico da antropologia. Os Clássicos das ciências são incômodos em seu tempo. São aqueles que no silêncio de suas pegadas deixam impregnados os questionamentos fundamentais, o desconforto da incerteza, o imperativo da pesquisa crítica a ser realizada com olhar aguçado e alma destemida. Os verdadeiros Clássicos das ciências reconhecem, respeitam, valorizam e estudam as obras de seus mestres antecessores. Reportam-se a elas com a humildade dos jovens. Nesse exato viço juvenil permitem-se discuti-los, desafiá-los, colocá-los a prova e, se necessário for, fazer seus mestres serem ouvidos - pois que muitos deles foram calados. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros meu Clássico vivo: agradeço-lhe, por desde cedo, impregnar-me do fértil desconforto típico dessa maldição dos Clássicos.

Tatiana Bukowitz

(Professora do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II)

Ver a minha amada mestra Luitgarde no blog do Cariri Cangaço me deixou emocionado. Tenho por esta maravilhosa senhora um carinho, respeito, consideração, gratidão e um amor desmedido. A ela eu devo tudo que sou pelas caminhadas nas veredas do sertão, ras-tejando o cangaço e Lampião. Quando ninguém, nem eu, acreditava em um dia os meus simplórios escritos fossem nem ao menos conhecidos, imagine editados, Jesus me enviou um anjo que me chegou na forma de uma nobre senhora e esta iluminada mulher fez com que o impossível acontecesse. A edição de um livro. Foi assim que nasceu o "Lampião além da versão - mentiras e mistérios de Angico".

A minha mestra Luitgarde, como se fosse, e é, um anjo bom e maravilhoso em minha vida, não só deu-me força e alento para que eu conseguisse realizar algo tão impossível, correu atrás de meios e condições para a feitura daquilo que eu jamais acreditava, e assim nasceu o Lampião além da versão e outros livros. Minha mestra! Jesus, em sua celestial bondade, esteja sempre ao seu lado. Tenha certeza, minha mestra, jamais, em tempo algum, eu esquecerei tudo que a senhora, gratuitamente, fez por mim. Jesus lhe abençoe.

Eu te amo, minha luz, minha mestra.

Alcino Alves Costa O Caipira de Poço Redondo

Nota da Redação: Reproduzimos a seguir a mensagem encaminhada pela professora Luitgarde em que apresenta Alcino Alves Costa:

"Alcino é um poeta repentista sertanejo, cujo tio materno foi do bando de Lampião. Ele tem o 3º ano primário e uma inspiração do tamanho do sol do Nordeste.

É o maior pesquisador de cangaço que se possa imaginar. Conheci-o em 1992, num Simpósio numa cidade alagoana às margens do São Francisco Ele falava sobre Lampião, eu sobre Padre Cícero e um médico, com 90 anos, sobre Delmiro Gouveia. O evento, o primeiro da cidade, começou às 7h da noite, na antiga estação de trem da cidade de Piranhas, com a população toda reunida, cada um trazendo seu banco, fazendo pergunta, torcendo e aplaudindo. O povo só foi para casa quando o dia amanheceu. Considero a maior experiência de 'ensino X aprendizagem' que vivi; foi um arraso!!!

Em 1995 fui à cidade de Alcino, Poço Redondo, no sertão de Sergipe, entrevistá-lo sobre cangaço, já que de sua cidade partiu a maior arregimentação de cangaceiros do bando de Lampião. Chegando lá, ele me hospedou na casa de uma das 5 mulheres que possuía (3 naquela cidade e duas em Aracaju), me entregou um volume de mais de 600 páginas datilografadas, sem ponto, sem vírgula e sem numeração, e desapareceu. Uma semana depois voltou e me encontrou estarecida. Numerei tudo, fiz as pontuações e enchi um caderno de citações, para por em minha Tese de Doutorado.

Chamei-o de maluco, 'entregando o ouro ao bandido', me entregando tudo que eu podia usar como descobertas e escritas minhas. Ele chorou e disse que eu fora enviada pelo Padre Cícero para ajudá-lo a transformar aquilo em livro. Em 1995, recebi uma ajuda decisiva de um titular de pediatria da Medicina da Universidade Federal de Sergipe, meu anfitrião, que conseguiu a publicação, desde que eu editasse o livro e escrevesse uma apresentação, me responsabilizando pela qualidade da obra. Foi publicado nesse ano, e o citei repetidas vezes em minha Tese, em 2007.

O resultado dessa história, é esta 'Declaração de Amor'".

Convidada para dar um depoimento livre sobre a professora Luitgarde - Luit para os mais próximos, previda pela aposentadoria, percebi que teria dificuldades em encontrar um caminho para dizer, em poucas linhas, o que ressalta de sua trajetória, nos onze anos de nossa convivência, tanto em atividades acadêmicas, quanto nos momentos menos formais das festas, viagens de trabalho e comemorações. Sempre pontuada pelo trabalho diuturno, sua vida cotidiana também se divide com reuniões de amigos, alunos, companheiros e familiares, com quem partilha ideias e projetos entre as paredes de sua casa. Acompanhar esse ritmo não é para todos e, pessoalmente, recusei trabalhos e festas em várias ocasiões. Nossa amizade nasceu das relações de trabalho. Atraída pelos estudos da memória e da história oral que eu desenvolvia na UNIRIO, juntou-se à equipe de pesquisadores com sua experiência de antropóloga, contribuindo para reflexões novas de um antigo ofício de sua especialidade. Depois de algum tempo, "acertamos os ponteiros" metodológicos e seguimos em frente. Dessa experiência nasceu "Vozes do Porto: Memória e História Oral", que organizamos juntas. Por outro lado, juntei-me a ela atraída pelos estudos sobre Euclides da Cunha, Arthur Ramos e outros temas desenvolvidos por pesquisadores americanistas. Dessa segunda linha de interesses intelectuais comuns, lançaremos neste 2012 o livro "Arthur Ramos", da Coleção Memória do Saber - Fundação Miguel de Cervantes, da Biblioteca Nacional. Minha admiração por Luitgarde se deve, sobretudo, ao seu perfil de luta como mulher que se debate contra a opressão masculina, que grita para conquistar seu espaço e às vezes parece colocar tudo em jogo para se fazer ouvir! Atrás dessa aparente fortaleza de pedra e cal se esconde uma pessoa extremamente sensível, solidária e singular, em busca de si mesma. Junto-me aos seus amigos para brindar os 70 anos que se avizinham e prometem ainda muito movimento!

Icléia Thiesen
(Professora Associada da UNIRIO)

Professora Luitgarde: 70 anos de dedicação e luta na educação pública

Nestas breves linhas, não fugirei à tradição dos relatos sobre professores e professoras que marcaram nossa trajetória educacional. E o faço com muita satisfação e orgulho, nesta homenagem aos 70 anos de vida da grande intelectual orgânica e professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Conheci a professora Luitgarde em 1993, como aluno numa disciplina obrigatória de antropologia, no segundo ano do curso de bacharelado em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na ocasião, comecei a perceber a dedicação daquela professora nas aulas e nos debates que se seguiam, sempre com muito respeito e atenção às considerações de alunos que há pouco tinham ingressado na universidade. No ano seguinte, fiz uma disciplina optativa e o destaque foi a leitura de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, clássico sobre a campanha de Canudos – tema do qual a professora Luitgarde é uma das maiores especialistas mundiais –, que foi analisado com o auxílio do instrumental teórico do marxista italiano Antonio Gramsci. Foi um dos momentos marcantes da minha graduação.

O ano de 1994 foi especial também por outros dois motivos. Estávamos em ano de campanha presidencial e de eleições para a direção do IFCS e muitos debates aconteceram por ocasião destas duas disputas eleitorais, todos com a forte presença da professora Luitgarde. Como sabemos, o resultado presidencial fez com que, logo no ano seguinte, fossem retomadas, com força, as contra-reformas neoliberais inauguradas por Collor de Mello em 1990, com destaque para a contra-reforma da Previdência, em 1995, a primeira de uma série de ataques do governo Fernando Henrique Cardoso aos trabalhadores brasileiros. No IFCS, os dias também não seriam dos melhores... Neste contexto, alguns professores e professoras se aposentaram no IFCS/UFRJ e os alunos desta universidade deixaram de ter o prazer do aprendizado e da convivência diária com a professora Luitgarde, que, no entanto, continuou lecionando e pesquisando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), para a sorte de seus estudantes e professores.

O engajamento na luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade, além da dedicação ao ensino e à pesquisa nas Ciências Sociais são qualidades que a professora Luitgarde sempre demonstrou (e continua demonstrando) para todos que conviveram e convivem com ela. Aprendi e continuo aprendendo com você, minha mestra!

Marcelo Costa da Silva

(Professor de Sociologia do Colégio Pedro II e da Faetec)

Luitgarde, sobrevivente, sempre

Fui aluna de Luit na graduação em Ciências Sociais da Uerj. Conheci-a melhor quando, anos mais tarde, vim a compor os esforços hercúleos de uma associação de sociólogos, sobretudo, licenciados, que enfrentavam os desafios para o efetivo ingresso da Sociologia como disciplina na rede de ensino do Rio de Janeiro, vez que a então Apserj lutara com êxito pela sua justa obrigatoriedade nos currículos de ensino médio, de onde havia sido expurgada nos anos de repressão política. Os professores, então no ensino médio, perguntavam-se como uma professora com sua estrada e titulação poderia ser-lhes a companheira solidária em lutas das quais ela não se beneficiaria pessoalmente. Calados, respiravam fundo ao dizerem: “Só Luit!”. Não só, é fato. Ao seu lado, estava o saudoso amigo e professor Santo Conterato. Contudo, também para ela houve o momento de se afastar do *front* na aposta em, quiçá, novas lideranças. A antropóloga, discípula de Arthur Ramos, conhecera seus ideais pelas mãos de Dona Marina. Confidenciou-me momentos preciosos de sua VIDA quando estava eu dissertando em minha tese de doutorado, no PPGSA-IFCS-UFRJ, acerca dos tempos pioneiros das ciências sociais cariocas e destacava Marina São Paulo de Vasconcellos, formadora de gerações e gerações de antropólogos. Luit fizera parte da turma graduada em 1968 no recém-criado IFCS e sabia, como todos que naqueles anos de chumbo nenhum aluno teria se formado, nem talvez vivo estivesse hoje, não fosse o desapego, a coragem e a integridade com que Marina de Vasconcellos “cuidara” de seus alunos e emprestara à cátedra de antropologia a aura e o rigor que contagiavam os alunos. A Antropologia que abraçou, pois, vinda de Ramos, marcava-se por seu caráter aplicado como instrumento valioso de ascensão do povo brasileiro. Também ela “cuidou” de sua mestra, cassada pelo AI-5, cansada e doente, com suas outras aptidões: Luit era, antes de ingressar nas Ciências Sociais, já fisioterapeuta. Nascida em 1941, em Santana do Ipanema, município encravado no sertão do “polígono da seca” em Alagoas, de memória dolorosíssima, adotou ou foi adotada pelo Cristo Redentor da cidade do Rio de Janeiro, aqui chegando sobrevivente das perseguições assassinas dos governos que, desde o início dos anos sessenta, preparavam o Golpe de 1964. Luitgarde Oliveira era, sim, uma sobrevivente, com pressa, para que outros não morressem se isto dependesse da energia de seu trabalho e de sua indignação. Ao lado dela, era impossível esquecer que o objeto de estudo das ciências sociais é a realidade, que grita, mas não é ouvida por tantos, o que contribui para os muitos silenciamentos (forçados) na história. Foi ela quem me ensinou que conhecer o mundo e as gentes, compromissados profundamente com o respeito à diferença e o fomento de laços solidários é missão intelectual, que não depende de eventuais financiamentos – alguns sequer justificados do ponto de vista da *res* pública. Também foi ela a me dizer que professores nunca abandonam alunos. Obrigada, Luit ... que Arthur Ramos, Josué de Castro, Guerreiro Ramos, Werneck Sodré a “cutuquem” sempre ... e você leve avante seus protestos!

Adelia Miglievich-Ribeiro

(Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PGCS) e em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo.)

“Tenho amigos que não sabem o quanto são meus amigos. Não percebem o amor que lhes devoto e a absoluta necessidade que tenho deles... E eu poderia suportar, embora não sem dor, que tivessem morrido todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos!... Se um deles morrer, eu ficarei torto para um lado. Se todos eles morrerem, eu desabo! Por isso é que, sem que eles saibam, eu rezo pela vida deles...”

(Sant’Ana, Paulo. *O Gênio Idiota*. Porto Alegre, editora Mercado Aberto, 1993.)

Assim Paulo Sant’Ana se refere aos amigos e tomo emprestadas as suas palavras para iniciar nossa relação de afeto e amizade com a professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Há pessoas de quem nos sentimos (e gostamos de sentir) sempre alunos. São pessoas que atingiram um nível na profissão que permanecem sempre como uma referência. Há pessoas que para além da técnica nos indicam padrões de comportamento, através da postura ética com que estão na profissão. Pessoas, cuja influência ultrapassa a nossa vida profissional, e passam para outros afetos.

Luitgarde é uma dessas pessoas a que temos o privilégio de poder contar com seus ensinamentos, reflexões, conselhos e estima. Sempre com muita disponibilidade para os amigos e para todos aqueles que desejam conhecer mais e aprender.

Conhecemos a Professora Luitgarde há vinte anos. Era o início dos anos noventa. Ingressávamos na Universidade do Estado Rio de Janeiro para o curso de História. Sala lotada, porta aberta com carteiras que ultrapassavam o limite daquele espaço e uma senhora de cabelos, já quase que totalmente brancos, segurando a saia, numa posição, no mínimo suspeita, mas muito engraçada (a saia tinha descosturado). Aquela senhora entretinha a todos com o que falava e tirava dos alunos muitas gargalhadas, admiração e despertava grande interesse. Daquele contato, aparentemente desprezioso ou necessário por força da própria circunstância, nascia, em nós, o desejo de estreitar nossas relações, ainda que naquela época, fossem apenas de caráter acadêmico.

Cursamos outras disciplinas ministradas por ela, entre elas estava uma sobre Canudos e que representou para nós um divisor de águas. As aulas daquele curso despertaram em nós o desejo em aprofundar nosso conhecimento sobre o assunto e, mais tarde, nos levou a realizar a pesquisa para nossa monografia de final de curso e bolsa de iniciação científica sobre o mesmo tema, sob sua orientação. Aí nascia uma grande amizade que ultrapassou o limite da academia.

Durante o processo de pesquisa para o projeto de iniciação científica e monografia estreitávamos nossa amizade e aprendíamos pesquisar, escrever, história, sociologia, antropologia, culinária, coisas do cotidiano, entre outras tantas coisas. Foram

muitas manhãs, tardes e noites sentadas em sua sala ou comendo em sua cozinha para estudar devidamente alimentadas!

Luitgarde ou Luit, como é para nós, não foi apenas a professora e orientadora. Foi, já naquela época, assim como é hoje, uma grande amiga. Generosa, leal, companheira e que nos proporcionou grandes oportunidades, sejam profissionais ou pessoais.

Sempre atenta a aniversários, ocasiões especiais, nunca descuidou um presente, uma lembrancinha de viagem, um parabéns. Guardamos bem guardados todos os objetos recebidos, assim como as histórias de vida contadas. São recordações para se guardar!

Com ela também desabafamos e trocamos confidências das nossas vidas. Recebemos o exemplo de mulher forte e sertaneja que é, que sabe o que quer e não se deixa ir abaixo por nada. Vimos os seus cabelos brancos aumentarem de dia para dia, mas vimos também sua força de viver crescer na mesma proporção.

Hoje, na qualidade de professoras da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro tentamos despertar em nossos alunos o mesmo gosto e a paixão por conhecer mais. Somos tão mais que os números estampados nos jornais, alardeando tragédias, ou ainda, muito mais que falsas estatísticas de sucessos duvidosos que cisam em empurrar para o povo. Inúmeros projetos. Tantas definições... Tão poucos resultados. Nosso olhar de professora, depois de tantos anos, ainda busca o que existe além do espaço que ocupamos na escola.

“Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma. Felicidade se acha é só em horinhas de descuido”, afirma Guimarães Rosa em uma de suas obras (ROSA, Guimarães. Tutaméia – Terceiras Estórias, 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2001, p. 60.) e que nós gostamos, particularmente. Aliás, gostamos demais de Guimarães Rosa e vivemos repetindo suas frases por aí. Aquela felicidade que se encontra nas “horinhas de descuido”. E foi assim. Afastada dos compromissos mais urgentes, andando em sua companhia pelos corredores da Uerj, sentada à mesa da cozinha, comendo um de seus deliciosos quitutes, conversando sobre a vida, recebendo seus conselhos e estímulos, ouvindo música ou recebendo seus “puxões de orelha” que encontramos parte dessa felicidade citada por Guimarães Rosa.

Karla Abreu Barroso

(Professora de História e Filosofia da Rede Municipal e Estadual do Rio de Janeiro)

Denise dos Santos Poncio

(Professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro)

A professora Luitgarde Barros é uma nordestina do interior de Alagoas que tem prestado um importante papel no estudo dos fenômenos sociais, religiosos, antropológicos do povo nordestino. Como tantos outros migrantes do Nordeste, mudou-se para o chamado “sul maravilha” em busca de novas oportunidades e lá estabeleceu-se até os dias atuais, tornando-se uma das mais importantes pesquisadoras do país. Apesar de encontrar-se distante de sua terra natal há muitos anos, nunca cortou o cordão umbilical com sua região, dedicando-se a estudar e compreender o povo nordestino.

Neste sentido, em sua pesquisa de mestrado, realizou trabalho minucioso que resultou num dos mais importantes livros sobre o fenômeno da devoção nordestina ao Pe. Cícero Romão Baptista, publicado no final da década de oitenta com o título “A terra da mãe de Deus”. Já em sua segunda edição, é hoje, indubitavelmente fonte obrigatória para todos aqueles que pretendem debruçar-se sobre o estudo do Nordeste em seus mais variados aspectos: economia, política e, sobretudo, a devoção popular.

Posteriormente, na sua tese de doutorado, voltou-se para compreender outro fenômeno que, igualmente, marcou a história do Nordeste: O Cangaço.

Pesquisadora dedicada, detalhista, sagaz optou por não pautar sua pesquisa apenas em fontes documentais, mas, procurou ouvir os protagonistas ainda vivos que fizeram parte da história do Nordeste naquela ocasião, sobretudo, àqueles nordestinos mais pobres e devotos do Padim Ciço, sabendo ouvir não apenas sua voz, mas, sobretudo, sua alma e o seu coração.

Ainda que se tornando uma grande intelectual e pesquisadora, domiciliada há muitos anos na “cidade maravilhosa” e percorrendo o Brasil e o mundo participando de congressos e simpósios, ministrando palestras acerca de temáticas diversas, dentre outras coisas não perdera seu jeito nordestino de ser, acumulando, ao longo do tempo em que se dedicara à pesquisa, um vasto conhecimento sobre a história do Nordeste e suas peculiaridades, revelando-se uma excelente contadora de histórias.

Porém, o que é mais importante ressaltar na pessoa, pesquisadora e intelectual Luitgarde, simplesmente “Luit” para nós, seus seguidores, é o seu compromisso e comprometimento com o desenvolvimento de novas pesquisas que versem sobre a região e a formação de novos pesquisadores. Nesse sentido, sempre que fora solicitada a dar sua contribuição como pesquisadora, antropóloga, intelectual colocou-se à disposição, participando de boa parte dos grandes e até pequenos eventos acadêmicos ou não realizados no Nordeste, tais como: os três simpósios internacionais sobre o Pe. Cícero realizados pela URCA, encontros acadêmicos, seminários, debates, palestras etc.

Diferentemente de inúmeros estudiosos seu trabalho não se limitara a empreender, tão-somente, uma pesquisa de mestrado, doutorado e obter uma titulação. Na verdade, Luitgarde criou e desenvolveu com a região do Cariri, principalmente com a história do pe. Cícero e do Juazeiro, uma relação que transcendia a atividade de pesquisa propriamente dita. Na década de oitenta, por exemplo, contribuiu de forma decisiva nos primeiros anos da então criada Universidade Regional do Cariri - Urca, prestando assessoria técnica e acadêmica na formação do Instituto José Marrocos de Pesquisa e Estudos do Cariri - IPESC. Na mesma medida, coordenou pesquisas importantes, orientou jovens pesquisadores e cooperou, indubitavelmente, na preservação de um relevante acervo de fontes documentais e orais sobre a história da região, mais especificamente sobre a história do juazeiro e do Pe. Cícero.

Pode-se afirmar, portanto, que o trabalho da professora Dra. Luitgarde Barros a respeito da região nordestina, sobre o Cariri, sobre o Juazeiro, sobre o Pe. Cícero foi, é e será marco fundamental na historiografia brasileira sobre o Nordeste, assim como um referencial indispensável para aqueles que se interessam em investigar o assunto.

O Nordeste e, especificamente o Cariri, portanto, tem muito o que agradecer e aprender com esta nordestina “arretada de boa” que é a professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

Maria de Fátima Morais Pinho

(Professora de História da Universidade Regional do Cariri - Urca
e Diretora do Instituto de Pesquisas José Marrocos - Urca)



Homenagem de Antonio Carlos do Nascimento Silva, aluno do terceiro ano do ensino fundamental da Escola Municipal Raja Gabaglia, quando a professora Luitgarde lá realizava palestra, em 09/09/2008.

Artigos

NELSON WERNECK SODRÉ: UM PENSADOR BRASILEIRO

Apresentação

Neste ano de 2011 o escritor, crítico literário, combatente das causas nacionais, General Nelson Werneck Sodré, completaria um século de vida. Nascido em 1911, desde 1924 o pensador se dedicou à vida intelectual e militar, publicando na imprensa durante setenta e cinco anos.

Foi professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME), mas sua militância de toda a vida foi a “causa nacional”, pela qual desenvolveu riquíssima produção de cinquenta e seis livros e cerca de três mil artigos em jornais e revistas.

Em duas instâncias também se destacou: revolucionou o estudo e a escrita da história, desenvolvendo o “Projeto História Nova” e inaugurou as pesquisas em Comunicação, publicando o livro “História da Imprensa no Brasil”, sua mais prestigiada obra, referência em toda Escola de Comunicação país afora.

Como militar, enfrentou os embates das lutas pela autonomia do país, para ele sempre espoliado pelo imperialismo. Sua preocupação libertária caracterizou-o como um dos mais atuantes pensadores do nacionalismo e da cultura brasileira. Teve papel importante como responsável pela “Revista do Clu-

be Militar”, na ação dos militares na Campanha “O Petróleo é Nosso”. Afastando-se do magistério na ECEME para compor chapa com o General Horta Barbosa na disputa daquela instituição, enfrenta o grande confronto vivido pelos brasileiros de todas as classes sociais, dos sindicatos às universidades, “a luta pela autonomia energética do país” como condição de desenvolvimento econômico e social e libertação do imperialismo.

Os pensadores brasileiros foram, então, divididos, na percepção dos civis, entre reacionários (os que defendiam a exploração do petróleo pelo capital estrangeiro) e progressistas (defendiam a exploração dos recursos naturais do país pelos brasileiros).

No Clube Militar, as forças armadas, em plena repressão do Governo Dutra, enfrentavam-se em torno da polêmica adesão irrestrita do governo e setores civis e militares à política do Departamento de Estado dos EUA, na Guerra Fria. A ala de Juarez Távora e Cordeiro de Farias, representando a ideologia de Dutra, defendia não só a entrega do petróleo às companhias estrangeiras, como a entrada do Brasil na guerra da Coreia. Naquela instância institucional fortemente dividida, as alas em choque se classificavam como “entreguistas” e “comunistas”, resultan-

Nelson Werneck Sodré



Fonte da foto:
Acervo da Fundação
Biblioteca Nacional

do o confronto em disputas ferozes, com o governo utilizando o poder de estado para transferir para as fronteiras e locais distantes, em verdadeiros exílios, os oficiais opositores. Sodré, derrotada a chapa do General Estilac Leal, por ele defendida, é transferido para Cruz Alta, guarnição no extremo do Rio Grande do Sul, durante cinco anos, onde responde a inquérito militar.

A essa atuação de luta na caserna corresponde sempre, para o pensador, um avanço no mundo da cultura, através de artigos enviados impreterivelmente toda semana para o Correio Paulistano, onde publicou, durante vinte e cinco anos, cerca de mil e trinta textos, principalmente na coluna por ele nominada “Rodapé Literário”. Partindo do pressuposto de que é dever do intelectual aperfeiçoar-se no domínio da língua e da arte de escrever, para levar aos leitores visões críticas da realidade, contribuindo para o fim da alienação, Sodré realiza a tarefa incomum de publicar cerca de três mil artigos. Além da atuação na grande imprensa, em veículos como *Correio da Manhã*, *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *Diário de Notícias* e *Correio Paulistano*, depois dos oitenta anos, escreveu em vários jornais de pequeno porte, para ele a alternativa ao desaparecimento progressivo de jornais críticos.

Sodré escreveu também para as principais revistas do país, como *Civilização Brasileira*, *Diretrizes* e *Digesto Econômico*. Nesta última, dialogou, na tentativa de convencimento, com os setores empresariais do Brasil, principalmente o grupo paulista, do qual a revista era expressão.

Vivendo o período do governo Fernando Henrique Cardoso quando atingiu os oitenta anos, dedicou-se, com energia juvenil, ao combate e à denúncia da globalização e do neoliberalismo, para ele termos novos para

mascarar o sempre Imperialismo. Chamou a atenção para o processo de empresariamento monopolizador da imprensa, que fez desaparecer os jornais críticos que dialogavam com os leitores através de jornalistas autores de colunas opinativas.

Combatendo a privatização do patrimônio estatal brasileiro, ataca FHC como o governo mais entreguista e mais espoliador dos recursos naturais do Brasil. Deste período são os livros: *A Farsa do Neoliberalismo* (Graphia, 1999 – 6ª edição) e *Tudo é Política* (Org. Alves Filho, Ivan – Mauad., 1988).

Outro importante papel desse autor foi o aprofundamento do estudo do pensamento social brasileiro, naquilo que ele desenvolveu criticamente no livro *Ideologia do colonialismo* (ISEB, 1961).

Homem de reconhecida erudição, de caráter elogiado até por seus perseguidores, atuou ao lado do General Lott nas ações pela posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek de Oliveira, e na Campanha da Legalidade pela posse do vice-presidente João Goulart. Quando este governante, cedendo a pressões de opositores do Coronel Nelson Werneck Sodré entre os militares, anunciou-lhe mais uma “transferência-punição”, o militar sentiu-se traído e passou para a reserva, na patente de General.

A partir dessa decisão, assiste-se a sua dedicação exclusiva ao mundo intelectual, até 1999, quando cessa a luta em várias frentes desse brasileiro que as novas gerações têm o direito e o dever de conhecer.

No golpe de 1964 Sodré foi preso, tendo cassados seus direitos políticos.

Os artigos que se seguem são nossa homenagem à sua memória.

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros
Organizadora desta seção em homenagem a
Nelson Werneck Sodré

Nelson Werneck Sodré (1911-2011)*

Leandro Konder

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Doutor em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo

Este artigo tem por objetivo fazer a descri o e a aprecia o crítica de duas obras de Nelson Werneck Sodré, *O fascismo cotidiano* e *Capitalismo e revolu o burguesa no Brasil*. Deste modo, são descritas as teses de Sodré sobre a sociedade brasileira e a história da propriedade da terra. Konder sustenta que, em *Capitalismo e revolu o burguesa no Brasil*, Sodré reafirma suas teorias sobre o monopólio da terra no Brasil, desenvolvidas, inicialmente, em *Forma o histórica do Brasil* (1962). Destaca, ainda, da obra do historiador, jornalista, escritor, militar e intelectual, dois volumes de seu *Memórias de um soldado* (1967) e o primeiro volume das *Memórias de um escritor* (1970). O trabalho relata também fases da atua o política e da vida acadêmica do autor, a visão de opositores e as rea o es de Sodré, suas influências, bem como sua notória participa o no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré, Cultura Brasileira, História do Brasil.

Abstract

This article aims to make the description and the criticism of two works published by Nelson Werneck Sodr , *O fascismo Cotidiano* and *Capitalismo e Revolu o Burguesa no Brasil*. Thus, Sodr 's theses on Brazilian society and the history of land ownership were described. Konder argues that, in the work entitled *Capitalismo e Revolu o Burguesa no Brasil*, Sodr  reaffirms his theories on the monopoly of land in Brazil, developed initially in the work entitled *Forma o histórica do Brasil* (1962). Konder also highlights the work of this historian, journalist, writer, military and intellectual, two works entitled *Memórias de um Soldado* (1967) and the first volume of *Memórias de um escritor* (1970). The paper also reports the stages of political action and Sodr 's academic life, as well as his view of Sodr 's opponents, his reactions, his influences, and also his notorious participation in the Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB).

Keywords: Nelson Werneck Sodré, Brazilian Culture, History of Brazil.

O primeiro dos dois volumes recém publicados*, *O fascismo cotidiano*, reúne algumas desprezíveis anotações feitas a partir da leitura de jornais e revistas, ao longo de 1976, no período em que a ditadura militar já apresentava claros sinais de crise e abria espaço para o avanço de um processo de transição que viria a ser, como sabemos, conduzido de cima para baixo.

Em 1976 Nelson Werneck Sodré estava chegando aos 65 anos. Já tinha escrito e publicado dois volumes de suas recordações: *Memórias de um soldado* (1967) e o primeiro volume das *Memórias de um escritor* (1970), em edição da Civilização Brasileira. Na introdução de *O fascismo cotidiano* ele evocou o caminho que percorrera e concluiu: “sinto que completei já minha tarefa de escritor”. E acrescentou, com certa melancolia indisfarçável: “Já não tenho condições para as longas, pacientes, minuciosas pesquisas. É por isso que deixei de lado a obra, prometida desde a mocidade, sobre a propriedade e sua história aqui: não me foi possível consultar as fontes indispensáveis. Não posso, agora, retomar estudos, menos ainda pesquisas, para aquele projeto. Abandonei-o, pois. E já não tenho outros”.

No segundo dos dois volumes publicados agora, entretanto, o historiador mostra, de modo eloquente, que não desertou da arena onde vem travando tantos combates pela vida afora e continua sustentando seus pontos de vista. *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*. Reafirma a análise da sociedade brasileira desenvolvida no livro *Formação histórica do Brasil*, que apareceu originalmente em 1962. Para Néelson, “só malevolência e ignorância poderiam acusar as teses levantadas naquele livro de esquemáticas”.

Néelson se mostra inabalavelmente convencido de que o monopólio da terra (“o latifúndio feudal”) constituiu a base de um “feudalismo não-codificado”, do qual se beneficiavam as oligarquias provinciais e estaduais, controladoras do poder político. Tivemos na nossa sociedade uma dinâmica em que primeiro se estabeleceu um modo de produção escravista, depois se deu uma “transição regressiva” para o modo de produção feudal e, afinal, ocorreu a passagem para o modo de produção capitalista. Claro que essa sucessão não se realizou aqui tal como se realizara na Europa: “o processo brasileiro difere inteiramente do modelo do Ocidente europeu, que é o modelo clássico”. No entanto – adverte o historiador – o fato de nos afastarmos de um “paradigma” que nos aprisionaria a um esquema formal estreito não justifica que abandonemos o “método, quer dizer, o meio imprescindível para alcançarmos o conhecimento científico.

Alguns autores – que, para horror de Néelson Werneck Sodré, passam por marxistas – asseguram que no Brasil, no período que ele caracteriza como feudal, já era capitalista. Néelson reage com bem humorada irritação, declarando sentir em face dessa afirmação a mesma surpresa que teve o professor quando um aluno “afirmou que a palavra *aqui* era

* Na publicação original, Konder introduzia seu texto da seguinte maneira: “Nelson Werneck Sodré, historiador veterano, ensaísta combativo, está lançando este ano dois novos títulos pela Editora Oficina de Livros: *O fascismo cotidiano* e *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*. É uma boa ocasião para lembrarmos aqui algo da rica e movimentada trajetória deste fecundo escritor e intelectual íntegro, que suscitou – e ainda suscita – tantas controvérsias apaixonadas.”

verbo e, instado a conjugá-lo no presente do indicativo, não titubeou, recitando: eu aqui, tu ali, ele acolá, nós na frente, vós atrás, eles no meio”.

A piada é boa, porém não basta para descartar as dúvidas (e) e as objeções; e Néelson sabe disso. Uma vasta experiência no campo das batalhas políticas e das polêmicas literárias lhe endureceu a pele, mas não anestesiou sua sensibilidade. O apreço por suas próprias ideias e a firme disposição de defendê-las em combate não impedem o ensaísta de refletir sobre a força que podem ter os argumentos alheios.

Na dialética da cultura, o ponto de vista mais avançado deve incorporar, no seu enriquecimento, no seu aprofundamento, o que há de mais estimulante do ponto de vista mais estreito (e por isso mais atrasado). Néelson, que nasceu numa família de escritores, viveu num ambiente culto e desde cedo se dedicou à literatura, tem plena consciência dessa exigência da busca de conhecimento.

Ainda nos anos 30, o moço que havia nascido em 1911 e cursado o Colégio Militar, se dispôs a utilizar uma metodologia “materialista” na abordagem das relações entre a literatura e a sociedade brasileira e escreveu o livro *História da literatura brasileira. Seus fundamentos econômicos* (publicado em 1938). Retomou suas concepções pouco após, numa *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*, lançada em 1943. Insurgindo-se contra o “critério nominativo” e sua “precariedade” (contra a transformação das histórias da literatura em uma vasta coleção de nomes de escritores), teve a audácia de examinar os movimentos da literatura sem mencionar os nomes dos autores das obras literárias. Tratou de observar os fenômenos culturais em conexão com “os processos de produção”, reconhecidos como “influenciadores de todos os rumos sociais, de todas as características de um povo, de que a manifestação literária não é mais do que uma sensível exteriorização”.

Essas formulações indicam, certamente, contato de Néelson com preocupações sociológicas; e sugerem a existência de fontes de “esquerda” na formação de seu pensamento. Mas o historiador estava longe de ter adotado posições de esquerda conseqüentes, naquele período. Ele mesmo diria, mais tarde, que seu livro *Panorama do Segundo Império* (1939) era “um livro conservador, com evidentes laivos reacionários”. E, referindo-se a *Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*, afirmaria que o livro mostrava “quão fracos” eram, então, os seus “conhecimentos de materialismo histórico e da dialética marxista” (ambas as avaliações autocríticas se acham nas *Memórias de um escritor*).

Na organização da perspectiva teórica de Néelson Werneck Sodré foram significativas as influências de autores materialistas vulgares como Haeckel e Buechner, que na época tinham notável ressonância nos intelectuais brasileiros de esquerda. Creio que foi somente nos anos cinquenta que o historiador aprofundou seus estudos de literatura marxista e reformulou suas posições. E, de qualquer maneira, é certo que em suas atividades no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), durante o quinquênio presidencial de Juscelino Kubitschek, Néelson já se mostrava amplamente familiarizado com o pensamento de Marx e de Engels.

Outra coisa: na terceira edição, integralmente refundida, da História da literatura brasileira, lançada pela José Olympio em 1969, o autor não só se apóia em Marx, como também, pioneiramente no Brasil, se serve das teorias do marxista húngaro Georg Lukács, classificando-o como “um crítico autorizado”.

A segunda metade dos anos cinquenta e o começo dos anos sessenta representam, na trajetória de Néelson Werneck Sodré, um período de intensíssima atividade pública: além dos cursos que ministra, ele publica um ensaio sobre “O Tratado de Methuen”, outro sobre “As classes sociais no Brasil”, o livro *Introdução à Revolução Brasileira*, o livro *A ideologia do colonialismo*, o texto de uma conferência a respeito das *Raízes históricas do nacionalismo brasileiro* e o famoso estudo sobre a *Formação histórica do Brasil*, onde está desenvolvida a tese do feudalismo no Brasil, que deu ocasião para tão áspersos debates. Nessa mesma época, ele organizou um grupo de jovens historiadores que se dispunham a produzir um material didático que difundisse uma visão crítica das transformações ocorridas na sociedade brasileira, estimulando uma consciência democrática, necessária à luta contra as deformações elitistas e violentamente autoritárias que as classes dominantes têm imposto às nossas instituições.

Com o golpe de Estado de 1964, Néelson e seus colaboradores foram rudemente golpeados. O ISEB foi fechado. Os jovens historiadores que participavam do projeto “História nova do Brasil” foram presos. O próprio Néelson amargou uma temporada numa prisão militar.

Os novos tempos, sombrios, sinistros, não conseguiram, entretanto, reduzir o historiador ao silêncio. Sua voz insistia em se fazer ouvir. No próprio ano do golpe – 1964 – apareceu o livro *História da burguesia brasileira*. No ano seguinte foram lançados vários volumes: *Ofício de escritor*, *O naturalismo no Brasil*, *As razões da independência* (com “orelhas de Astrojildo Pereira) e *História militar do Brasil*. Em 1967 saiu a *História da Imprensa no Brasil*, acompanhada das *Memórias de um soldado*. E em 1970, acompanhando o primeiro volume de *Memórias de um escritor*, foi lançada uma *Síntese da história da cultura brasileira*. A bibliografia do escritor crescia, assumia dimensões importantes, dando testemunho não só do prosseguimento dos seus estudos como também da sua vontade de resistir à onda obscurantista.

Os anos setenta foram anos sofridos, difíceis. A esquerda, derrotada, dividida, enfraquecida, precisou enfrentar o desafio de repensar, dramaticamente, sua avaliação dos ideais do socialismo, seus métodos e suas ideias a respeito da sociedade brasileira. Néelson foi visto, então, muitas vezes, como o principal símbolo do pensamento corporificado no Partido Comunista Brasileiro (PCB). As críticas ao seu trabalho se misturavam muito com a discussão em torno da linha teórico-política adotada pelo PCB.

Nestas últimas duas décadas, Néelson foi atacado com uma veemência que chega a espantar. Um crítico que em geral costuma medir as palavras (e) a que recorrer deixou de lado toda e qualquer prudência para investir contra o que chamou de “marxismo cristalizado”, “esquemático e apressado”, “ortodoxo e linear”, com seus “parâmetros pedes-

tres”, na obra de Werneck Sodré (as expressões se encontram no importante livro *Ideologia da cultura brasileira*, de Carlos Guilherme Mota, editado em 1977). Também Jacó Gorender, em seu denso estudo sobre *O escravismo colonial*, cedeu à tentação da contundência, desprezando eventuais possibilidades de diálogo, quando escreveu que Néelson não tinha “o cuidado de evitar elementares contradições lógicas” em sua construção teórica, “dissociada dos fatos objetivos”, uma construção que afinal não passava de “ficção arbitrária”.

Apedrejado, o historiador reagiu lançando pedras contra seus agressores e revidou as investidas com acrimônia, através de artigos que foram reunidos num volume lançado há cinco anos pela Editora Global e intitulado *História e materialismo histórico no Brasil*. Feridas abertas justificam – é claro – movimentos de impaciência. Não se pode pedir a quem está sob o efeito de dores intensas que aja de acordo com um manual de civilidade.

Agora, contudo, as condições históricas mudaram; o quadro em que vivemos é outro. Num tempo de “perestróika”, o reconhecimento da necessidade de transformações profundas no pensamento socialista já é mais tranqüilo. Os intelectuais socialistas estão democraticamente irmanados pela busca de novos caminhos e estão se debatendo com dúvidas semelhantes, aparentadas pela radicalidade. Estamos todos (ou quase todos) nos tornando mais serenos, diante de dificuldades maiores.

Por isso, tenho a impressão que está na hora de empreendermos uma releitura da obra de Néelson Werneck Sodré, que no ano que vem deverá completar oitenta anos de idade. Creio que mesmo aqueles que confirmarem suas discordâncias substanciais com a perspectiva adotada pelo veterano historiador (renitente defensor da tese de um feudalismo brasileiro) já não se sentirão encolerizados, não prorromperão em explosões de raiva; e até – quem sabe? – se sentirão inclinados a dialogar com ele.

Referências Bibliográficas

Werneck Sodré, Nelson. *Memórias de um soldado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. *Memórias de um escritor- I*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1970.

_____. *O fascismo cotidiano*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

_____. *Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

** Artigo republicado com a autorização do autor. Publicado originalmente em *Intelectuais brasileiros & Marxismo*, Belo Horizonte, Oficina dos Livros, 1991.

A Geração ISEB*

Neusa Fernandes

Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHG-RJ)

Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

O artigo apresenta a história do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), destacando a figura de um de seus mais importantes professores, o historiador Nelson Werneck Sodré. Fernandes analisa as circunstâncias fundamentais que contribuíram para a criação do ISEB, em 1955, a partir do Grupo Itatiaia, composto por intelectuais paulistas e cariocas, e suas relações com o Ministério da Educação e Cultura (MEC). Examina de que maneira o fato de temas como o nacionalismo e o desenvolvimentismo estarem no centro das metas do instituto redundou na aproximação real e posterior crise da instituição com a política de governo de Juscelino Kubitschek. Fernandes descreve e faz o comentário crítico do valor e dos significados das formas de convivência entre diversas correntes do pensamento no ISEB (Departamentos de Filosofia, História, Sociologia, Ciência Política e Economia) e as concepções e as imagens de Brasil que surgem das acirradas disputas ideológicas que ali se desenvolveram.

Palavras-chave: ISEB, Nacionalismo, Desenvolvimentismo.

Abstract

This paper presents the history of *Instituto Superior de Estudos Brasileiros* (ISEB), highlighting the historian Nelson Werneck Sodré who was the most important teacher of this institution. Fernandes examines the fundamental circumstances which have contributed to the foundation of the ISEB in 1955 from the Itatiaia Group, composed of intellectuals from São Paulo and Rio de Janeiro, and its relations with the Ministry of Education and Culture (MEC). The author analyses the fact that nationalism and developmentalism represented some core values of this Institute, what resulted in the real approximation and subsequent crisis with the government policy of Juscelino Kubitschek. Fernandes describes and makes the critical commentary of the value and meaning of the coexistence between different trends of thought at ISEB (Departments of Philosophy, History, Sociology, Political Science and Economics) and the concepts and images of Brazil that arise from the hard ideological disputes developed there.

Keywords: ISEB, Nationalism, Developmentalism

O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi um centro de estudos criado pelo Decreto n. 37.608, de 14 de julho 1955, ainda no governo de Café Filho, vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). Foi inspirado em um projeto do professor Alberto Torres, do início do século, na época dos grandes diagnósticos do Brasil, e esboçado pelo Grupo Itatiaia, que reunia intelectuais do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo, defensores de um nacionalismo menos radical que nele defendido. O Grupo Itatiaia era liderado pelo professor Hélio Jaguaribe que articulou uma instituição denominada Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP). Esta instituição foi responsável pela edição da Revista Cadernos de Nosso Tempo (1953 a 1956) e que viria a se constituir no núcleo do futuro ISEB.

O ISEB iniciou suas atividades quando Juscelino Kubitschek assumiu a presidência da República. Com plena liberdade de cátedra, caracterizou-se por promover o debate sobre os problemas nacionais. Constantes na pauta das discussões promovidas pelos intelectuais do Instituto estavam a filosofia, a história, a economia, a sociologia, a política e a cultura. O principal objetivo da instituição era servir de instrumento para o desenvolvimento de uma ação política na conjuntura econômica e social brasileira dos anos 50, formando quadros para o Estado e para a sociedade brasileira. Para tanto, apresentava-se como um órgão de vanguarda do pensamento desenvolvimentista, reunindo os mais conceituados intelectuais da esquerda, da direita ou do centro. Conviviam no ISEB liberais, socialistas, marxistas, democratas, nacionalistas e antinacionalistas, defensores do capital estrangeiro, como o economista Roberto Campos, enfim nomes como: Ignácio Rangel, Miguel Reale, Sérgio Buarque de Holanda, Hélio Jaguaribe, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes de Almeida, Cândido Motta Filho, Josué de Castro, Álvaro Vieira Pinto e Nelson Werneck Sodré, sob a direção do filósofo paulista Roland Cavalcanti de Albuquerque Corbisier.

Era o ISEB constituído de cinco departamentos: o de filosofia, chefiado pelo professor Álvaro Vieira Pinto; o de História, chefiado pelo professor Cândido Mendes, com coordenação no curso de História Brasileira do pensador marxista e militar Nelson Werneck Sodré; o de Sociologia, chefiado pelo sociólogo Alberto Guerreiro Ramos; o de Ciência Política, chefiado por Hélio Jaguaribe; o de Economia com Evaldo Correia Lima, cujo mais destacado colaborador foi Ignácio Rangel.

Apesar das diferentes convicções filosóficas, pode-se detectar que o nacionalismo e o desenvolvimentismo estavam no centro das metas isebianas. Esses pensadores acreditavam que poderiam formular um projeto ideológico comum para o País.

Afinados com a política desenvolvimentista de JK, os intelectuais do ISEB receberam apoio do presidente que, em declarações públicas, prestigiou a instituição, definindo-a como um centro de estudos e pesquisas, que se diferenciava dos demais órgãos universitários por estar voltado para o estudo dos problemas brasileiros. Entretanto, JK criou o Conselho de Desenvolvimento exatamente com essa tarefa e a ele não pertencia nenhum membro do ISEB.

O ISEB, além da publicação de livros e da realização de seminários de estudos e da promoção de pesquisas, oferecia cursos e outras atividades intelectuais. Entre elas, empenho maior na organização dos debates políticos, cuja tônica era sempre o desenvolvimento nacional e a construção de uma ideologia do desenvolvimento, visando ao processo de transformação, à possibilidade de diminuir os abismos sociais, quando o estágio de uma sociedade industrialmente desenvolvida fosse atingido.

Ao longo de sua existência, podemos distinguir dois momentos na vida do Instituto. O primeiro (1955-1959) foi o da criação, que coincidiu com o período desenvolvimentista do governo JK. Nessa fase, o grupo de intelectuais aderiu à candidatura JK.

Vale lembrar que na década de 50, a ideologia do desenvolvimento nacional era o idioma político alavancado pelo presidente “bossa nova”, que deu a grande virada do capitalismo brasileiro, construindo a nova capital, favorecendo a entrada de tecnologia e capital estrangeiro, correndo à sombra do desejo da nação em superar o seu atraso.

O segundo e último momento do ISEB foi a fase que criticou as teses desenvolvimentistas. Decorridos cinco anos do governo, a realidade indicava que o país crescera economicamente, com a consolidação do capitalismo industrial, mas não tinha resolvido seus problemas sociais e as desigualdades tinham aumentado. Nessa fase houve uma maior politização e homogeneização ideológica do instituto norteados pelos filósofos Vieira Pinto e Roland Corbisier e pelo historiador Nelson Werneck Sodré, que privilegiavam as mudanças sociais, econômicas e as reformas de base defendidas pelo governo João Goulart, acompanhando a radicalização do país. Esses três intelectuais foram as referências dessa segunda fase.

O ISEB assumiu uma posição mais agressiva na crítica dos lucros das empresas estrangeiras, da remessa de lucros, da distribuição de renda e da transformação da estrutura agrária. A harmonia de ideias sofreu fissuras no ano de 1958, uma crise que provocou uma cisão, nas palavras de Nelson Werneck Sodré, “inoportuna, inadequada, sectária”. De um lado, estavam os que defendiam maior participação do capital estrangeiro, isto é, apoio à plataforma do governo. De outro lado, ao contrário, os que desejavam radicalizar a posição nacionalista.

Após a crise, o ISEB reformulou suas atividades, ampliando os seus cursos, até então dirigidos a alunos indicados pelo serviço público, a exemplo do que já fizera a Fundação Getúlio Vargas. A meta agora era atingir um público maior. Nesse sentido, passou a oferecer cursos regulares a militares, estudantes, sindicalistas, empresários, parlamentares, artistas, profissionais liberais etc. Produziu, também, pequenos livros, de linguagem acessível e didaticamente elaborados, dirigidos às camadas menos privilegiadas e às classes trabalhadoras, denominados *Cadernos do Povo*.

Por intermédio do sociólogo do ISEB, Carlos Estevão Martins, o Instituto construiu um canal com a UNE, atuando junto ao Centro Popular de Cultura (CPC), criado em 1961, que reuniu artistas de diversas áreas, objetivando a construção de uma cultura popular e

democrática. Segundo o seu criador e primeiro diretor, Carlos Estevão, o CPC nasceu inspirado no grupo paulista do Teatro de Arena que também atuou no Rio de Janeiro. Seguiu-se uma temporada de apresentações de peças políticas, elaboradas com humor e que fizeram muito sucesso: *Eles não usam black tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, que mais tarde virou filme com Fernanda Montenegro; *Chapetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Vianna Filho; *A mais-valia vai acabar, seu Edgard*, de Oduvaldo Vianna Filho e Francisco de Assis, musicado por Carlos Lyra, que analisava didaticamente o conceito ideológico da teoria marxista. Durante um ano, de 1961 a 1962, o CPC, juntamente com o ISEB, produziu dezenas de peças, com a colaboração de muitos artistas, poetas, escritores, atrizes e atores, encenadas nos diversos teatros cariocas e também nos locais de trabalho, além da organização de feiras de livros com *shows* musicais. Selando a parceria ISEB e UNE, as edições dos Cadernos Brasileiros e a História Nova de um dos artífices do ISEB, Nelson Werneck Sodré.

As lembranças que guardo dos meus professores no ISEB são todas muito ricas. O convívio com aquelas inteligências era muito gratificante. Entretanto, recordo que as mais marcantes foram as presenças dos professores Cândido Mendes de Almeida e Nelson Werneck Sodré. O primeiro pela impressão avassaladora que causavam a sua exuberância e a sua erudição, expressas nas aulas ininteligíveis para nós, ainda graduandos. Ficávamos ali como a massa ficava em Roma ouvindo Cícero: não entendia nada, mas permanecia siderada, embalada pela musicalidade do discurso.

O segundo era uma figura simples de um general aparentemente tímido que lecionava História do Brasil, plenamente identificado com o materialismo histórico. Estatura mediana, cabelos, olhos e farto bigode escuro, ministrava suas aulas, de pé, cuja característica era a seriedade. Passava tanta verdade e seriedade, que no auditório o silêncio era profundo. Impossível negar a importância que as sínteses interpretativas da história brasileira apresentadas por ele causavam nos corações e nas mentes de seus alunos. A popularidade do professor Nelson Werneck Sodré entre os estudantes de História e de Ciências Sociais foi típica dos meados dos anos 50 e 60. Seus livros eram leituras obrigatórias. Fiel às suas ideias e ao socialismo, defendeu sempre as suas posições, o marxismo, o ISEB, suas obras, até a sua morte em 1999.

Em entrevista que deu, em maio de 1988, Nelson Werneck Sodré, talvez último historiador marxista ortodoxo, analisou, dentre outras coisas, a atuação do ISEB, afirmando que, no ano de 1964, o Instituto já não desfrutava do prestígio dos anos anteriores. Para ele, a esquerdização tinha levado a instituição ao isolamento.

Nos primeiros dias de abril de 1964, o ISEB e a UNE foram destruídos pelo golpe militar que depôs o presidente João Goulart no dia 31 de março. A biblioteca e o arquivo do ISEB foram queimados. A sua sede na Rua das Palmeiras 55, foi abandonada, para tempos depois, sediar o Museu do Índio que veio transferido do Maracanã.

Repetindo as palavras do professor Caio Navarro de Toledo, da UNICAMP, que, em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, analisou as metas isebianas: “O ISEB foi, no Brasil contemporâneo, a instituição cultural que melhor simbolizou ou que melhor concretizou o ideal do engajamento do intelectual na vida pública e social do país”.

Se a produção dos intelectuais que compuseram o ISEB é vasta, a produção teórica, os estudos monográficos sobre o ISEB ainda são relativamente pequenos. E os estudos produzidos no exterior não foram traduzidos e publicados no Brasil.

Desejei passar impressões muito pessoais sobre a instituição e o professor general que ajudaram a me formar.

* Artigo republicado com autorização da autora. Publicado originalmente no livro *História e Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: IHGRJ, 2008, p. 457-462

Nelson Werneck Sodré e o tenentismo

Marly de Almeida Gomes Vianna

Professora da Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO
Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

O artigo interpreta o engajamento político de Nelson Werneck Sodré em sua análise sobre o movimento tenentista no Brasil dos anos trinta do século XX, a partir da leitura crítica de *O tenentismo*, livro da autoria de Sodré. O texto analisa a posição do historiador face ao movimento Tenentista e seu papel como protagonista dos acontecimentos políticos que levaram à Revolução de 1930, construindo um panorama da atuação dos militares nesse processo histórico. A autora segue a ordem de temas da divisão adotada pelo próprio Sodré no livro em pauta: análise da sociedade brasileira da época; a participação dos tenentes na crise política de então; as relações do tenentismo com a Aliança Liberal, sua adesão à candidatura Vargas, o ocaso do tenentismo; reedição do tenentismo com o advento da Aliança Nacional Libertadora e o papel do tenentismo no movimento armado de 1935, no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré, Tenentismo, Revolução de 1930.

Abstract

Based on Nelson Werneck Sodré's book entitled *O tenentismo*, this paper interprets his political engagement in the analysis of the Tenente movement in Brazil, which took place last century in the thirties. Sodré's book analyses the historian's position regarding the Tenente movement and his role as a protagonist of the political events which led to the Revolution of 1930, building a panorama of the performance of army officers in this historical process. The author keeps the themes organized in the same order proposed by Sodré in his book: the analysis of Brazilian society of that time; the performance of the Tenente officers in the political crisis; the relations between the Tenente movement and the Aliança Liberal, its alliance with Vargas' candidacy, the decline of Tenente movement; the revival of the movement with the beginning of Aliança Nacional Libertadora and its role in the armed movement of 1935 in Rio de Janeiro.

Keywords: Nelson Werneck Sodré, Tenente Movement, Revolution of 1930.

Nelson Werneck Sodré foi um dos mais importantes intelectuais brasileiros. De filiação claramente marxista – e com militância política consequente – a obra de Werneck Sodré não pode ser apreciada fora da perspectiva global de sua compreensão da revolução brasileira, em especial de todo o processo de superação das relações econômicas pré-capitalistas, do surgimento de novas classes e camadas sociais dentro do quadro de formação e consolidação do capitalismo dependente no país.

Werneck Sodré viu com clareza que a transformação do trabalho escravo em relações capitalistas de produção não ocorreu a partir de uma explosão revolucionária, mas foi processo arrastado, de lenta superação das relações pré-capitalistas que, ao mesmo tempo que as transformava, conservava parte delas – ou as recriava – submetidas à sua dominação.

O livro de Werneck Sodré sobre o tenentismo insere-se na visão geral do autor sobre a sociedade brasileira e, apesar de suas poucas páginas, é um brilhante ensaio sobre o papel de importante segmento das camadas médias urbanas que foi protagonista dos acontecimentos políticos que levaram à Revolução de 1930. Por suas ligações com as classes dominantes – através da origem familiar ou da própria corporação –, por sua condição de jovens com nível superior de escolaridade (pequeno grupo na sociedade brasileira) de armas nas mãos e, é importante não esquecer, também pelas tradições intervencionistas dos militares na vida nacional, os tenentes assumiram a vanguarda dos interesses já diferenciados da burguesia (industrial, comercial e agrária) que buscava uma maior participação no poder ou que se achava dele excluída pelos grupos até então hegemônicos de cafeicultores paulistas.

Embora portadores das características tradicionais no Exército brasileiro (marcadas pelo positivismo) – o autoritarismo elitista e um certo messianismo – os tenentes foram, numa sociedade recém-saída da escravidão, um grupo de jovens idealistas que lutava pela renovação política da sociedade e contra o arcaísmo da chamada República Velha que condenavam explicitamente. Era contra os “vícios” da “política civil” que lutavam, contra os “carcomidos” dos partidos republicanos, contra o mandonismo das oligarquias que se revezavam no poder e pelo voto secreto. Daí seu lema: “Representação e Justiça”.

O tenentismo foi, para Werneck Sodré (1985, p. 8),

(...) um episódio intimamente vinculado à mudança operada com a queda da República Velha e a implantação do regime subsequente (...). Foi um dos episódios da revolução burguesa no Brasil, uma revolução por patamares, de lances sucessivos, bem diferentes dos modelos originais, quando a ruptura com o passado se definiu em traços radicais.

Werneck Sodré dividiu seu livro em pequenos capítulos, sendo os dois primeiros dedicados à sociedade brasileira da época, na visão que expusemos acima (capítulos I e II, respectivamente: “A época” e “A crise política e os militares”).

Werneck Sodré destacou ser o tenentismo, “ainda hoje, visto à distância, fenômeno excepcional, diferente de tudo e por tudo das demais intervenções militares”¹ e que, por isso mesmo, a discussão do tema é sempre atual.

Nos capítulos III e IV (respectivamente “Os movimentos armados” e “A fase política”), Werneck Sodré estudou a participação dos tenentes na crise política da época, agudamente manifestada por ocasião das eleições presidenciais de 1921-22. A oposição à candidatura oficial de Artur Bernardes, que governava Minas Gerais, contestava, segundo Werneck Sodré (1985, p. 16), “o próprio regime, no que tinha de mais característico, que era o processo de escolha do presidente e dos representantes do povo” e que denunciava as mudanças já significativas que se vinham processando no Brasil, com o avanço das relações capitalistas e, conseqüentemente, com o papel da crescente importância que a burguesia passava a desempenhar, ao mesmo passo que surgia um proletariado já numericamente significativo e concentrado, que começava a provar sua força e a organizar-se, enquanto a pequena burguesia continuava a crescer e a desempenhar papel de destaque nas questões políticas. (Werneck Sodré, 1985, p. 16)

Werneck Sodré descreveu todos os episódios relacionados às cartas falsas atribuídas a Bernardes e que foram o estopim dos movimentos tenentistas, iniciados com a Revolta do Forte de Copacabana, a 5 de julho de 1922, continuados no segundo 5 de julho, em São Paulo, em 1924 e que tiveram seu auge na formação e na marcha da Coluna Prestes.

Cabe notar que Werneck Sodré cometeu um pequeno equívoco quando, à página 23, disse que Luiz Carlos Prestes não participou das assembleias do Clube Militar que discutiram as cartas falsas e que tomaram a decisão de não aceitar a candidatura de Bernardes ou, sendo o caso, não permitir sua posse como presidente. Segundo depoimento de Prestes, ele não só participou das assembleias como votou para que as cartas não fossem submetidas à perícia, já que Bernardes negava sua autoria. Não tendo dúvida de que as cartas eram mesmo de Bernardes (não eram), Prestes considerava que a perícia confirmaria a autenticidade das mesmas e que os militares não estavam organizados para fazer nada. Sendo assim, achou melhor, segundo suas próprias palavras, “lavar as mãos” na votação.²

No capítulo III Werneck Sodré fez importante colocação metodológica, quando observa a desproporção entre a ação dos tenentes, a “dimensão de heroísmo” de seus movimentos e suas propostas relativamente simplórias de moralização do regime político. Disse ele:

(...) havia uma diferença enorme entre as mazelas de um regime já em dissonância com a realidade do país e os problemas tópicos e circunstanciais colocados e que despertavam paixões tão violentas. Os protestos militares em defesa da dignidade ofendida, depois que os falsários haviam confessado a fraude que haviam cometido e depois que Bernardes desmentira a autoria das cartas, pareciam sem sentido. Era este o lado formal, entretanto. E apenas mostra, como exemplo frisante, que a história como arrolamento de fatos pode falsear, e realmente falseia, a realidade do processo.³

Werneck Sodré, ainda no capítulo III, indicou a posição de classe dos tenentes, ao lado dos grupos menos retrógrados das classes dominantes, e seu conseqüente afastamento do movimento operário. Quando do movimento paulista de 1924 dirigentes operários pediram armas ao general Isidoro Dias Lopes para participar da luta “o chefe rebelado não ousou aceitar essa adesão, que poderia alterar a qualidade da revolta”⁴.

O capítulo IV do livro trata da fase política do tenentismo, de sua adesão à Aliança Liberal e à candidatura Vargas e, após a derrota eleitoral, do papel fundamental que os tenentes exerceram para a eclosão do movimento armado em outubro de 1930.

La ter início uma nova fase no desenvolvimento do Tenentismo. Até aí os militares haviam timbrado em manter-se distantes dos políticos civis. Predominara entre eles as ideias de que a política é uma coisa suja e de que os políticos são necessariamente corruptos ou, quando menos, mais interessados em sua realização pessoal do que na defesa do povo. Essas ideias, a da política como atividade indigna de homens probos, como definida pela defesa do interesse privado, exercida por pessoas desvinculadas do povo e a serviço de lucros ilícitos era um dos elementos conceituais que se inseriam com justeza no pensamento político dos militares.⁵

O capítulo V do livro é dedicado ao “Conteúdo e Programas” do movimento tenentista. Mais uma vez Werneck Sodré ressaltou a “dimensão do heroísmo” dos tenentes, em descompasso com seus modestos objetivos políticos e principalmente sociais. Estes “estavam dispostos a ir às últimas conseqüências para a `regeneração dos nossos costumes políticos´, visando ao `engrandecimento e à pujança redentora do nosso majestoso e querido Brasil´”.⁶

Justamente essas palavras de ordem vagas e moralistas, expressas no lema de “Representação e Justiça”, permitiram que em 1931, depois da vitória do movimento de 30, o Clube 3 de Outubro, fundado pelos tenentes, pretendesse “conjuguar elementos heterogêneos”, tornando o programa dos tenentes “vago e inexpressivo”⁷:

Trabalhar pelo engrandecimento do Brasil. Propagar a grandeza da brasilidade. Combater sistematicamente as preocupações de regionalismo. Pugnar pela uniformização das leis, justiça e ensino. Obrigatoriedade do ensino primário. Ensino profissional gratuito. Gratuito ensino secundário. Cultura física. Só comprar o que for de produção genuinamente nacional, salvo quando não existir similar no país. Fazer intensa propaganda contra as companhias estrangeiras que exploram oscilações cambiais para aumento de preço. Combater sistematicamente o luxo.⁸

Nesse quinto capítulo, o último do livro, Werneck Sodré fala sobre a morte do tenentismo, que já adiantara no final do capítulo anterior – posição que irá rever depois, concordando que o tenentismo ainda se manifestará com força na Aliança Nacional Libertadora e, finalmente, no movimento armado de 1935, no Rio de Janeiro. É essa sua perspectiva, por exemplo, no Prefácio à reedição do livro de Virgínio Santa Rosa, *O sentido do tenentismo*.⁹ Aqui, no entanto, considera que “A discussão sobre o momento em que ele desaparece de fato é difícil e gera controvérsias. Arigor, acabou com a chamada Revolução de 1930”.¹⁰

Nas “Conclusões”, Werneck Sodré resumiu o tenentismo em três fases. Numa primeira, entre 1922 e 1927, destacou seu caráter militar e seu discurso contrário à participação política. Foi a fase que se iniciou com o Levante dos 18 do Forte e se encerrou com a

Coluna Prestes.

Numa segunda fase, os tenentes, exilados pelos movimentos armados anteriores, aproximaram-se dos políticos que se organizavam em oposição à política tradicional da República Velha. Para Werneck Sodré, nesta fase, que se encerrou com a Revolução de 1930, “o Tenentismo começa violentamente a se desfigurar, perdendo a pureza antes almejada e mantida”.¹¹

A terceira fase, iniciada com o movimento de 30, seria a da agonia e morte do tenentismo. Como observamos acima, Werneck Sodré reveria depois essa posição, estendendo o movimento dos militares rebeldes até 1935.

Este trabalho de Werneck Sodré sobre o tenentismo – como também sobre as insurreições de novembro de 1935 – apesar de modesto no tamanho, está, a meu ver, entre as melhores interpretações dos acontecimentos políticos que marcaram os anos 20 e 30 do século passado, no Brasil.

Referências bibliográficas

SODRÉ, Nelson Werneck. *O tenentismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
_____. Prefácio. In: SANTA ROSA, Virgínio. *O sentido do tenentismo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 3ª edição, 1976.

Notas

¹ Werneck Sodré, 1985, p. 7.

² Entrevista de Luiz Carlos Prestes a Marly Vianna, Ramón Peña Castro e Anita Prestes, gravadas em fita magnética e transcritas para o papel. Fita 1. Folha 11. Rio de Janeiro 1981-1983.

³ Idem, p. 28

⁴ Idem, p. 30.

⁵ Idem, p. 36.

⁶ Idem, p. 49.

⁷ Idem, p. 51.

⁸ Idem.

⁹ Werneck Sodré, Nelson. “Prefácio”. Santa Rosa, Virgínio. *O sentido do tenentismo*, São Paulo, Alfa-Ômega, 3ª edição, 1976, p. XV-XX.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem, p. 58.

O jornalista Nelson Werneck Sodré

José Marques de Melo

Professor Emérito da Universidade de São Paulo

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP

Resumo

Este artigo visa a situar historicamente e a caracterizar a importância de Nelson Werneck Sodré para a história da cultura brasileira e, mais especificamente, para a história do jornalismo no Brasil. Para esse fim, utilizou-se o método memorialista. A análise apresentada se estrutura e desenvolve, em primeiro lugar, com base nos depoimentos de Nelson Werneck Sodré registrados na obra *Perfil do Pensamento Brasileiro* dirigida por José Louzeiro na qual Nelson Werneck Sodré se destaca como militar, escritor e militante sindicalista. Em seguida, o texto explora a obra autobiográfica do autor, dando-lhe diretamente a palavra, especialmente quando das considerações de Nelson Werneck Sodré acerca dos significados e da relevância de seus escritos nos campos do jornalismo político, do jornalismo de análise militar, do jornalismo cultural e de crítica literária, a partir dos registros presentes nos livros *Memórias de um escritor* (1970), *A luta pela cultura* (1990) e *A ofensiva reacionária* (1992).

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré, História do Jornalismo, Cultura Brasileira.

Abstract

This article aims to locate and characterize the historical importance of Nelson Werneck Sodré to the history of Brazilian culture and, more specifically, to the history of journalism in Brazil. The method memoirist was employed. The analysis is structured and developed based on Sodré's testimonials registered on the work entitled *Perfil do Pensamento Brasileiro* directed by José Louzeiro in which Sodré stands out as a soldier, writer and militant trade unionist. Then, the text explores the author's autobiographical work, giving him directly the word, especially when Sodré makes considerations on the meaning and relevance of his writings in the fields of political journalism, military analysis journalism, cultural journalism and literary criticism journalism, based on what is said in books like *Memórias de um escritor* (1970), *A luta pela cultura* (1990) and *A ofensiva reacionária* (1992).

Keywords: Nelson Werneck Sodré, History of Journalism, Brazilian Culture.

O escritor Nelson Werneck Sodré (NWS) desenvolveu intensa atividade na imprensa, expressando-se através do livro, da revista e do jornal. Essa convivência o familiarizou com o jornalismo, cuja história pesquisou e registrou em obra clássica. Ele exerceu profissionalmente o jornalismo?

Embora não reivindique nem assuma a condição de jornalista, as evidências demonstram que NWS exerceu publicamente o jornalismo, em suas diversas atividades: editorialista, comentarista, articulista, repórter e editor.

Todavia, para melhor caracterizar o jornalismo por ele praticado, torna-se indispensável uma pesquisa aprofundada. O roteiro aqui apresentado pode servir como guia para quem tome o encargo de preencher essa lacuna biográfica na trajetória desse grande historiador brasileiro.

Nosso ponto de partida é o depoimento para a série *Perfil do Pensamento Brasileiro*, dirigida por José Louzeiro, divulgada sob a forma de livro, em 1988, pelo Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro.

Louzeiro o apresenta profissionalmente como “escritor” e corporativamente como “sindicalista”, embora NWS faça questão de proclamar-se “autodidata”, cumprindo dupla jornada de trabalho. Durante o dia, exercia, como oficial do exército, uma “lide rotineira e muito absorvente de quartel”, dedicando-se “à noite, ao trabalho intelectual, à leitura e a escrever”.

A seguir, vamos explorar sua obra autobiográfica: *Memórias de um escritor* (1970), *A luta pela cultura* (1990) e *A ofensiva reacionária* (1992).

Para tornar mais expressiva essa incursão pelo memorialismo, deixaremos que as lembranças do escritor falem por si mesmas.

NWS faz comparação inicial entre Rio de Janeiro e São Paulo como espaços de projeção intelectual, naquela conjuntura: “Do ponto de vista de nome, é curiosa uma coisa: São Paulo não faz a glória de ninguém. (...) Só o Rio de Janeiro dá celebridade nacional”. (Sodré, 1988, p. 160-161)

Anota também a sua frustração como escritor, em face do elitismo que marca a produção editorial brasileira: “(...) o livro circula pouco; o livro só é conhecido de poucos. (...) Tenho, realmente, livros com muitas edições, mas foram coisas para as quais a atividade e o esforço do editor concorreram pouco”. (Sodré, 1988, p. 162)

Ao mesmo tempo em que lamenta o “individualismo” do escritor, concitando seus companheiros a desempenhar papel “crítico”:

O trabalhador intelectual é um trabalhador solitário,(...) se realiza, individualmente. O escritor, por exemplo, ele se glorifica escrevendo um livro, escrevendo artigos em jornal... (...) Geralmente não tem força. (...) O escritor é individualista... (...) não confia no esforço coletivo.” (Sodré, 1988, p. 165-166)

Na sequência, discute a natureza da “crítica literária” praticada pela nossa imprensa. Confessando-se adepto da corrente “judicativa”, diz recorrer usualmente ao método comparativo para melhor atuar como orientador e não como sentenciador: “Os livros eram analisados pelo critério comparativo, servindo escritores mais antigos ou desaparecidos ou estrangeiros como padrões de referência.” (Sodré, 1970, p. 66). “O juiz fornecia os julgamentos, e eles eram acatados, formalmente, porque se tratava de sentença oriunda de pessoas de mais experiência e de mais apurado gosto”. (Sodré, 1970, p. 67).

Recorda também que atuou como “divulgador cultural”, sem prejuízo do seu compromisso como ensaísta, publicando regularmente sua própria obra: “Estreando em livro, em 1938, lançou um por ano, desde então.” (Sodré, 1970, p. 355).

A colaboração na imprensa era variada, nos assuntos e nos destinos. Mantinha a seção de crítica literária no Correio Paulistano, mas escrevia trabalhos avulsos para O Estado de S. Paulo, (...) Jornal de São Paulo, (...) Diário Carioca e Diário de Notícias no Rio; em Leitura e Revista do Globo, aquela editada no Rio e esta, em Porto Alegre; e no Observador Econômico e Financeiro, em que escrevi ensaios sobre assuntos econômicos. Era muita coisa... (Sodré, 1970, p. 354)

Revela, finalmente, sua atuação como “jornalista” profissional, contratado por Samuel Wainer.

No início do segundo trimestre de 1956, ingressei em Última Hora. Apesar de conhecer seu diretor há muito tempo, foi Helio Jaguaribe quem me aproximou dele; almoçamos juntos, um dia, na cidade, e tudo ficou acertado. (...) Cabia-me redigir os editoriais e fazer outros trabalhos ligados à parte política, sempre sob orientação de Samuel Wainer. (Sodré, 1990, p. 147).

Naquele jornal, teve papel multifacetado, alternando a função de “crítico” literário com a de “comentarista” militar, de modo a combinar a competência adquirida como escritor militante e como patriota fardado.

Mas em abril comecei a redigir, ali, também, seção permanente, sob o título geral de Notas de Crítica (...) em que comentava a conjugação, no Brasil, desde o início, da literatura e da imprensa; essa conjugação viera com o timbre do provincianismo, até os nossos dias. (Sodré, 1990, p. 147).

(...) uma crítica colocada em termos de ciência, emancipada dos críticos pessoais, inclinada a situar as criações e a analisá-las, definindo as suas características e aprofundando as suas pesquisas. (Sodré, 1990, p. 149).

A coluna por que era responsável, O Observador Militar, incomodava os patrões, (...) porque denunciava as trapaças e violências. (Sodré, 1992, p. 14).

Dissonâncias políticas com o dono do jornal determinaram sua curta permanência no quadro de jornalistas da empresa: “Divergências de orientação com Samuel Wainer não me permitiram continuar no jornal.” (Sodré, 1992, p. 81)

Imediatamente após a experiência como empregado fiel à linha editorial da empresa, optou pela liberdade plena como livre atirador, confessado-se gratificado pela oportunidade brindada pelo diretor do jornal O Semanário: “Escrevi ali longa reportagem política, desvendando a articulação militar que se disfarçava sob o rótulo de Cruzada Democrática.” (Sodré, 1990, p. 197). “*Creio que, em O Semanário, de 1959 a 1963, deixei o que melhor já escrevi, em termos de crítica literária. (...) O órgão fundado e orientado por Oswaldo Costa conquistara lugar especial, tornando-se porta-voz da corrente nacionalista.*” (Sodré, 1992, p. 86).

Obras de Nelson Werneck Sodré citadas:

1963 – *Ofício de escritor*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

1970 – *Memórias do escritor – I*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

1990 – *A luta pela cultura*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil

1992 – *A ofensiva reacionária*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil

Referências bibliográficas

CUNHA, Paulo; CABRAL, Fátima. *Nelson Werneck Sodré, entre o sabre e a pena*. São Paulo: Edunesp, 2006.

MARQUES DE MELO, José. Muito além da grande imprensa: incursões de NWS pelo campo da comunicação, In: *História política das ciências da comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 175-184.

_____. *História Social da Imprensa*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

SILVA, Marcos. *Nelson Werneck Sodré na historiografia brasileira*. Bauru: Edusc, 2007.

WERNECK SODRÉ, Nelson. *Ofício de escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. *Memórias do escritor – I*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. *A luta pela cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A ofensiva reacionária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

Incompreendido ou indesejável: Nelson Werneck Sodré, um homem inconfessável

Angélica Ferrarez de Almeida

Mestranda do programa de História Social da Cultura da PUC-Rio

Resumo

A leitura de Nelson Werneck Sodré pode ser um estímulo a uma consciência democrática, necessária à luta contra as deformações elitistas e violentamente autoritárias que as classes dominantes vêm impondo, instigando a crítica e arregimentando nas pessoas o ideal de uma sociedade melhor. Faz-se um passeio entre várias disciplinas a fim de formar um fio condutor que possa ser chave de compreensão a sociedade da época. Assim Sodré se dedicou ao ofício da palavra escrita como uma arma; arma de criação, de reflexão e até mesmo de ataque à configuração de uma sociedade autoritária e desigual. Lê-lo é um prazer, é compreender que sociedade é esta que prefere silenciar vozes dissonantes quando o assunto é um só – a fragilidade da vida humana.

Palavras-chave: História, Literatura, Memorialismo.

Abstract

Reading Nelson Werneck Sodré can be a stimulus to a democratic consciousness that is necessary to counter elitist and violently totalitarian distortions imposed by ruling classes. In other words, a stimulus to prompting criticism and creating in people the ideal of a better society. This paper is an overview through various disciplines in order to set out a guiding principle to understand contemporary society. Sodré was devoted to the expertise of the written word as a weapon - a weapon as a means of creation, of reflection and even attack to the configuration of a totalitarian and unequal society. It is a pleasure to read Sodré: he helps us to understand why our society prefers to silence dissonant voices when the subject is human life's fragility.

Keywords: History, Literature, Memorialism

Creio que, se pensarmos na ideia de exílio, podemos compreender melhor o que representou Nelson Werneck Sodré para a conjuntura do tempo em que viveu. Trata-se de um dos maiores intelectuais brasileiros, de espírito revolucionário e comprometido com a causa comunista. Talvez por conta deste espírito crítico e dos termos de suas análises profundas da sociedade da época, Sodré tenha se tornado um incompreendido, alguém que se queria evitar, porque encontrá-lo era defrontar-se com um homem cuja força da palavra era a principal manifestação de seu espírito. A potência de seu descontentamento social evidentemente não interessava a todos e, por isso, foi submetido a várias tentativas de silenciamento.

Deste modo, temos duas chaves de compreensão de sua obra e do espaço social de sua época: a primeira é acompanhar o percurso bibliográfico do pensador atentando para as preocupações indicadas em seus escritos; a segunda é refletir sobre a relação entre as tríades “retórica, crítica e subversão” e “história, memória e esquecimento”.

Sodré nasceu no Rio de Janeiro em 27 de abril de 1911, estamos, portanto, no ano de seu centenário. Ciente da importância de sua produção e na perspectiva dos memorialistas, o próprio Sodré preparou o acervo documental e iconográfico de sua obra, doando-o à Fundação Biblioteca Nacional. Tivemos o prazer de folhear esta documentação devido à parceria da antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros com a Biblioteca Nacional para a execução do estudo que se chamou “Um projeto de Brasil na obra de Nelson Werneck Sodré”.

O objetivo desta parceria foi a análise quantitativa e qualitativa da obra de Nelson Werneck Sodré. Uma pesquisa de Sodré em suas faces intelectual, militar, de crítico literário, jornalista, historiador, professor, político, marxista, comunista, revolucionário, ativista e, por que não?, como um rebelde, visto que seu espírito face à situação brasileira da época era de crítica e rebeldia através da palavra.

Os produtos desta pesquisa, além da produção de um livro de verbetes com todos os artigos que foram catalogados na Biblioteca, foram o registro e a interpretação de seu legado, deixando para a posteridade a oportunidade de conhecer um intelectual que parece transpor barreiras de tempo e espaço, fundamentalmente em função da atualidade de seu pensamento.

Trabalhando com a perspectiva da interdisciplinaridade, Sodré soube oferecer importantes significados para a relação entre história e literatura, pois foi trabalhando nesta fronteira que incorporou sua metodologia “materialista”, herança da vida militar, à abordagem de seus estudos sobre a sociedade brasileira e escreveu o livro *História da literatura brasileira - seus fundamentos econômicos*, publicado em 1938.

Ainda no campo desta relação, mais tarde, em 1943, escreve a “*Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*”, obra em que examina as escolas literárias no contexto dos fenômenos sociais e analisa a influência da literatura sobre as questões sociais, sobre a formação das características de um povo, entendendo a manifestação literária como sua exteriorização sensível.

Partindo para as preocupações em torno das ideias socialistas no Brasil, em 1962, Sodré lança a obra “*Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*”, reafirmando a análise da sociedade brasileira desenvolvida no livro “*Formação histórica do Brasil*”.

Formado na Escola Militar, Sodré foi professor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão criado em 1955 pelo Ministério da Educação e Cultura. Apesar do nome, este ministério esteve muito ligado à vida militar do país, que à época ocupava todos os setores da vida brasileira. Não é de se estranhar, assim, a eclosão do golpe de estado em 1964, quando Sodré e outros colaboradores do ISEB foram devidamente punidos por seus orquestradores. O órgão foi fechado e os jovens historiadores que participavam do projeto “História Nova do Brasil” foram presos. Neste momento, Sodré é levado forçosamente a uma temporada numa prisão militar.

Interessante ressaltar que, apesar da herança militar e de sua crença na corporação como única organização capaz de “ajustar” o Brasil, Sodré, em entrevista a um jornal de Porto Alegre, cujo título era “Não há saída sem os militares” (título, aliás, bem elucidativo de suas convicções), foi um dos maiores críticos da ditadura. Para atestá-lo, bastaria acompanharmos os jornais *Tribuna da imprensa* e *Última Hora*, principais interlocutores de Sodré às vésperas da ditadura, para entender que, em seu ideal de pátria, antes da face militar, vinha a face democrática, e é nesta que Sodré apostaria todas as suas fichas.

Sendo assim, crítico dos regimes autoritários, Sodré publica, em 1976, algumas anotações sob o título *O fascismo cotidiano*. Nesta obra, surgida em um momento em que a ditadura militar começa a apresentar sinais de crise, o historiador faz uma contundente crítica à modernização conservadora, do tipo em que ainda vivemos, onde as decisões são tomadas de cima para baixo, apesar do mito da democracia.

Apesar de ter sido obrigado ao exílio, ao esquecimento e ao silêncio, Sodré ainda surpreende com o único instrumento que lhe serve - a palavra escrita. Assim, em 1964, ano do golpe militar, lança o livro *História da burguesia brasileira*. Numa perspectiva marxista, esta fonte traz ricas informações econômicas ao analisar o espaço social e o surgimento da classe média brasileira. Apesar da presença da vertente marxista nesta obra e, já neste momento, também em seu comportamento e em sua visão de mundo, Sodré afirma que ali suas preocupações eram fundamentalmente sociológicas. Ainda que diversos intelectuais sugiram a existência do que chamam de “fontes de esquerda” já no início da formação do seu pensamento, Sodré refuta esta tese, ao defender que *Panorama do Segundo Império*, de 1939, por exemplo, é extremamente conservadora, pois ainda lhe faltavam conhecimentos do materialismo histórico e da dialética marxista. Estas considerações estão presentes em *Memórias de um escritor*, de 1970.

Apesar desta polêmica, em *História da literatura brasileira*, lançada pela José Olympio em 1960, Sodré é claramente orientados pelas teorias de Marx e Lukács. Contudo, deixa claro que o que há não são “fontes de esquerda” e, sim, intenções, vontades, interpretações. Considera o materialismo histórico uma ferramenta teórica deficiente, o que não o impede de lançar mão deste método para a análise da cultura, além de se utilizar daquilo

a que a antropologia denominou como “razão prática”, servindo-se muito bem destes conceitos.

Pensando com Marx, ou através dele, vemos que a crença na vida cotidiana como objeto de preocupação e a vontade de entender a arquitetura humana através das estruturas econômicas que a regem fazem parte da análise do pensamento social de Sodré. Sua leitura é permeada por informações objetivas e análises preciosas da sociedade. Sua preocupação está no homem como ser social, que imprime sua marca na sociedade e é também moldado por ela. Nas análises de Sodré, a sociedade como objeto de investigação profunda é também sujeito, logo a relação que estabelecem o homem e a sociedade é entre sujeito e sujeito. É necessário, assim, um redobrado esforço para trabalhar sobre uma relação tão sedutora e conflituosa!

Apesar da vasta bibliografia, Sodré foi consagrado por seu clássico de 1967, *História da imprensa no Brasil* e, logo em seguida, por *Memórias de um soldado*. Estas obras reafirmam sua face memorialista e sua preocupação com as grandes estruturas sociais. Mais uma vez, vemos Sodré entre a literatura e a história, sempre voltado para a história do Brasil numa perspectiva militarista. Nos idos de 1965, lança *Ofício de escritor; O naturalismo no Brasil e As razões da independência*, com “orelhas” de outro marxista, Astrojildo Pereira, e ainda a *História militar do Brasil*.

Faz-se necessário lembrar que a segunda metade dos anos cinquenta foi um período de grande intensidade intelectual para Sodré, além de ter sido um momento de vasta atividade pública. Assim, ele ministrou cursos, muitos pelo ISEB, publicou um ensaio sobre *O Tratado de Methuen*, outro sobre *As classes sociais no Brasil*, os livros *Introdução à revolução brasileira* e *A ideologia do colonialismo*, o texto de uma conferência a respeito das *Raízes históricas do nacionalismo brasileiro* e o famoso estudo sobre a *Formação histórica do Brasil*.

A produção de Sodré está intimamente ligada a seu rigor de estudioso e também é testemunho de sua vontade de resistir ao esquecimento que lhe impunham. Era uma onda obscurantista que, apesar de querer frear o poder de suas perspectivas, não foi suficiente para detê-lo, basta lembrarmos que, em 1970, lançou uma *Síntese de história da cultura brasileira*. Incompreendido ou indesejável, o historiador reagiu a seus agressores mais uma vez com a única arma de que dispunha - a palavra. Assim foi lançada em 1985 uma coletânea de artigos reunidos em um único volume, *História e materialismo histórico no Brasil*. Expondo indignação e frustração frente a seus opressores, Sodré revida os ataques de forma magistral.

Enfim, a bibliografia é rica! Podemos construir um percurso narrativo para o Brasil tomando sua obra como referência. Esperamos, portanto, deixar para a posteridade a sugestão bibliográfica da leitura de Sodré. Mesmo os que dizem não compactuar com suas análises, não podem deixar de entender a importância histórica e metodológica das mesmas, e de seu significado em um diálogo com o tempo presente, dada a contemporaneidade das temáticas por ele discutidas.

Obras de Sodré citadas no corpo do texto:

- SODRÉ, Nelson Werneck. “*As classes sociais no Brasil*” – 1957
_____. “*A ideologia do colonialismo*” - 1961
_____. “*As razões da independência*” - 1967
_____. “*Capitalismo e revolução burguesa no Brasil*” - 1962
_____. “*Formação histórica do Brasil*” – 1962
_____. “*História e materialismo histórico no Brasil*” - 1985
_____. “*História da burguesia brasileira*” – 1964
_____. “*História da imprensa no Brasil*” – 1966
_____. “*História da literatura brasileira*” - 1960
_____. “*História da literatura brasileira. Seus fundamentos Econômicos*” - 1938.
_____. “*História militar do Brasil*” – 1967
_____. “*Introdução à revolução brasileira*” - 1958
_____. “*Memórias de um soldado*” – 1967
_____. “*Memórias de um escritor*” - 1970
_____. “*O fascismo cotidiano*” – 1976
_____. “*Ofício de escritor*” – 1965
_____. “*O naturalismo no Brasil*” - 1965
_____. “*O Tratado de Methuen*” - 1957
_____. “*Panorama do Segundo Império*” – 1939
_____. “*Raízes históricas do nacionalismo brasileiro*” - 1957
_____. “*Síntese de história da cultura brasileira*” - 1970
_____. “*Síntese do desenvolvimento literário no Brasil*”. 1943

Bibliografia Complementar

CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda. A utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2002.

SAHLINS, Marshall David. *Cultura e razão prática*. Trad. LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemayer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx. Uma leitura crítico comentada de O Capital*. São Paulo: Ensaio, 1995.

O Centenário de um “General do povo” e “Pai da Nação”

Olga Sodré*

Membro do Grupo de Trabalho sobre Psicologia e Religião da
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP.
Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo

O centenário de Nelson Werneck Sodré, celebrado ao longo de 2011, é apresentado na perspectiva do movimento de fazer a história e preservá-la na memória das gerações presentes e futuras, renovando a história e a identidade brasileiras com base na figura histórica desse General do Povo e Pai da Nação, que expressa um novo sentido para as lutas atuais. É delineado o esforço para resgatar sua contribuição intelectual e elaborar o significado desse ícone para o momento presente, com a colaboração de uma ampla rede de amigos em todo país e no estrangeiro. Faz-se ainda a narração da gestação desse processo, a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e do Centro de Estudos Brasileiros - Nelson Werneck Sodré, a preparação do centenário e as várias atividades ligadas ao lançamento do Ano NWS.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré, História, Memória.

Abstract

The centenary of Nelson Werneck Sodré, celebrated in 2011, is shown in the perspective of making history and preserving it in the memory of present and future generations, renewing Brazilian history and identity on the basis of the historical image of this General of the People and Father of the Nation, who was able to express a new sense for contemporary fights. Information is given about the effort to rescue his intellectual contribution and to elaborate the sense of this icon at present times, with the collaboration of a wide network of Brazilian and foreign friends. We are also told about the gestation of all this process, the foundation of Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) and of Centro de Estudos Brasileiros - Nelson Werneck Sodré, the preparation of the centenary and the different activities related to the release of NWS Year.

Keywords: Nelson Werneck Sodré, History, Memory.

O duplo movimento de fazer a história e de preservá-la na memória das gerações presentes e futuras é fundamental para a constituição do que nós somos e do que nós podemos vir a ser. Existe, contudo, um terceiro momento desse processo, que foi central em nosso trabalho para o centenário de Nelson Werneck Sodré, em 2011. Nesse terceiro momento, a memória se apóia em um ícone e se torna viva, gerando um novo movimento histórico. Isso acontece quando uma figura histórica como a desse “General do Povo” ressurge da memória e ganha um novo significado, ao expressar um sentido para as lutas atuais. Para que esse terceiro momento acontecesse, foi necessário trazer à tona o significado desse ícone para o momento presente, como procuraram fazer várias pessoas que compartilharam a vida, as atividades ou a obra desse grande militar, historiador, jornalista e escritor brasileiro, durante as celebrações do seu centenário.

Nelson Werneck Sodré foi um intelectual que participou ativamente da luta por um desenvolvimento brasileiro autônomo com base em nossa cultura, defendendo a soberania nacional, a justiça social e a emancipação social e cultural do povo. A importância desse ícone para o atual momento cultural brasileiro é o de nos alertar para a necessidade de termos um projeto alternativo ao desenvolvimento capitalista e sua globalização, denunciando o processo de alienação da sociedade de comunicação de massa e o fechamento dos intelectuais nos meios acadêmicos ou nos circuitos de prestígio, pois eles deixam, assim, de ser uma luz do conhecimento para a transformação social e cultural do país.

Quando eu estava fazendo meu pós-doutorado no Instituto de Medicina Social da UERJ, em 2007, meu orientador, o psicanalista Jurandir Freire, observou a importância que eu dava ao papel do pai no desenvolvimento psicológico dos jovens e perguntou, curioso, quem era meu pai. Quando lhe disse que era Nelson Werneck Sodré, ele brincou comigo: “Mas esse não foi apenas o seu pai: foi o pai da nação!” Referiu-se, então, à importância que teve esse pensador para a geração dele. Assim sendo, ao me engajar no movimento do seu centenário, não o estava fazendo apenas por ter sido ele um grande pai e amigo, e sim pelo sentido do que representa o seu legado para a nossa cultura e para o povo brasileiro. Considero, de fato, que Nelson Werneck Sodré não foi apenas o meu pai. Ele foi o “Pai da Nação” brasileira, por ter refletido e elaborado, de modo ímpar, os fundamentos da nossa nacionalidade em termos universais, sem nunca deixar de lado a defesa de uma sociedade mais igualitária e humana, rumo a uma mundialização que respeitasse o colorido e as raízes histórico-culturais de cada nação. Ele não foi um “nacional-desenvolvimentista”, como o classificam alguns estudiosos. Ao contrário, ele distinguiu-se dessa tendência predominante em sua época defendendo o avanço de um socialismo brasileiro, com base no reconhecimento da importância da nacionalidade.

Seu trabalho intelectual é preciosíssimo para as novas gerações, por ter ele conseguido nos legar uma análise crítica e uma síntese das diferentes facetas do Brasil que poucos pensadores brasileiros conseguiram realizar. Como o Édipo da mitologia grega, que decifrou o enigma da Esfinge com base nas três etapas da vida humana, ele nos desvendou o

enigma da realidade social brasileira, servindo-se com maestria e originalidade do método marxista para nos dar uma nova visão da história brasileira. Tendo sido um árduo pesquisador de nossa realidade, sua obra continua sendo uma referência fundamental e não apenas para o aprofundamento de nosso conhecimento histórico do Brasil. Muitas de suas ideias continuam atualíssimas, como, por exemplo, sua precursora contestação da “farsa do Neoliberalismo”. Ele nos apresentou questões essenciais sobre o Brasil, abrindo largos horizontes para que pudéssemos melhor entender o nosso país.

Através da celebração de seu centenário, procuramos, portanto, com base em uma ampla rede de amigos em todo país e no estrangeiro, resgatar sua contribuição intelectual, para que ela se mantenha viva e atuante na sociedade brasileira.

Após o golpe de 64, procurou-se enterrar a sua obra, mas o feitiço virou-se contra o feiticeiro, e a tentativa de eliminação acabou despertando a curiosidade dos jovens pesquisadores, que procuraram, então, entender por que se estava tentando com tanto empenho ocultar ou apagar a contribuição desse intelectual e de seus colegas do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), onde ele lecionou, pesquisou e transmitiu essa nova perspectiva sobre o Brasil.

Em resposta a esse justo interesse é que foi criado o ISEB-NWS e se multiplicaram as várias atividades ligadas ao lançamento do Ano NWS, promulgado pela Prefeitura de Itu. Esta cidade tornou-se, durante o centenário, um berço da cultura, que soube reconhecer o valor da obra desse grande intelectual brasileiro, acolhendo-o em seu regaço e reunindo em torno dele representantes de diferentes áreas culturais: pesquisa social, música, literatura, comunicação e história, num clima de efervescência e entusiasmo que me recordaram os anos dourados do ISEB, em meados de cinquenta e sessenta.

Apesar da enorme contribuição histórica de Nelson Werneck Sodré e da geração de intelectuais que nos anos cinquenta/sessenta pensaram a nação brasileira, as atuais gerações desconhecem a importância de sua participação para a nossa história. As comemorações do centenário têm me possibilitado andar pelo Brasil e conversar com os estudantes a esse respeito. Quando lhes conto os acontecimentos dessa época e o que representou o ISEB, ficam encantados. Quando lhes digo que a ação dessa geração de intelectuais foi socialmente mais relevante do que a dos intelectuais franceses que participaram dos eventos de 1968, na França, ficam espantados. Quando narro o papel de Nelson Werneck Sodré na luta pelo desenvolvimento brasileiro e pela cultura nacional, e minha participação no movimento popular de cultura gerado no intercâmbio entre os intelectuais do ISEB, os artistas e estudantes desse período histórico, o público fica em geral empolgado.

Observo com tristeza a lacuna gerada pela interrupção abrupta da experiência da geração intelectual de Nelson Werneck Sodré para as novas gerações. Essa lacuna foi introduzida pelo processo político que instalou no governo a ditadura de 1964 e integrou o Brasil numa globalização que tende a uniformizar o pensamento e a eliminar as culturas nacionais. Esse processo impediu não apenas o avanço da construção de um desenvolvi-

mento brasileiro com base na cultura nacional, mas também a preservação da transmissão da memória da geração de Nelson Werneck Sodré para as gerações posteriores, com graves consequências para construção da identidade nacional dos jovens brasileiros, que caminham a esmo, perdidos nas ruas de nossas cidades, como observo até em lugares como Itu, ao som de músicas que nada têm a ver com nossas raízes.

O grande valor das diversas homenagens a Nelson Werneck Sodré e das comemorações de seu centenário me parece estar no resgate da memória de intelectuais como ele, que pensaram a nossa nação, aglutinando as pessoas em torno de símbolos que permitam a elaboração da identidade brasileira.

A preparação do centenário foi como uma árdua e lenta gestação, que começou em fevereiro de 2008 até que, em 02 de fevereiro de 2011, a comissão do centenário formada em Itu deu à luz ao Ano Nelson Werneck Sodré.

Procurando chamar a atenção para a aproximação desse centenário, demos, em 2008, os passos iniciais para a formação da rede de amigos de NWS e retomamos o contato com as editoras que não estavam cumprindo os contratos feitos com a viúva do escritor, Yolanda Frugoli Sodré. Foi, então, criado um instrumento legal de preservação de sua obra, na forma de um instituto. Em outubro de 2008, ocorre a fundação oficial desse instituto, cujo nome (*ISEB*) lembra simbolicamente o vínculo dele com a história das lutas intelectuais e com o trabalho de ensino e pesquisa do seu patrono no departamento de história do antigo *ISEB*, órgão do Ministério da Educação e Cultura extinto imediatamente após o golpe militar de 64. Para diferenciá-lo do antigo, o novo instituto recebeu o nome de *Instituto Superior de Estudos Brasileiros - Nelson Werneck Sodré*. Desde a criação do *ISEB-NWS*, muitos estudantes, intelectuais e instituições entraram em contato conosco pedindo informações, orientações, material para publicação ou elaboração de tese, como, por exemplo, Rodrigo Czajka, que fez sua tese de doutorado sobre os depoimentos desse historiador nos *Inquéritos Político-militares (IPM)* ou a professora Luitgarde de Barros, que delineou a trajetória intelectual do autor em seu pós-doutorado.

Começamos também, desde então, a estabelecer intercâmbios com várias instituições, como o *Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* ou a *Biblioteca Nacional*, à qual o escritor doou todo seu acervo intelectual¹.

Ainda no final de 2008, despontaram eventos que foram sendo relacionados ao centenário, como o *Jornalismo 2.0.*, no qual fiz uma ponte entre a obra de Nelson Werneck Sodré e a atual situação da comunicação social em nosso país².

Ao longo de 2009, quando se completaram dez anos de seu falecimento, procurei destacar a relevância do pensamento de Nelson Werneck Sodré em vários trabalhos, em particular no artigo publicado pela *Revista do Livro*, *Paralelo entre dois pilares da Literatura Social Brasileira*, no qual tracei uma comparação entre Euclides da Cunha e ele.

Outros eventos ou trabalhos refletem esse esforço, como na apresentação que fiz sobre *Diálogo entre Marxismo e Religião*, em uma mesa-redonda sobre o assunto, no *XI Simpósio Nacional Da Associação Brasileira de História Das Religiões* (realizado em Goiânia, entre 25 a 27 de maio de 2009) ou na organização de uma coletânea de textos do autor em torno do tema: *Desenvolvimento Brasileiro e Luta Pela Cultura Nacional*, impresso em Itu e publicado um ano depois pelo IPEA, em novembro de 2010, e lançado no *I Seminário sobre Desenvolvimento Brasileiro*, em Brasília, em um megavento que reuniu mais de sete mil pessoas, só nos dois primeiros dias. No lançamento do livro, dei meu testemunho a respeito da história da luta pela cultura nos anos 50/60, referindo-me em particular ao ISEB.

Em agosto de 2009, foram estabelecidos os primeiros contatos com o fundador da *INTERCOM*, José Marques de Melo, e, em novembro desse ano, com seu apoio, começaram os entendimentos com o atual presidente da *INTERCOM*, Antonio Hohlfeldt, sobre uma edição conjunta da *História da Imprensa no Brasil*, publicada, em 2011, pela *PUC-RS, INTERCOM e ISEB-NWS*. Logo a seguir, Marialva Barbosa, organizadora do *INTERCOM 2010*, que propõe uma mesa redonda de homenagem a ele, da qual participei apresentando o tema: *História, Jornalismo e Comunicação de Massa em Nelson Werneck Sodré*. Essa mesa redonda foi integrada por importantes pesquisadores da área de comunicação, entre eles o fundador da *INTERCOM*, a professora Luitgarde e o prof. José Marques, que o reconheceu não apenas como um precursor do estudo da história da imprensa no Brasil e único autor a publicar um livro de toda a história da imprensa em nosso país, mas também como o primeiro pensador das comunicações em nosso país. Esse evento foi o prelúdio da grande homenagem realizada na *INTERCOM 2011*, quando foi lançada a nova e belíssima edição desse clássico livro do autor.

Em janeiro de 2010, começam os contatos com a editora *Expressão Popular* para a reedição de outro livro seu, *História Militar do Brasil*, e a curadora da obra cede a essa editora o valor dos direitos autorais durante a vigência do contrato editorial assinado em abril de 2010. A nova edição deste livro é publicada com uma introdução de Paulo Cunha, autor de tese, livro sobre autor e organizador de vários eventos que contribuíram para o retorno da discussão sobre Nelson Werneck Sodré no meio universitário.

No final de dezembro de 2010, foi montado o *site* do centenário³ e, no dia 06/01/11, ocorreu a primeira reunião da comissão para a realização de eventos do centenário, em Itu, nas dependências do Centro de Estudos do Museu Republicano, dando início à jornada do centenário que está toda registrada no referido *site* e que envolveu diferentes instituições brasileiras, como a Academia Brasileira de Letras, a Biblioteca Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa, a Fundação Grubois, a Fundação Astrogildo Pereira e vários departamentos de história e jornalismo de grandes universidades brasileiras, entre elas a USP e a UNESP, além das palestras e eventos organizados em Itu e outras cidades brasileiras.

O *Centro de Estudos do Museu Republicano* de Itu, por exemplo, realizou duas conferências e uma exposição da obra do autor. No Instituto Cultural de Itu, foi criado o Centro de Estudos Brasileiros – Nelson Werneck Sodré, que realizou sete *Diálogos* ao longo do centenário, reunindo mais de mil pessoas. Diversos órgãos de imprensa da região de Itu, do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Pernambuco, Alagoas, Brasília, Rio Grande do Sul, e de várias outras localidades, publicaram notícias dos eventos do centenário. Excelentes matérias sobre o centenário foram publicadas em excelentes periódicos de circulação nacional, como a Revista de História da Biblioteca Nacional e o Jornal da ABI.

A direção do Centenário não cessa de receber *e-mails* e cartas de diversos lugares do Brasil e do mundo elogiando as comemorações do centenário de Nelson Werneck Sodré. A jornalista e pesquisadora Joelle Rochou, do setor de história da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, por exemplo, parabenizou o movimento: “Está um sucesso esse centenário”! A rede Nelson Werneck Sodré está igualmente atingindo pesquisadores da Europa, como o professor de psicologia na Escola de Belas Artes de Paris, Christian Gaillard, que se espantou ao perceber o papel que esse historiador representou para a cultura brasileira, e a ação desenvolvida durante o centenário. O Secretário Geral do Diálogo Inter-religioso Monástico do Vaticano, D. William Skudlarek, comentou: “Olga, você deu uma síntese maravilhosa do trabalho e da importância de seu pai e um retrato fascinante do Brasil dos anos 50 e 60”. Até mesmo monjas contemplativas, como a abadessa do Mosteiro Nossa Senhora da Paz (Itapeverica da Serra, SP), Madre Marta Lúcia Teixeira, consideraram os trabalhos do centenário uma benção para a humanidade: “Que maravilha toda essa irradiação da obra de seu pai e desse centenário! Quantas graças e bênçãos de Deus para tantas pessoas! Tenho acompanhado tudo pelo *site* e fico admirada com sua atuação e representação”.

Os Correios escolheram a data de 11 de novembro de 2011 para o final da homenagem prestada a Nelson Werneck Sodré por eles realizada através da criação e uso de um carimbo e de um selo comemorativos de seu centenário. Essa data é, de fato, uma das mais importantes para a história desse grande nacionalista brasileiro e para a História do Brasil, pois, na mesma data, em 1955, os chefes militares nacionalistas comandados pelo então Ministro da Guerra, General Henrique Teixeira Lott, conseguiram derrotar a tentativa de golpe que visava impedir a posse de Juscelino Kubitschek na Presidência da República. Lembro-me perfeitamente do telefonema do General Lott a meu pai, na noite de 10 para 11 de novembro de 1955, e dos sucessivos telefonemas deste articulando a defesa da democracia. Se as forças nacionalistas do Exército Brasileiro não tivessem saído vitoriosas nesse dia, não teríamos hoje Brasília, as bases de nossa democracia e de nosso desenvolvimento, que foram então lançadas pela grande frente democrático-popular que se formou nessa época. Essa data para mim é, portanto, a data de uma das grandes batalhas pela democracia brasileira e foi um dia de uma força simbólica especial para o encerramento das homenagens, em Itu.

Em outras partes do Brasil, as comemorações do centenário continuam. No Rio de Janeiro, por exemplo, haverá um megaevento no Teatro Casa Grande e uma homenagem da ALERJ a esse eminente homem público. O centenário foi, portanto, apenas o início de um movimento de reativação da memória desse “General do Povo” e “Pai da Nação brasileira”.

* Olga Sodré é filha de Nelson Werneck Sodré e responsável pelo acervo de sua obra.

Referências bibliográficas

SODRÉ, Olga. Paralelo entre dois pilares da Literatura Social Brasileira. *Revista do Livro da Biblioteca Nacional*. Brasília: MEC, 2009.

Notas

¹ A *Revista do Livro* registrou agradecimentos a esse respeito no nº 49/ANO 16/MAIO 2008, no qual é também publicado um texto inédito de Nelson Werneck Sodré, *Liberdade e Literatura*.

² Há registro desse evento, sua organização e indicação desta palestra, no seguinte endereço eletrônico: <http://jornalismo20.com.br>

³ Ele foi criado por Alan Dubner e ficou hospedado no endereço eletrônico: www.nws.itu.com.br

Sodré: Uma vida de lutas

Amanda Bueno

Graduanda do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Uerj (I.C - PIBIC)

Jordan Rodrigues dos Santos

Graduando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Uerj (I.C - PIBIC)

Resumo

Homem de seu tempo, com as ideias em seu devido lugar, este foi Nelson Werneck Sodré que, a partir do crivo da interdisciplinaridade, transitava entre História, Literatura, Economia, Jornalismo, Ciência Política, apresentando-se ora como escritor, cronista, literato, ora como político, militar, ora como muitos. Era, acima de tudo, um grande crítico. No ano do centenário de seu nascimento, suas obras foram catalogadas pelo grupo de pesquisa coordenado pela antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, que, com tal iniciativa, conseguiu, através do projeto “Ofício de Escritor: Comunicação e Projeto de Brasil na obra de Nelson Werneck Sodré”, homenagear este homem das letras e retornar para a sociedade, na forma de livro, uma compilação dos artigos publicados por ele em diversos meios de comunicação da época. Estes artigos foram cuidadosamente organizados por Sodré em fichários e doados pelo próprio à Fundação Biblioteca Nacional, no período de 1924 a 1999.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré, Nacionalismo, Imperialismo.

Abstract

A man of his time, the ideas well organized, this was Nelson Werneck Sodré, who, on the basis of an interdisciplinary perspective, moved comfortably among History, Literature, Economy, Journalism, Political Sciences, presenting himself either as a writer, a chronicler, a literate or as a political, a military – a dialogical personality. Above all, he was a great critic. In the year of his birthday’s centenary, his works have been catalogued by the group of research coordinated by the anthropologist Luitgarde Barros, who, in the context of the project “Ofício de Escritor: Comunicação e Projeto de Brasil na obra de Nelson Werneck Sodré”, succeeded to honor this man of letters, offering to society a book gathering the papers he published in the past in various means of communication. These papers have been carefully organized and donated by Sodré himself to Fundação Biblioteca Nacional between 1914 and 1999.

Keywords: Nelson Werneck Sodré, Nationalism, Imperialism.

A vida de um autor permanece quando suas obras não ficam presas a um momento histórico, quando seu conteúdo é relevante e consegue atingir generalizações dentro de uma realidade específica. E um exemplo de escritor que lutou para que a literatura brasileira não fosse temporária, e ao mesmo tempo nacional, foi Nelson Werneck Sodré. Um figura pública brasileira que teve muita impotência para literatura, historiografia e economia política, pois conseguiu captar as transformações pelas quais o mundo estava passando, como elas afetavam o Brasil e as possíveis soluções para os problemas existentes.

Um ano antes do centenário de seu nascimento, suas obras jornalísticas, a partir da iniciativa da professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, foram catalogadas pelo projeto “Ofício de Escritor: Comunicação e Projeto de Brasil na obra de Nelson Werneck Sodré”. Essa proposta utilizou os fichários doados por Sodré à Fundação Biblioteca Nacional, para fazer a compilação dos seus artigos, de 1924 a 1999, sistematizando-os sob a forma de verbetes.

Com sua organização invejável, Sodré permitiu que seu trabalho fosse analisado sem que nada fosse perdido, uma vez que os artigos publicados (a maioria) e os não publicados foram todos lidos. O resultado de onze meses de trabalho da equipe foi a reunião de mais de 2.500 verbetes.

Um leitor atento pode observar o quão versátil ele foi e como possuía uma visão crítica sobre tudo, e a deixava transparecer. Não tinha medo de expor o que pensava, combatia o que não concordava de frente e sem subterfúgios, dava nome e sobrenome a seus inimigos. Talvez possam chamá-lo de romântico, mas não o é. Homens veem o lado bom e o ruim da história, que sempre terá seus mocinhos e vilões.

Sua visão foi claramente destinada a combater a falta de liberdade, a deculturação, o entreguismo, a exploração do povo, entre outros aspectos de nossa sociedade. Cabe ressaltar: não foi somente no âmbito nacional que Sodré expôs sua crítica, mas também no internacional. Por esta razão, ao examinar os artigos que publicou em jornais e revistas, principalmente os do jornal *Ultima Hora*, chama a atenção suas apreciações acerca dos conflitos ocorridos no pós-II Guerra Mundial e os problemas econômicos disto decorrentes.

Sodré denunciou como as relações de poder se manifestavam em todo o mundo. Para ele, as potências mundiais da época desejavam exercer influência em todas as esferas da sociedade mundial e considera esta ação prejudicial, pois limita a possibilidade do crescimento nacional dos países menos desenvolvidos. Foi um combatente contra os aliados das intervenções estrangeiras, classificados por ele como “entreguistas”.

O exame que Sodré desenvolve acerca desta realidade é impressionante, pois consegue alcançar nosso século, reafirmando a existência de um padrão hegemônico das potências ocidentais. Mostra, através de suas análises, como estas relações ficaram tão cristalizadas, permitindo ações cíclicas de intervenção de potências hegemônicas, com objetivo constante de dominação de um grupo sobre o outro.

Durante toda a leitura dos fichários, em meio a inúmeras críticas literárias de todo gênero de livros, Sodré escreveu sobre a política nacional e internacional. Lutou, durante a Guerra Fria, contra o domínio dos Estados Unidos da América e das potências europeias na América Latina e Oriente Médio, mostrando sempre como o Brasil se encaixava no panorama internacional. Ele expõe, de forma sucinta, porém sem deixar fatos importantes de lado, alguns aspectos deste processo, como, por exemplo, ao tratar das guerras e invasões que ocorriam no Oriente Médio, por volta do ano de 1958, questões energéticas relativas especialmente ao petróleo e à formação de alianças em função dos interesses neoliberais.

Com o pseudônimo de “Observador Militar”, Sodré fez análises que demonstraram como a luta pela influência em territórios interferiu nas questões econômicas, políticas e culturais, disfarçadas, segundo pensa, de um liberalismo defensor da liberdade, mas que seria, no entanto, tão autoritário quanto o nazismo. Uma transmutação que, até hoje, tem o apoio de instituições internacionais “neutras”, como a ONU, com o objetivo de difundir valores capitalistas ocidentais contra experiências socialistas ou comunistas.

Em tais artigos tratou do conflito civil que ocorreu no Líbano em 1958. A disputa por poder e território entre grupos religiosos (cristãos, muçulmanos - sunitas, xiitas) após a intensificação dos conflitos palestinos, fez com que um grande contingente de palestinos se refugiasse no Líbano. Com esta migração, a forma de gestão, que era estratificada, estabeleceu quais religiões ocupariam determinados cargos (a chefia do país ficava a cargo dos cristãos maronitas, o primeiro ministro era sunita e os cargos inferiores ficavam com os drusos, xiitas e ortodoxos). No entanto, como a maioria do país passou a ser muçulmana, houve uma pressão para mudar a ordem vigente, o que resultou em uma guerra civil.

Este movimento revolucionário estendeu-se para outros países, como Iraque, Egito e Líbano. Em uma onda de nacionalismo, houve inúmeras tentativas de nacionalizar jazidas petrolíferas, desencadeando represálias dos Estados Unidos, dos países europeus e da extinta União Soviética, com a justificativa de impedir que os estados se desintegrassem. Este argumento é no mínimo controverso, uma vez que a distribuição de petróleo para os países europeus e os EUA dependia desses países orientais, e uma modificação desse modelo seria altamente prejudicial ao crescimento e disputa de poder com o bloco socialista.

As ações diplomáticas, segundo Sodré, visavam ao benefício dos países imperialistas. Tomemos como exemplo desta visão o artigo “Os pactos e a Guerra”, publicado no jornal *Ultima Hora* (32,1,17,72), em que faz uma análise do Pacto de Bagdad, o qual, considera, foi utilizado como artifício imperialista para impedir a autodeterminação de alguns países do Oriente Médio, servindo para conter o avanço do espectro comunista/socialista na região. Quando, por fim, este projeto falhou, servem-se disto para justificar as invasões do Líbano, Iraque, Jordânia, Egito e Irã.

Todavia, Sodré parabeniza e ressalta as iniciativas que colocam em cheque a hegemonia das grandes potências ocidentais da época. Afirma que estas tentativas devem ser sempre valorizadas. Um exemplo, que, segundo o entendimento do autor, deveria ser copiado por todos aqueles que desejavam livrar-se do jugo imperialista, é a Conferência de Bandung. Nesta conferência, vinte e nove países se reuniram com o objetivo de promover a cooperação econômica e cultural da África e da Ásia como forma de oposição ao neocolonialismo. Foi a primeira forma de organização a afirmar que o imperialismo e os pré-conceitos são crimes e a reivindicar que tais crimes fossem julgados. Contudo, a Conferência de Bandung termina sufocada pelos países centrais.

Apesar de ter sido abafada, esta experiência repercutiu, ainda que com menor força, entre os países latino-americanos, que tentaram acompanhar seu entusiasmo nacionalista, mas, de acordo à análise de Sodré, esbarraram na falta de união ou na submissão de alguns. O pan-americanismo deveria ter sido uma ferramenta de combate ao imperialismo, porém não encontrou força dentro dos países membros para prosseguir.

Com visão altamente crítica, Sodré questiona a posição brasileira desse período. Ele acreditava que o Brasil desejava copiar a cultura dos países imperialistas, principalmente a dos Estados Unidos da América. Em certa passagem, deixa isso claro ao por em foco o papel dos filmes, principalmente os hollywoodianos, que disseminavam, de forma maciça, a cultura estadunidense. As crianças brasileiras sabiam mais sobre faroeste, *cowboys*, e congêneres, do que sobre personagens do folclore do próprio país. E o pior era o sentido que era dado a isso, uma vez que a forma como os filmes norte-americanos eram absorvidos pela cultura local acarretava uma inversão de valores, onde o estrangeiro era mais valorizado e servia de modelo a ser copiado. Os valores impostos acabaram sendo perpetuados e suprimiram a cultura nacional.

Outro ponto muito avaliado por Sodré é a sujeição política e econômica às políticas imperialistas. Sua principal crítica neste ponto é feita aos governos aos quais denomina como “entreguistas”. Os “entreguistas” são aqueles cuja mentalidade e práticas políticas e ideológicas destinam-se, como o adjetivo sugere, a entregar os recursos naturais do Brasil para serem explorados por entidades e empresas estrangeiras, pelo capital internacional. É um dos instrumentos que mantém a sociedade nacional entregue à elite mundial e entrava o processo de crescimento e independência política e financeira.

O petróleo era o assunto mais debatido nessa época (e continua a ser até os dias de hoje), por ser considerado estratégico para o desenvolvimento. O grupo entreguista queria que a Petrobras deixasse de ser uma empresa nacional, pois considerava que o monopólio estatal era um entrave ao desenvolvimento do Brasil. Sodré criticou duramente esta postura em seus artigos. A figura que mais aparece sob foco desta crítica foi o economista Eugênio Guddin, que defendia com unhas e dentes a supremacia do mercado no Brasil e a corrente liberal como referência.

Sodré entende que esta corrente era responsável pela sustentação, prática e ideológica, daqueles que não queriam livrar o Brasil dos grilhões imperialistas, e ainda lhes davam apoio. Neste sentido, Sodré lembra o encontro de Guddin com um economista estadunidense, no qual o economista brasileiro sabia mais sobre a economia americana que a do próprio país. (Diálogo - Última Hora. Rio de Janeiro, p.11, 10/09/1958. Panorama Literário). Para oferecer outro exemplo do comportamento entreguista, Sodré avalia a visita de Mr. J. Foster Dulles (Secretário de Estado dos Estados Unidos da América, no ano de 1958), em que Dulles teria feito um enorme assédio às jazidas petrolíferas brasileiras, fato que foi minimizado durante a exposição feita pelo economista à população, intelectuais e políticos antientreguismo.

Todavia, esse tipo de política escamoteada não tem apenas uma forma de alcançar seus objetivos. Possui outros meios, entre os quais a imprensa é muito utilizada. Através da criação de simulacros e do terrorismo, criaram um vilão, alguém para servir de Judas. Deste modo, seguindo a cartilha liberal propagada pelos Estados Unidos da América, o nacionalismo e o socialismo aparecem sob a imagem de causadores dos problemas econômicos e políticos do mundo, uma vez que, segundo a propaganda oficial, impossibilitavam um mercado livre. Com isso, a opinião pública vivia um clima de inquietação e mistério que até os órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas, legitimavam, com ações militares, políticas e econômicas.

Esse panorama parece familiar? E é, pois ao implementar múltiplas estratégias, tipos de negociação, ações e também de subversão, em todas as regiões e continentes, os Estados Unidos conseguiram conciliar o “poder hard” (mobilização em grande escala, força imensurável e exército presente) com o “poder soft” (influência cultural). Segundo Karen A. Mingst, combinados, estes elementos geram o “poder smart”, que é mais efetivo e tem longa duração. Assim, os EUA criaram uma rede na qual se torna difícil algum povo se contrapor à sua hegemonia mundial ou regional.

Todo esse panorama Sodré descreveu há 50 anos atrás, e sua luta continua até os dias de hoje. A hegemonia norte-americana, construída no pós-II Guerra Mundial, precisa de lucro, e tem se mostrado eficiente. Mas a quem são dados estes lucros? Há necessidade de alguém ser subjugado. Ao longo da história do pós-II Guerra Mundial, existe sempre algum governante para aderir ao esquema, na esperança de ser o próximo a ter mais lucros e poder na estrutura capitalista, que assim é mantida. Para Sodré, quem perpetua essa ordem a faz, pois está pleiteando um lugar de destaque na ONU, no FMI, no Banco Mundial, quer deixar de ser parte do segundo plano e passar a fazer parte do cenário principal.

Tentar a nacionalização para assumir esse papel de destaque assusta, caso recente do Iraque, Irã, Egito, que tentam assumir os rumos da política nacional, enquanto continuam a ser tutelados por outros estados. Outros países que tentam fazê-lo seguindo as regras do jogo não precisam de “controle”. O recente grupo a ganhar destaque neste contexto é

o BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), que se destaca no cenário mundial pelo rápido crescimento econômico, mas que ainda está em fase de desenvolvimento. As condições internas destes países são respeitadas e por esta razão a chance de choque é menor, e como Sodré destaca, as condições internas precisam ser aceitas para ser possível a manutenção da paz.

Referências bibliográficas

AQUINO, Arthur. A Consolidação do Projeto Industrialista à Luz da Controvérsia em torno do Planejamento Econômico entre Simonsen e Gudin (1935-1945). Disponível em : www.geocities.ws/politicausp/teoriapol/Modernidade/Aquino.pdf. Acesso em: 11/11/2011.

Samuel Pinheiro Guimarães: Doces Ilusões, Duras Realidades. Disponível em: www.outroladodanoticia.com.br/inicial/12555-samuel-pinheiro-guimaraes-doces-ilusoes-duras-realidades.html. Acesso em: 11/11/2011.

“SimonsenGudin” - Liberalismo radical Eugenio Gudin e a supremacia do mercado na economia brasileira. Disponível em: www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/2010/Simonsen_Vol.1.pdf. Acesso em: 11/11/2011.

Conflitos do Oriente Médio. Disponível em: www.coladaweb.com/historia/guerras/conflitos-do-orientes-medio. Acesso em: 11/11/2011.

Conferência de Bandung. Disponível em: [www.infopedia.pt/\\$conferencia-de-bandung](http://www.infopedia.pt/$conferencia-de-bandung). Acesso em : 10/11/2011.

MINGST, Karen. Princípios de Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

Nelson Werneck Sodré: um historiador da comunicação no Brasil

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Doutora em Ciências Sociais

Resumo

O artigo traça um perfil biográfico, histórico e político do historiador, jornalista e escritor Nelson Werneck Sodré. Faz um paralelo entre os principais acontecimentos políticos do século XX no Brasil e no mundo, relembra a atuação de Sodré nas lutas no Brasil – como nacionalista e depois como comunista – e exemplifica a atualidade de sua crítica frente à política de privatizações do governo FHC. Destaca a atenção do historiador à leitura das diferentes áreas do conhecimento, entre elas a Literatura. A autora revela aspectos da sua carreira militar, destaca fases da participação de Sodré no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o reconhecimento do historiador no mundo jornalístico por sua intensa participação no Jornal Última Hora e na Revista Civilização Brasileira. O trabalho examina e avalia o retorno da obra de Sodré aos meios acadêmicos na década de 90 e analisa sua obra mais importante, História da Imprensa Brasileira.

Palavras-chave: Nelson Werneck Sodré, História, Comunicação.

Abstract

The paper draws a biographical, historical and political profile of the historian, journalist and writer Nelson Werneck Sodré. It makes a parallel between the main political events of the 20th century in Brazil and in the world, remembers Sodré's participation in fights in Brazil – as a nationalist and, afterwards, as a communist – and exemplifies the contemporary interest of his critics to the privatization policy of president Fernando Henrique Cardoso's government. It highlights his interest in different areas of knowledge, amongst which we find Literature, and reveals some aspects of his military career. The author also focuses different moments of Sodré's participation at Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) and his merits in journalistic world by his intense participation in Última Hora (a newspaper) and in Revista Civilização Brasileira. Finally the paper examines and evaluates the return of Sodré's works to academy in the nineties and analyses his most important book, História da Imprensa Brasileira.

Keywords: Nelson Werneck Sodré, History, Communication.

Inserindo-se na linha de pesquisa Pensamento Social Brasileiro, que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação da UERJ, este trabalho é uma contribuição ao estudo da trajetória do intelectual brasileiro Nelson Werneck Sodré que, tendo nascido em vinte e sete de abril de 1911 e falecido em 13 de janeiro de 1999, pela importância de sua obra e por suas posições políticas, tem a história de sua vida associada à história do Brasil do século XX.

Grande memorialista, como escritor e jornalista escreveu sobre os principais temas do mundo em que viveu, com raciocínio crítico, vasta formação intelectual e ativismo político. Estudou, analisou de maneira arguta e atuou na imprensa brasileira e latino americana desde 1924, até 1999 quando, lúcido aos 88 anos incompletos, com muita clareza denuncia a política de privatizações do Governo Fernando Henrique Cardoso (1994-2002). Para Sodré, Cardoso seria um agente do imperialismo, um neoliberal devolvendo o país à situação colonial, principalmente pela entrega dos recursos e do patrimônio nacionais, à sanha de lucro das empresas multinacionais. No último ano do século XX, Nelson Werneck Sodré está retomando um tema, um debate que segmentou a sociedade brasileira desde a segunda metade daquele século de frustração das utopias, que foi o embate entre *entreguistas* e *nacionalistas* e, no interior desta última linhagem intelectual, os debates entre diferentes concepções de *nacional*.

A história do século XX foi marcada, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa, por intensas lutas entre campos políticos e econômicos, entre as teorias sobre a divisão social do trabalho e sobre o equilíbrio de poder entre os dois blocos, contrapondo-se capitalismo e socialismo, numa disputa sangrenta que arrastou milhões de seres humanos para a morte, a glória ou o opróbrio.

Como intelectual e militar de carreira, Sodré esteve na cena das lutas no Brasil, na posição definida por ele como *nacionalista*, transformada, pela violência da Guerra Fria, em *comunista*.

Em defesa de projetos de nação, os pensadores brasileiros, desde o século XIX, se dividiram, já nas campanhas pela abolição da escravatura, entre os que procuravam a manutenção de uma economia colonial escravocrata e os que lutavam pela modernização do país, a partir inicialmente de ideias iluministas e humanistas. Planejavam construir uma sociedade livre do que consideravam *horrores da escravidão, da ideologia colonialista e do analfabetismo* buscando, pela educação, uma sociedade livre de preconceitos raciais e da submissão aos países colonizadores, isto é: uma nação soberana política e economicamente. Esta linhagem intergeracional de pensadores, na primeira metade do século XX se autodenominava nacionalista e progressista, em contraposição aos chamados conservadores que, mesmo defendendo a modernização tecnológica do país, procuravam preservar internamente a estratificação social altamente hierarquizada, com as características do Brasil colônia. Por suas concepções, mantinham-se fora das estruturas sociais negros, mestiços e índios, a imensa maioria da sociedade, correspondendo a mais de dois terços da população. Procurando manter ligações passadas, este grupo privilegiava suas

relações com a economia externa, ainda que isto significasse submissão do país a interesses estrangeiros.

Legitimando-se enquanto historiador de seu tempo, Sodré escreve:

Nasci em 1911; tinha três anos, ao irromper a Primeira Guerra Mundial; seis, quando surgiu a Revolução de Outubro; sete, quando terminou a guerra; onze, quando o Brasil completou um século de vida independente (sendo, entretanto, tão dependente ainda). Vivi o tempestuoso período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com todas as manifestações de renovação econômica, política, social, artística, e também as de desespero, a busca angustiada da originalidade, em arte, e a luta violenta pelo poder; vivi o mundo em que viveram o Kaiser Guilherme II, da Alemanha, o imperador Francisco José, da Áustria-Hungria, Clemenceau, Poincaré, Chamberlain, Lloyd George, o czar Alexandre II, o presidente Wilson, Sun Yat Sen, Lênin, para chegar à fase em que viveram Hitler, Mussolini, Roosevelt, Stálin. No Brasil atravessei justamente o tempestuoso período do tenentismo, na agonia da República oligárquica; do Modernismo em literatura e nas artes; da Revolução de 1930, do movimento de 1932, do levante de 1935, da ditadura do Estado Novo, do putsch de 1938, da Segunda Guerra Mundial e de nossa participação nela; da reconstitucionalização e das lutas políticas subseqüentes, com os golpes e tentativas de golpe de 1945, de 1954, de 1955, de 1961, de 1964, da ditadura militar então instaurada. Tive a oportunidade de conhecer o passado relativamente distante, em depoimentos orais de testemunhas: conheci a guerra do Paraguai, na narrativa fluente e calorosa de Barbosa Martins; a vida do Império, segundo as reminiscências de minha bisavó Francisca de Almeida Lemos, que faleceu quase centenária e absolutamente lúcida; a escravidão pelos depoimentos de antigos senhores e particularmente de antigos escravos. Assisti as grandes transformações que o Brasil passou neste século; as mudanças têm sido profundas, mal nos damos conta de quão profundas têm sido. E o mundo, então, nem se fala: somos, ao mesmo tempo, em épocas assim, contemporâneos do passado e do futuro. Como assisti a tudo com muita atenção e, no que diz respeito ao Brasil, com muita participação, suponha ter o que contar. (1)

Tanto quanto contar, Sodré ensinou como contar. Escreveu exaustivamente sobre a necessidade de leitura, de muita leitura em diferentes campos do conhecimento, além da participação ativa na vida social, para se estar capacitado a estabelecer elos entre fatos da realidade, conexões entre hipóteses explicativas, visando sempre a causalidade dos fenômenos sociais, a essência da realidade, as causas e os efeitos da ação dos homens no seu *fazer a história*.

Escrevendo sobre as contingências políticas, econômicas, sociais e literárias fez a História do Tempo Presente, resgatando as estratégias empregadas em cada fenômeno estudado no passado histórico, estabelecendo elos com o futuro, ao analisar possíveis efeitos de decisões presentes sobre o desenvolvimento futuro da sociedade. É sua concepção de História como dinâmica transtemporal, onde o presente, pesado de decisões do passado, lança as bases do futuro. A responsabilidade do intelectual, produtor de opinião, é ressaltada pelo autor em artigos publicados em jornais e periódicos, como nos livros. Produziu importante obra comunicacional num amplo espectro de análise de problemas discutidos pela antropologia, literatura, sociologia, política e economia, abordando os fenômenos com um olhar multidisciplinar.

Em sua sede de conhecer o Brasil para entender as estruturas sociais do mundo em que viveu, alargou seus estudos para além do território nação, abrangendo também História das Américas e História Mundial. Porém é ao conhecimento do Brasil que se dedica, numa missão absorvente que lhe enriqueceu a vida, num combate diuturno em defesa de suas concepções de mundo, teoricamente baseadas nos pressupostos marxistas.

De formação institucional militar desde os treze anos de idade quando ingressou no Colégio Militar em 1924, situou-se, enquanto oficial, como uma ponte, um elo entre a Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME) e os diferentes vieses teóricos da Academia, enquanto *locus* civil de elaboração de conhecimento. Atuando como professor de História na (ECEME) e, posteriormente, no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), conquistou respeito nos mundos civil e militar, ao mesmo tempo que estabeleceu, através da imprensa e de extensa obra, um diálogo, um debate intelectual que versou sobre todos os problemas que atingem a sociedade brasileira. Sobre sua paixão pela História, escreve: *Minha ciência é a História e creio que ela é indispensável à Comunicação.* (2)

Oficial de carreira, Nelson Werneck Sodré ultrapassa os limites corporativos falando sobre o Brasil do mesmo lugar ocupado pelos nominados *intelectuais progressistas*, defendendo conceitos de nação e cultura brasileira, em oposição aos chamados *conservadores*, denominados, a partir das lutas travadas entre as correntes militares em oposição no Clube Militar, *reacionários* e *entreguistas*. Essas lutas foram mais acirradas, no início da segunda metade do século XX, nas tomadas de posição em torno de projetos de uso de energia como processo tecnológico de desenvolvimento do país. Principalmente na campanha *O Petróleo É Nosso*, setores militares, intelectuais, estudantis, políticos, empresariais, profissionais e sindicais se entregaram, numa voragem nunca vivida pelo país, às idéias de exploração do petróleo: com recursos nacionais, pelo capital estrangeiro, ou por uma associação entre capitais nacionais e estrangeiros.

Entre 1946 e 1949, o Governo Dutra, eleito após a queda da Ditadura do Estado Novo, endurece, atrela-se às posições do Departamento de Estado Norte Americano, cassa o partido Comunista, desencadeia feroz perseguição a intelectuais e sindicalistas *suspeitos de agentes bolcheviques*, defende o envio de tropas brasileiras para auxiliarem os Estados Unidos na invasão da Coréia e, numa manobra contra o pensamento crítico, rotula de comunista até o nacionalismo brasileiro. No Clube Militar, os internacionalistas acusam a linha da qual fazia parte Sodré, de comunista. Como o oficialato e correntes intelectuais que negavam a existência de petróleo no Brasil e os que defendiam sua exploração por empresas estrangeiras também se declaravam nacionalistas, Sodré se posicionou, como observador e participante marxista nacionalista, escrevendo:

Partimos, desde logo, de definição do que é nacional, para que não haja dúvidas: só é nacional o que é popular. A nação para nós, é o povo e não apenas o território. Ela foi construída, em processo histórico, isto é, pela acumulação, ano a ano, século a século, de tudo aquilo que, em nós, representou trabalho e sacrifício, tudo aquilo que foi resultado do esforço coletivo, tudo aquilo que, depois de quatro séculos, aproximando-se do quinto, chegou a moldar a fisionomia atual do país: a sua grandeza geográfica, as suas tradições, o seu povo. (3)

Caserna e Jornalismo - mundos sem transição

Como tantos jovens de classe média, sem recursos para financiar os estudos, Sodré opta pela carreira militar aos treze anos de idade, ingressando no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Membro de uma família de muitos leitores, foi ele próprio, desde a infância, frequentador de bibliotecas públicas e bibliotecas de colégios em Copacabana, onde viveu a primeira fase de sua vida.

No Colégio Militar se inicia o caminho de uma vida trilhada em dois mundos, sem ruptura: Embora se fascine, logo em seu ingresso, pelo movimento estudantil em torno da revista *Aspiração*, onde publica no mesmo ano sua primeira crônica “*Um Dia*”, Sodré se faz militar pelo esforço de preparação para uma vida de princípios rígidos, incorporando os saberes necessários ao desenvolvimento da carreira no oficialato. Segundo as avaliações de seus superiores hierárquicos, se distingue sempre por suas *virtudes de oficial consciente e cumpridor de seus deveres, ímpoluto, de inteligência brilhante, de convívio elevado com superiores e subordinados hierárquicos, leal e patriota*. (4) Na revista *Aspiração*, do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Sodré publicou sete crônicas entre 1924 e 1929, tendo sido também seu diretor. Neste último ano, é premiado com o conto “*Satânia*”, publicado na revista *O Cruzeiro*, o mais importante órgão da imprensa em circulação no país. Ingressando na Escola de Cadetes do Realengo em 1931, logo se interessa pela *Revista da Escola Militar*, assumindo sua direção por dois anos. Promove, com o colega Apolônio de Carvalho, sua modernização, tornando-a mais dinâmica e nela publicando artigos sobre temas externos à vida militar, trazendo para o debate entre oficiais e cadetes problemáticas discutidas pela sociedade desse período.

Em 1950, como Diretor do Departamento Cultural, na Revista do Clube Militar, torna-se intelectualmente respeitado por seus pares pelo alto nível e a versatilidade dos assuntos que debate, introduzindo novas seções para ampliar a participação do oficialato na revista.

Tendo-se iniciado ao mesmo tempo em dois mundos, soube vivê-los distinguindo-se também entre a intelectualidade civil da qual fez parte desde a década de trinta, quando participou da roda intelectual da Livraria José Olympio, ao lado de escritores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Ligado, como Hélio Jaguaribe e Guerreiro Ramos, ao Grupo Itatiaia, na década de cinquenta ganha projeção nacional a partir de sua atuação no ISEB à frente do curso de História do Brasil, embrião da História Nova, coleção publicada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC). As novas interpretações da História do Brasil, veiculadas nessa coleção, instigaram os debates sobre desenvolvimento brasileiro, nas décadas de cinquenta e sessenta até o fechamento do ISEB pelo Golpe de 1964, com as prisões e cassações de Sodré e vários outros intelectuais.

Período muito fecundo em sua carreira intelectual, é quando se torna mais conhecido no mundo das comunicações, pela intensa atividade jornalística na *Última Hora* e no *Semanário*, nos anos 50. Escrevendo editoriais ou como articulista do jornal *Última Hora*, Nelson Werneck Sodré exerce funções essenciais, não só fornecendo delimitações para o *fazer jornalismo* e o *fazer literatura*, como desenvolvendo análises dos movimentos civis e militares que agitaram e trouxeram inquietação à sociedade na sucessão de

escândalos que culminaram com o suicídio de Vargas em agosto de 1954 e as tentativas de golpe contra a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK).

Falando sempre de dois lugares, como observador e ativista, além de civil e militar, como jornalista Sodré lança pontes de compreensão para o leitor entender o não dito nas disputas político partidárias, sobre o significado das rupturas das frentes que lutavam pelo domínio do Clube Militar. Expondo as entranhas dos interesses em jogo, mostra a relação entre a Escola Superior de Guerra e a Cruzada Democrática, apontando *comunistas* entre o oficialato de feição nacionalista nas eleições do Clube Militar e a ação agitadora na imprensa, do udenista (membro do partido União Democrática Nacional UDN) Carlos Lacerda, mostrando o cenário civil - militar de preparação do golpe contra a ordem constitucional. Comunicador apaixonado, utiliza o jornalismo em sua feição mais valorizada, que é transmitir a informação mais fiel à realidade dos fatos, levando instrumentos de reflexão ao leitor, tentando responder-lhe indagações, enfim, pondo-se em relação estreita com o público, sem aliená-lo com manipulações sobre a realidade.

Ocupando no *Última Hora* uma coluna de Crítica Literária, em 24 de março de 1956 o autor escreve uma Apresentação, explicando inicialmente:

(...) deixando de constituir um programa, pode estabelecer e fixar as normas que se pretende obedecer. As que serão seguidas aqui derivam muito mais da realidade do que dos desejos dos que se propuseram a fazer alguma coisa nova no terreno sempre difícil da informação literária em termos de imprensa (...)

Delimitando campos do saber, prossegue:

Um dos jornalistas mais conhecidos queixava-se há pouco, de que a literatura retira da imprensa, em nosso país, e nada lhe oferece na conjugação jornal e literatura; aquele só teria a perder. Parece que se trata de uma visão unilateral do problema, derivada, com justa razão, do quadro que a realidade do nosso país apresentava e que merecia todas as críticas. Em primeiro lugar faltava aos homens de letra, quando colocados no campo da imprensa, a exata compreensão das características desta. Por condições estruturalmente ligadas ao nosso desenvolvimento, literatura e imprensa confundiram os seus campos por muito tempo. Mais do que isso, que uma cobriu as deficiências da segunda, fornecendo o elemento humano, quando a divisão de trabalho não havia sido completa nesse setor, daí derivou muito do que existiu e ainda existe, de provinciano em nosso jornalismo. A verdade, porém, é que a divisão do trabalho continuou a se desenvolver e o jornalismo, ampliando as suas técnicas de trabalho, acabou por adquirir sua fisionomia própria, elaborando ao mesmo tempo a linguagem que lhe era conveniente.

Por motivos que seria demorado apreciar, a literatura não correspondeu àquela definição... Esta página vai acompanhar, dentro do campo literário, o inquieto e fecundo momento que estamos vivendo... O que existe entre o autor e a vida tem importância real.

Instaurada a Ditadura Civil Militar após o Golpe de 1964, a Editora Civilização Brasileira, por iniciativa de seu proprietário Ênio Silveira e do poeta Moacyr Felix lança, em

março de 1965, a *Revista Civilização Brasileira*, criada como espaço e veículo de resistência à ditadura. Revista bimestral, circulou até dezembro de 1968, quando é editado o Ato Institucional nº 5 - AI 5, encerrando sua publicação, que atingiu um total de 22 números convencionais e três números de Caderno Especial. Estes Cadernos eram editados com temas específicos, como o nº 1 intitulado *A Revolução Russa Cinquenta Anos de História*.

Com a participação de intelectuais mais conhecidos da linhagem de esquerda, foi a publicação mais vendida e o mais importante órgão da imprensa, como revista cultural, naqueles três anos e nove meses de vida, quando a editora recebia pedidos de todo o Brasil, tanto de compra, quanto de publicação de artigos. De seu Conselho de Redação faziam parte intelectuais como Roland Corbisier, Ferreira Gullar, Celso Furtado, Octávio Ianni, Álvaro Lins e outros, integrando-o também Nelson Werneck Sodr e e outro General, Manuel Cavalcanti Proença, intelectual voltado principalmente para os estudos da cultura popular brasileira, sendo o maior especialista em literatura de cordel e grande conhecedor da obra camoniana.

Em seu primeiro número a RCB apresenta, além de editorial sobre Propósitos e Princípios, doze se es: Política Nacional, Política Internacional, Economia, Problemas Sociais e Políticos, Literatura, Artes Plásticas, Cinema, Teatro, Problemas Culturais e Filosóficos, Ciência e Tecnologia, Cultura Popular e Documentário. Neste número Sodr e escreve o artigo “Prosa Brasileira em 1964: Balanço Literário”. Neste ano de 1965, publicou ainda: *Condi es e Perspectivas da Política Brasileira*; *O Terrorismo Cultural*; *Notas da Crítica*; *O Movimento Literário*; *História da História Nova e História da História Nova II*, preservando o estilo crítico e destemido (5).

Regionalmente Sodr e já convivia com os leitores de São Paulo desde 1931 aos vinte anos de idade, quando publicou, no *Correio Paulistano*, a cr nica “A Ironia e a Piedade”. A partir de 1934, com a cr nica “Infância – escola”, de 19 de setembro, torna-se colunista do jornal, publicando até cinco matérias semanais, sendo convidado, em maio de 1936, a se tornar colaborador com uma coluna de Crítica Literária. Manteve essa coluna, com alguns intervalos durante vinte e cinco anos, intercalando esses Rodap s com artigos sobre outros temas, perfazendo um total de 1023 matérias publicadas nesse jornal. Em anota es sobre esse período, Nelson Werneck Sodr e registra que jamais recebeu qualquer pagamento referente a essas atividades, a não ser a doa o dos livros que recebia do jornal para serem analisados.

Em 1938 publica *História da Literatura Brasileira*, sendo reconhecido, para além de São Paulo, como estudioso de Literatura. Esta obra foi revisada e ampliada em dez edi es. Muito criticado por sua técnica de divulgador de conhecimento que não atendia a exigências acadêmicas de cita es bibliográficas, Sodr e apresenta, nessa décima edi o, um belo trabalho de pesquisa de Literatura, demonstrado por esclarecedoras notas de p  de página, riquíssima bibliografia, cita es,  ndice onomástico e trinta e duas páginas de fontes bibliográficas.

Nessa edição, desenvolve o estudo desde o Brasil Colônia, quando o país é proibido de ter imprensa, mas seus intelectuais escrevem publicando no estrangeiro, embora Sodré não classifique como brasileira esse tipo de produção do período. Coerente com a afirmação de que um país só tem literatura e imprensa nacional quando atinge o grau de autonomia política e econômica, situa no romantismo, depois da independência política, os primeiros indícios de temas que apontam para o que seria, posteriormente, uma literatura brasileira. Analisa a *Crítica Literária* e a *História da Literatura* escritas por José Veríssimo e por Sílvio Romero, os primeiros estudiosos da história da cultura que aqui se fazia. Em sua perspectiva, a partir da Semana de Arte Moderna (1922) e do Manifesto Regionalista do Recife (1926). Mas principalmente depois da Revolução de Trinta, se começa a fazer uma literatura brasileira, com linguagem e problemática eminentemente nacionais.

Fazendo a História do Brasil, Sodré está escrevendo a História da Cultura, conseqüentemente a História da Comunicação no Brasil, sendo ele próprio, como escreve Marques de Melo, protagonista e coadjuvante desse processo. Não aceita a existência de literatura no período colonial porém, como Veríssimo e Sílvio Romero, o autor registra a importância de uma cultura popular, portanto praticada por índios, negros escravos e seus descendentes mulatos, mamelucos, cafusos, brancos pobres, malditos como ciganos e judeus, num amálgama de costumes e raças que tipificam o colorido cultural daquele período, com a predominância de uma oralidade pela qual, numa transmissão entre grupos e gerações, se iniciam as características culturais do Brasil. A comunicação entre os membros da classe senhorial toma como referência os valores da metrópole, daí refletir não uma realidade vivida, mas, num caráter extremamente alienante, as preocupações do europeu com suas problemáticas de colonizador.

Sua concepção de literatura se baseia nos pressupostos historicistas do marxismo, como: nação e nacionalismo, pátria e patriotismo, etapas históricas da sociedade baseadas no desenvolvimento dos modos de produção. Numa perspectiva que atravessa toda sua obra (política, econômica, sociológica, antropológica e literária) a relação com o meio natural e social, o local e o regional são embasamentos para o territorial – o nacional. Além disso, para merecer a classificação de literatura, a criação deve ter intenção artística, esmero de forma, enfim, ser arte. Seu conceito de estética se desenvolve pelas concepções de Gyorgy Lukács. Segundo Sodré, só se faz literatura brasileira a partir de fins do século XVII, quando o escritor Tomás Antonio Gonzaga, membro da Arcádia, afirmando ser Gonzaga um escritor brasileiro, por transmitir em seus escritos a marca dos sentimentos brasileiros, como o lirismo, *nossa forma de cantar o velho tema do amor*. Antes de Gonzaga e Cláudio Manoel da Costa, no período colonial não teria havido literatura, defendendo Sodré a teoria da Transplantação da cultura da metrópole para a colônia, ocorrendo aqui meras imitações, quando não verdadeiros plágios.

Conceituando literatura como arte, interpretação da realidade, Sodré reflete sobre a transmissão das interpretações à generalidade dos homens, já que para ele *Só existe arte*

onde há comunicação. Essa concepção faz dele um comunicador, um publicista escrevendo livros, portanto trabalhando em nível de abstração mais elaborado para falar a um público intelectual, ou se comunicando com o grande público, homens comuns não profissionalmente intelectuais. Para esse tipo de leitor reserva-se a técnica comunicacional de uma linguagem própria à necessidade de transmissão de imagens de forma sucinta, não só pela menor disponibilidade de tempo do leitor de jornal, como pelo alto preço dos espaços do jornal, vendidos milimetricamente para a publicidade.

Em *História da Imprensa no Brasil* elabora uma análise das diferentes fases da imprensa, segundo sua perspectiva uma produção típica do surgimento da burguesia como classe dominante, tendo sido um de seus instrumentos inteligentemente utilizados no longo processo de combate ao sistema monárquico de governo. Na passagem da fase artesanal, no início da imprensa industrial, os grandes jornais mantinham para leitores específicos colunas de grandes jornalistas que discutiam com eles temas de seus interesses, havendo diferenças, defesa de pontos de vista entre determinados jornalistas que representavam uma tendência de grupos de leitores que se alinhavam àquela linha de interpretação da realidade. No apogeu da fase industrial, passando para a financeira e empresarial do capitalismo, a imprensa é ela também uma grande empresa. Como tal, atua no interesse dos pagantes da publicidade veiculada e não do público leitor, divulgando os valores da grande empresa. Desaparecem os grandes jornalistas com suas polêmicas, suas opiniões próprias, porque o que se serve ao leitor é a grande mercadoria – a notícia –, embora trabalhada de maneira diferente dos grandes meios de comunicação de massa, rádio e televisão, mais rápidos, de muito maior alcance. A tomada de posição, a opinião sobre os fatos, a interpretação deles, são a linha do jornal e não dos jornalistas, que cedem espaço e prestígio ao repórter, às agências de notícias, quase todas estrangeiras, que vendem à grande imprensa e aos meios de comunicação de massa a notícia já trabalhada, manipulada pelos interesses das grandes corporações, em detrimento dos interesses do público. Como as notícias são compradas nos mesmos fornecedores, instaura-se uma semelhança muito grande entre os grandes jornais, em acentuado processo de diminuição, resultado das estratégias de fusão de grandes empresas, que atingem também as de comunicação. Embora grandes jornais enviem seus repórteres até ao exterior em busca da notícia *onde os fatos estão acontecendo*, as interpretações são as mesmas na grande imprensa e nos meios de comunicação de massa, num mundo globalizado.

Em suas análises sobre a História do Brasil situa a formação da sociedade colonial, com projeção no Brasil Império da *ideologia colonialista*, como feudal, posição teórica duramente criticada pela revisão da historiografia com ênfase no conceito de Cultura Brasileira no mundo universitário da década de setenta, principalmente na Universidade de São Paulo (USP), a partir do livro de Carlos Guilherme Mota, *Ideologia da Cultura Brasileira*. Neste contexto de revisão de todas as teorias sobre o Brasil, professores dessa Universidade, como Maria Sílvia de Carvalho Franco, atacam, principalmente os conceitos de *feudalismo* no Brasil Colonial, defendidos por Sodré desde os tempos do

ISEB, e o conceito de *modo de produção escravista* de Jacob Gorender. Porém, a crítica mais contundente se dirige às interpretações de Sodré sobre o papel da burguesia e dos militares na História do Brasil. Esta corrente crítica, comparando suas interpretações com as de Caio Prado Júnior, considera mais argutas e teoricamente mais consistentes as do intelectual paulista, determinando-se o desaparecimento da obra de Nelson Werneck Sodré do debate acadêmico.

Na década de noventa, a partir da pesquisa iniciada por José Marques de Melo, sobre o perfil biográfico dos principais pesquisadores e autores da Ciência da Comunicação no Brasil, observa-se o retorno da obra de Sodré aos estudos acadêmicos, correspondendo ao grande desenvolvimento dos Cursos de Comunicação e Jornalismo. Estes estudos procuram discutir sua contribuição a essas áreas de conhecimento, em setenta e cinco anos de vida jornalística, da crítica literária, crônica, resenha crítica em economia e política, até o *jornalismo de combate*, fazendo a *História do cotidiano* em revistas e jornais alternativos, numa frente de batalha, perto dos oitenta anos, contra *globalização*, *neoliberalismo* e mega empresas de comunicação.

Também nesse período se dá o início de uma autocrítica das esquerdas, um balanço das principais teorias sobre desenvolvimento e revolução brasileira, dos anos que precederam o golpe de sessenta e quatro. Considerado um dos principais teóricos das esquerdas, Sodré tem sua obra revista e analisada em dissertações de mestrado e teses de doutorado, concede entrevistas a vários pesquisadores e dialoga com muitos estudantes que lhe enviam trabalhos para que ele os avalie.

Enquanto se reformou se afastando do exército como general e encerrando os 38 anos de vida militar em 1962, suas atividades de escritor e jornalista jamais foram interrompidas, mostrando-se assim sua missão. Durante a vida militar, mesmo quando servia em quartéis nas fronteiras mais distantes, encontrava formas de enviar seus trabalhos semanais às redações dos jornais para os quais trabalhava.

Foi pelas preocupações de comunicador intencionalmente orientado para intervir na Cultura Brasileira, que produziu seu mais importante conjunto de obras: *História da Literatura Brasileira*, *O Que se Deve Ler para Conhecer o Brasil*, *História da Imprensa no Brasil*, *Síntese de História da Cultura Brasileira*, *Orientação do Pensamento Brasileiro*, *Síntese do Desenvolvimento Literário no Brasil*, *Revisão de Euclides da Cunha*, *O Naturalismo no Brasil*, *Ofício de Escritor*, *Fundamentos da Estética Marxista*, *Memórias de um Escritor*, *Literatura e História no Brasil Contemporâneo*, *Em Defesa da Cultura e A Luta pela Cultura*.

Trabalho a obra comunicacional de Nelson Werneck Sodré tomando como embasamento teórico as análises de José Marques de Melo, desenvolvidas em: *Teoria do Jornalismo*, *História Social da Imprensa*, *Jornalismo Opinativo* e, *Nelson Werneck Sodré - Jornalismo Brasileiro*. Além disso, me baseio em suas ideias desenvolvidas na conferência *Muito Além da Grande Imprensa – Nelson Werneck Sodré e o Campo da Grande*

Imprensa, no Seminário Um Projeto de Brasil na Obra de Nelson Werneck Sodré, em novembro de 2007, na UERJ.

Para o universo comunicacional, a obra mais importante de Sodré é *História da Imprensa no Brasil*, não só pela riqueza de informações, mas principalmente pelo rigor da metodologia de pesquisa desenvolvida, atendendo ao mesmo tempo às exigências acadêmicas de citação de todo autor e documento pesquisado. Em entrevista à jornalista Mânia Millen, do *Prosa e Verso*, quando a Editora Mauad preparava a 4ª edição dessa obra, que trabalhara 30 anos na pesquisa e redação do livro. Para esta edição, lançada em abril de 1999, saindo, pois, como obra póstuma, o autor deixou capítulo inédito sobre a situação da imprensa no Brasil em finais do século XX.

Neste capítulo, Sodré analisa a situação da imprensa em fins do século XX quando, tendo atravessado a fase artesanal e industrial, adquire o caráter de grande empresa, promovendo o próprio distanciamento em relação aos leitores. É o comportamento de uma *empresa de comunicação*, comportando também, segundo o modelo norte americano de jornalismo, os meios de massa, rádio e televisão, trabalhando todos com a *informação*, mercadoria muito valorizada, vendida pelas grandes agências internacionais de notícias, tratando esse fenômeno como o monopólio das grandes corporações da comunicação, existentes na segunda metade do século XX.

Sobre a mídia massiva, afirma, além de sua oligopolização, o crescente caráter de ente alienado e alienante. Conseqüência dessas características da imprensa num mundo globalizado, assiste-se à diminuição de grandes jornais. Em seu expresso desalento quanto ao papel da mídia nesse período de ataque contundente ao estado nacional, enuncia o surgimento de uma imprensa alternativa como fator de esperança de não se perder a possibilidade de existência de uma imprensa menos global e mais nacional.

Neste início do século XXI, muitos estudiosos têm revisitado sua obra, constatando a atualidade de seu pensamento. Seminários, dissertações e teses reintroduzem nos debates universitários temáticas caras a Sodré, como a miséria que se espraia pelo mundo regido pela ideologia do lucro – o neoliberalismo ou globalização, para ele palavras fetiches que tentam escamotear, com discursos novos, o já conhecido e denunciado efeito do colonialismo, do imperialismo sobre os povos dominados.

Foi no campo da imprensa que Nelson Werneck Sodré desenvolveu com mais autoridade sua função jornalística, analisando a economia e a política, em jornais e revistas, em diferentes momentos da vida nacional. De posição nacionalista reafirmada na vida civil como na militar é, no jornalismo, crítico ferrenho de posições políticas, de teorias econômicas que defendam princípios contrários à segurança e ao desenvolvimento do país enquanto povo e território. Essa militância lhe deu visibilidade nacional em todas as discussões sobre o patrimônio cultural e as riquezas da nação, racismo, luta contra o nazifascismo, sobre economia nacional e os episódios políticos que viveu.

Alargando os estudos para os acontecimentos mundiais de seu tempo, defendeu posições anti belicistas nas invasões da Coréia, do Vietnã e de Cuba pelos Estados Unidos, criticando a Guerra Fria que submetia os povos a constantes tensões pela carreira armamentista. Defendeu sempre a liberdade de imprensa, de pensamento e de expressão.

Para estudiosos como o Professor José Marques de Melo, há que se pesquisar, na obra de Nelson Werneck Sodré, seu *interesse crescente pelos processos sociais de comunicação*. Nesse enfoque da obra de Sodré, ressalto a forma original como ele desenvolve suas concepções sobre a problemática. O ofício de escritor, para Sodré, é uma busca da essência da realidade, na análise dos processos históricos que constituem o fazer humano nas intervenções sobre a natureza. Para ele existe uma *ânsia humana pela perfeição, da qual a arte é a expressão, sendo eterno o ideal estético em suas múltiplas formas*, e a devoção artística *uma forma de devoção ao homem*.⁽⁶⁾ O escritor, atingindo a perfeição artística no domínio da palavra, tem na Comunicação o instrumento para levar a autenticidade, em combate à alienação, a todas as pessoas, intervindo no devir social. A comunicação é, pois, missão, é luta para que as pessoas tenham consciência de sua realidade, não mergulhando nos falseamentos forjados pelos ideólogos do sistema de exploração. Para ele, as interpretações da realidade, divulgadas pela imprensa ou pela literatura, devem ter o compromisso com a autenticidade, com a realidade, desempenhando a função desalienadora de desvelamento do real, da essência e da concretude da vida.

Referências bibliográficas

(Avaliações de comandantes sobre Nelson Werneck Sodré, registradas em suas folhas de serviço. Documentação pertencente ao Acervo Documental particular de sua filha, a psicóloga Dra. Olga Sodré.)

HACK, Josias Ricardo. Um General Conta Sua História Perfil Biográfico de Nelson Werneck Sodré. Revista Roteiro. Joaçaba, Vol XX, Nº 37, jan/jun. 1997.

NEVES, Ozias Paese. *Revista Civilização Brasileira (1965-1968): uma cultura de esquerda no cenário político/ditatorial*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck – *Ofício de Escritor*. Rio de Janeiro, Ed.Civilização Brasileira, 1965.

_____. *Memórias de Um Escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. Vamos Deter a Traição. In SODRÉ, N. W. *Tudo é Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

Revista Advir - Edição número 27
Publicação da Associação de Docentes da Uerj - Asduerj
Dezembro de 2011